

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PROGRAMA DE MESTRADO EM ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM
REDE DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM – REPENSUL/PÓLO 1- UFPR**

**MULHERES, ENFERMEIRAS DESVELANDO-SE EM COMUNHÃO NO
MUNDO E COM O MUNDO, NUM CÍRCULO DE CULTURA**

KLEYDE VENTURA DE SOUZA

CURITIBA

1999

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PROGRAMA DE MESTRADO EM ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM
REDE DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM – REPENSUL/PÓLO 1- UFPR**

**MULHERES, ENFERMEIRAS DESVELANDO-SE EM COMUNHÃO *NO*
MUNDO E *COM O* MUNDO, NUM CÍRCULO DE CULTURA**

Autora: KLEYDE VENTURA DE SOUZA

Orientadora: Dr^a Rosita Saupe

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina / Expansão Pólo I – UFPR, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Enfermagem, na área de Assistência de enfermagem

CURITIBA


1999

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PROGRAMA DE MESTRADO EM ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM
REDE DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM – REPENSUL/PÓLO 1- UFPR**

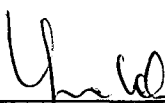
**MULHERES, ENFERMEIRAS DESVELANDO-SE EM COMUNHÃO NO
MUNDO E COM O MUNDO, NUM CÍRCULO DE CULTURA**

Elaborada por:
KLEYDE VENTURA DE SOUZA


Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Enfermagem na área de Assistência de enfermagem do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Santa Catarina/Pólo 1 – UFPR, pela Banca Examinadora formada pelos professores:



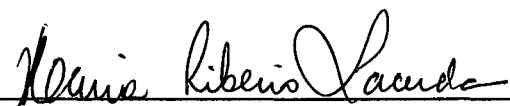
Dr^a Rosita Saupe
Presidente



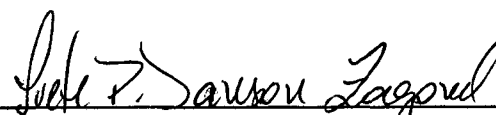
Dr^a Ymiracy Nascimento de S. Polack
Membro



Dr^a Lourdes Gisi
Membro



Dda. Maria R. Lacerda
Membro



Dr^a Ivete Palmira S. Zagonel
Suplente

Curitiba, 09 de abril de 1999.

UFSC - Curso de Pós-Graduação
em Enfermagem



Prof^a. Dr^a. Denise E. Pires de Pires
Coordenadora

Desde o começo mesmo da luta pela humanização, pela superação da contradição opressor-oprimido, é preciso que eles se convençam de que esta luta exige deles, a partir do momento em que aceitam, sua responsabilidade total. É que a luta não se justifica apenas em que passem a ter liberdade para comer, mas liberdade para criar e construir, para admirar e aventurar-se.

Paulo Freire

*Aos Amores que tenho, Rosário,
Minha Mãe, Ribamar, Meu pai, Meus
irmãos Paulo, Klélia e Wladmir, por
tudo, que até aqui temos
compartilhado e construído.*

AGRADECIMENTOS

À Dra Rosita Saupe minha orientadora. Pelas palavras, pelo carinho, pelo incentivo, pela compreensão e pelo aprendizado... MUITÍSSIMO obrigada !

À Dra Lilia B. de Magalhães, grande presença, na concretização deste estudo.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina – Extensão Pólo – I/UFPR, pelas importantes contribuições.

Aos colegas de turma, pelo que conseguimos compartilhar durante o curso.

Às Instituições : Secretaria Estadual de Saúde de Santa Catarina e CAPES – Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de pessoal de Nível Superior, pela liberação e bolsa de estudo.

À Dra Alacoque Lorenzini Erdmann, Coordenadora da Pós – Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina, pelo apoio, num momento difícil desta caminhada.

À Coordenação de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Paraná.

Às amigas de longa data, Flavinha, Sayonara e Nice, pelo incentivo, apoio e amizade, sempre!

À amiga Wita, pela amizade, solidariedade e proximidade permanente. Salve!

Ao Daniel Querido, pelos diálogos visíveis e invisíveis, que têm marcado a presença deste homem no meu mundo !

Aos amigos de Mafra/SC e Rio Negro/PR : Matilde, a Família Neves e a todos os outros, pelo carinho, amizade e incentivo. Meu eterno reconhecimento !

À amiga do peito, Darci, pela presença em todas as horas que precisei. Ufa!

Aos amigos Fati e Alexandre, ao Ricardo (in memórian). Grandes descobertas !

Às amigas Aldinha, Gi e Wandelise, pelo incentivo e disponibilidade. Acho que acabou!

À Teresinha pela revisão do texto, à querida Denise pela ajuda nos momentos em que me faltava paciência e ao Alexandre pela colaboração contínua. Um beijo!

Às Mulheres, Enfermeiras que fizeram parte deste estudo, Andréa, Denise, Vergínia, Elis, Ana e Luana, meu agradecimento especial, pelo empenho, pela força de suas presenças e pela solidariedade. Um grande beijo e Obrigadíssima!!!!!!

*Finalmente, a todos aqueles e aquelas, que através de suas relações no mundo e com o mundo, têm acrescentado algo à minha vida, que me faz ser quem sou, e continuamente buscar o que desejo :
SER MAIS gente, mulher e enfermeira!!*

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	vii
RESUMO	viii
ABSTRACT	ix
1 – INTRODUÇÃO	01
1.1– O Início da Trajetória.....	01
1.2– O encontro com as Concepções do Educador Paulo Freire Como um Referencial.....	04
1.3– Os Objetivos.....	07
2– REFERENCIAL TEÓRICO METODOLÓGICO	09
2.1– Os Conceitos.....	11
2.2- Método Freireano ou Itinerário de Pesquisa.....	16
2.3– Aspectos éticos.....	24
3- DESCRIÇÃO DO PROCESSO DE FORMAÇÃO/CONSTRUÇÃO DO CÍRCULO DE CULTURA	28
3.1- Do Processo de Atuação.....	30
3.2 -Das Participantes.....	31
3.3 - Dos Encontros.....	33
4- CODIFICAÇÃO, DESCODIFICAÇÃO e DESVELAMENTOS - RECORTES DOS ENCONTOS	53
5 – REFLEXÕES ANALÍTICAS	77
5.1- O Significado dos Papéis de Gênero em Busca do Ser Mais Mulher.....	79
5.2- As Relações de Dominação à Mulher-Enfermeira.....	84
5.3- Diversidade das Concepções Feministas.....	92
5.4- O Caráter Social das diferenças Entre os Sexos.....	94
5.5- A Construção do Conceito Ser Enfermeira.....	100
5.6- O Processo Pessoal de Superação das Participantes.....	105
6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS	110
7 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	117
ANEXO	122

LISTAS DE FIGURA

FIGURA 1 – Representação gráfica dos conceitos que constituem o Ser Humano/SER MAIS.....15

MULHERES, ENFERMEIRAS DESVELANDO-SE EM COMUNHÃO NO MUNDO E COM O MUNDO, NUM CÍRCULO DE CULTURA

RESUMO

Convicta da relação direta entre educação e humanização, e que, estas são inerentes à minha prática profissional, desenvolvi em comunhão com seis colegas, que atuam em serviços de saúde dos municípios de Mafra/SC e Rio Negro/PR, um Círculo de Cultura, tendo como referencial teórico metodológico, o Itinerário de Pesquisa proposto por Paulo Freire. Com o objetivo de ampliar as possibilidades de SER MAIS, e sensibilizar as enfermeiras para desenvolver atitudes e comportamentos de caráter reflexivo, em constante ato de desvelamento da realidade, trabalhamos com os conceitos de Ser Humano e Mundo. Realizamos oito encontros, no período de abril a junho de 1997. Nestes encontros selecionamos quatro “temas geradores” : a) Ser Mulher e Enfermeira; b) Ética e Enfermagem; c) Contexto da atuação profissional; d) Como SER MAIS?. Destes, desenvolvemos os dois primeiros, sendo que para este estudo, trabalhei com a temática Ser Mulher e Enfermeira. Iniciamos, experimentando a metodologia da dialogação como uma “ferramenta” a mais para o nosso cotidiano profissional, no que se refere principalmente, à educação em saúde. A partir daí, vivenciamos encontros e descobertas : 1) a nossa crença na humanização de homens e mulheres no e com o mundo 2) o fato de todas estarmos diante de “situações-limites”, as quais conseguimos, ou se não, tentamos superar, não mais isoladamente, mas em comunhão. Do conjunto de anúncios e denúncias feitas pelas integrantes, percebemos que as transformações que aconteceram, durante os encontros, e as que precisavam acontecer, nos davam conta da necessidade da assunção de nosso papel na conquista da situação de Sujeitos, com vistas a superação da realidade opressora, da pronúncia de um novo mundo, cada vez mais humano. A eficiência e eficácia do método da dialogação, se mostraram positivas, segundo a nossa análise, tendo em vista, os desvelamentos percebidos e destacados. A formação de novos Círculos de Cultura, após a realização, se encontra no âmbito de nossas perspectivas, principalmente, no que diz respeito, a utilização da metodologia na área de educação em saúde.

WOMENS, NURSES TOGETHER IN THE WORLD END WITH WORLD, IN A CULTURE GROUPE

ABSTRACT

Convinced of the straight relationship between education and humanization, and that they are inherent to my professional practice, I started a Culture Group, together with six colleagues involved in health services in the municipalities of Mafra/SC and Rio Negro/PR. The methodological theoretical reference we used was the Research Itinerary proposed by Paulo Freire. We have worked on the concepts of Human Being and the World, with the purpose of increasing the possibilities of BEING MORE, and encouraging nurses to develop reflective attitudes and behaviors, in a continuous action of disclosing the reality. We had eight meetings, from April to June 1997. During those meetings, using a dialogue approach, we selected four "major topics": a) Being Woman and Nurse; b) Ethics and Nursing; c) Context of the professional activities; d) How to BE MORE? We began experimenting with the methodology as another "tool" for our daily professional activities, mainly concerning health education. From that starting point, we had our meetings and findings: 1- our belief in the humanization of men and women in and with the world. 2- We are all facing "limit situations", which we try and can overcome, not alone anymore, but as a group. From all the announcements and complaints made by the group members, we could notice the transformations that happened, from meeting to meeting, and those that could still happen. That made us aware of the importance of our role in conquering the position of Subjects, intending to surpass the oppressing reality, fighting for a new world, each time more humanized. The efficiency and effectiveness of the method were positive, according to our analysis, based on the happenings perceived and highlighted by us. We intend to create new Culture Groups, having this original one as a model, mainly concerning the use of the methodology in the area of health education.

1- INTRODUÇÃO

Neste capítulo apresentarei ao leitor ou à leitora, a idéia que norteou o presente estudo. Na primeira parte contarei um pouco da minha história profissional, bem como as crenças e valores que até aqui têm sustentado essa história. Ainda as concepções que fundamentaram o trabalho realizado e finalmente, os objetivos.

1.1 – O Início da Trajetória

Já durante o curso de graduação percebi a importância dos profissionais de enfermagem no que se refere, mais especificamente, à educação para a saúde. Àquela época, acadêmica, impregnada dos mais variados sonhos, enchia-me de alegria e esperança quando paulatinamente ia descobrindo a necessidade de compreender não só o ser humano, mas as relações que este estabelece com o mundo, como condição primeira para exercer a profissão de enfermeira. Tal necessidade, (concluía) à medida que o tempo passava, conduzia-me à idéia de desenvolver, o que considero ser uma das nossas maiores características, a vocação para o diálogo, o qual não se realiza, como coloca Freire (1987, p.81) “...se não há intensa fé nos homens. Fé no seu poder de fazer e refazer. De criar e recriar. Fé na sua vocação de Ser Mais, que não é privilégio de alguns eleitos, mas direito dos homens.” Descobria, então, que só poderia dialogar com as pessoas se me comprometesse verdadeiramente com elas.

Tive a oportunidade, enquanto acadêmica, de experienciar, por infinitas vezes, situações que me levaram a crer o quanto, na condição de profissional da enfermagem, poderia contribuir para melhorar a qualidade de vida do cliente, de sua família e por conseguinte da comunidade. A cada ano que passava, aproximava-me, cada vez mais, da idéia

de que a promoção da saúde, principalmente através da prática educativa, seria o que considero, até hoje, meu compromisso com os homens, com as mulheres, com as crianças, enfim, com os que constroem o mundo.

Formei-me em 1987 com medos, receios, inseguranças, que tomam conta de todos os profissionais que, recém-formados, precisam encarar o mercado de trabalho. Mas, em oposição a todo medo e insegurança, sentimentos de força e esperança inundavam-me a alma. Sentimentos que, originados em mim, transbordavam através dos olhos, das mãos, dos pensamentos, que marcavam o meu corpo e evidentemente minhas atitudes.

Nesta introdução, procuro colocar tão somente as marcas dos compromissos que assumi, que tiveram seu primeiro desvelamento à sombra dos bancos escolares nos quais sentei, talvez por isto tão irremediavelmente entrelaçados com a educação, uma das mais fortes características da existência humana (Saviani, 1994). Sendo assim, se arraigada à existência humana, não poderia deixar de ser norteada pelo conceito de humanização. Essa educação, alicerçada em reflexões e práticas que levam os indivíduos a trilharem caminhos que os impulsionam continuamente a desejarem, lutarem e finalmente conquistarem um estado de saúde com vistas à promoção da qualidade de vida, das suas próprias vidas, só pode ter êxito se for essencialmente humanista.

Agora, atuando como trabalhadora de enfermagem há treze anos, é que consigo explicitar minhas reflexões acerca da importância, não só da dimensão educativa da minha prática, mas também do processo educativo que a comporta.

Avancemos, pois. Habilitei-me em Enfermagem de Saúde Pública e, bem mais tarde, especializei-me em Enfermagem Obstétrica. A qualidade da assistência prestada à mulher no seu ciclo grávido-puerperal tornou-se objeto das minhas ações. Das variadas atividades nesse campo, a promoção da vida de seres humanos, geradores de outros seres

humanos, impulsionava-me a percorrer caminhos que nos levassem, a mim e a estas pessoas, a potencializar o papel de sujeito, que podemos assumir frente às situações que pontuam nossas vidas. Independentemente da situação em que nos encontremos, acabei por concluir que todos temos a capacidade de desenvolver o SER MAIS, este mesmo que a cada dia descobre as possibilidades de sua infinitude, frente à finitude mesma, que é a vida. Essas possibilidades, imagino, são vislumbradas através da conscientização dos homens que, como seres históricos, se envolvem num movimento de busca com outros homens no mundo, no qual podem potencialmente assumir o papel de sujeitos. Como afirma Freire (1987, p.74), “este movimento de busca, porém, só se justifica na medida em que se dirige ao *ser mais*, à humanização dos homens...(à) sua vocação histórica, contraditada pela desumanização que, sendo vocação, é viabilidade constatável na história. E, enquanto viabilidade, deve aparecer aos homens como desafio e não como um freio ao ato de buscar.”

Voltemos ao meu cotidiano profissional, em tese, vivenciado em ambiente comprometido com práticas que visem à promoção da saúde, certo? Certo.

Sejamos então mais específicos e pensemos na Enfermagem. Mais especificamente, ainda, no cuidado de enfermagem. Um leque de reflexões, de toda natureza, podem ser colocadas. Almeida e Rocha(1997, p.24) afirmam: “O cuidado de enfermagem comporta em sua estrutura o conhecimento (o saber de enfermagem) corporificado em um nível técnico (instrumentos e condutas) e relações sociais específicas, visando ao atendimento de necessidades humanas que podem ser definidas biológica, psicológica e socialmente”.

Avancemos mais. Analisemos a enfermagem enquanto categoria profissional. É “fácil” perceber a complexidade que a envolve, haja vista a existência de três sub-categorias na sua composição, bem como a divisão do trabalho, que a caracteriza e dicotomiza, trazendo

consigo um “mar” de contradições e conflitos vividos cotidianamente, num ambiente, cujo objetivo é promover saúde, promover vida.

Ao refletirmos sobre a forma de organização da enfermagem, nos damos conta da divisão técnica e social, que nos remete à questão da divisão do trabalho intelectual/trabalho manual, cerne da crise de identidade destes agentes, em especial das enfermeiras (Almeida e Rocha, 1997), visto o seu papel de articuladoras da organização do processo de trabalho da enfermagem.

Tais reflexões me levam, naturalmente, à busca de respostas aos desafios que experimento, seja nas relações com meus pares, com outros profissionais, com a clientela, ou seja em situações informais em que se coloque a Enfermagem, os Enfermeiros e o trabalho que desenvolvemos em questão. Sendo assim, percebo que, este meu Fazer Enfermagem se desenvolve num tempo que, mesmo sendo agora, foi construído “tijolinho por tijolinho”, através de uma história que, mesmo sendo passada, se faz presente. E, ao emendar-se com o hoje, me impulsiona a um tempo que chega, pretendendo-se consciente de que não será, porque já o é, e assim, será cada vez mais.

1.2 - O Encontro Com As Concepções Do Educador Paulo Freire Como Um Referencial

“Se a educação é uma prática social e a profissão de enfermagem também tem seu processo de trabalho voltado ao homem nas suas relações sociais, a educação e a saúde correm juntas, com o objetivo principal da emancipação do homem, em consequência maior, de uma saudável relação física, social e espiritual com o mundo que o cerca” Dyniewicz (1995,p.38). Nas palavras dessa autora encontro a correlação que corrobora minhas reflexões acerca do elo homem-saúde-educação. E, a mesma autora (1995,p.38), citando Leopardi

aponta: “... será na educação em saúde que o enfermeiro pode recriar todo um processo educativo, contendo conhecimentos de pedagogia, mais instrumentalizado, transformado, para dar conta de um trabalho que não é uma simples transferência de informação aos indivíduos.

Convicta da relação direta entre educação e evolução humana, portanto humanização, e de que estas são inerentes à minha prática, optei, então, por percorrer caminhos que me levassem a desenvolver o meu próprio SER MAIS, em comunhão com outras colegas, que também desejavam SER MAIS, a partir de um processo educativo que permitisse a reflexão sobre as condições vividas por um grupo de enfermeiras. E na expectativa de que, a partir desta reflexão, pudéssemos, de maneira individual e coletiva, intervir sobre a realidade objetiva, através de mediações que possam dar conta da nossa situação de SUJEITO, com outros que, potencialmente, também queiram assumir esta posição, na e com a realidade objetiva, mesma.

“Já agora ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” (Freire, 1987, p.69). Essa educação que o autor aponta tem a relação dialogal como indispensável. É essencialmente humanista/problematizadora/libertadora. Humanista, pois constituída a partir das relações homem-mundo e homem-homem; bem como problematizadora porque exige a superação das contradições entre essas relações, buscando a *emersão* das consciências, da qual resulte a *imersão* crítica da realidade (grifos do autor); finalmente libertadora, pois ajuda o homem a ajudar-se, fazendo-o agente de sua própria vida, através de uma postura conscientemente crítica (Freire 1987p.70).

Freire, um pensador não de idéias simplesmente, mas da própria existência que, aliada ao seu compromisso de educador de vocação humanista, existenciou (existencia) um pensamento pedagógico em que a busca de uma práxis nos leve, a todos, à prática da

liberdade. Prática esta em que os oprimidos criem condições de, através de atos reflexivos, perceberem-se, descobrirem-se e lutarem para conquistar o papel de sujeito, de biógrafo de sua destinação histórica, criador de sua própria cultura.

A fé que este pensador/educador sempre teve na vocação de SER MAIS, como direito de todos os homens e mulheres, levou-o à elaboração do método de alfabetização que, além do ato de repetir ou copiar palavras, leva os alfabetizandos, marginalizados pelo mundo da cultura letrada, à conquista da palavra, da sua própria palavra, para expressão de seus juízos em relação a si, aos outros e ao mundo. É o próprio Freire quem afirma (1994, p.47) : “É fundamental, contudo, partirmos de que o homem, ser de relações e não só de contatos, não apenas está *no* mundo mas *com* o mundo. Estar *com* o mundo resulta de sua abertura à realidade, que o faz ser o ente de relações que é.”

Tais concepções me levaram, me instigaram mesmo, ao desejo de experienciá-las, já que se coadunam com o meu Fazer Enfermagem. Nesta perspectiva, em face da concretização desta dissertação, procurei, em comunhão com seis enfermeiras, todas atuando em serviços de saúde dos municípios de Mafra/SC e Rio Negro/PR, formar um Círculo de Cultura¹ como denomina Freire (1987), cujo Universo Temático² a princípio envolveu questões comumente encontradas em nosso Fazer Enfermagem. Procuramos identificar os Temas Geradores³ que se referissem à promoção da qualidade de vida através do enfoque de um de seus aspectos - a busca de uma assistência de qualidade, identificada com os nossos anseios e com o que entendemos ser os anseios dos usuários dos serviços de saúde.

¹ Ver Paulo Freire **Educação Como Prática da Liberdade**, Rio : Paz e Terra, 1994.

² Ver Paulo Freire, **Pedagogia do Oprimido**. Rio, Paz e Terra, 1987.

³ Ver Paulo Freire, **Pedagogia do Oprimido**. Rio, Paz e Terra, 1987.

A proposta se baseou na identificação, através dos Tema Geradores, das “Situações-limites⁴ vivenciadas e colocadas nos encontros em Círculo de Cultura, com vistas a superá-las, colocando-nos como sujeitos, portanto fazedores da realidade concreta, para que conscientes disto possamos partir em busca das transformações desejadas.

1.3 - Os Objetivos

Para estarem aderidos ao marco referencial foi utilizado, é preciso ficar claro que não me coloquei como alguém, "a priori", um Ser Mais, sujeito mais consciente que as demais participantes do Círculo de Cultura; ao contrário, coloquei-me como mestranda que, tendo tido o privilégio de ter acesso a um novo saber, desejou partilhá-lo com um grupo de colegas, com a intenção de ampliar as possibilidades de SER MAIS, através da tomada de consciência de nossa situação de SUJEITOS, construtores de nossa cidadania pessoal e profissional, certa de que podemos transformar nossa prática, através da multiplicação desta experiência, com outros grupos e nas comunidades nas quais atuamos.

1.3.1 - Geral

- Ampliar as possibilidades de SER MAIS⁵ de Enfermeiras reunidas num Círculo de Cultura.

⁴ Ver Paulo Freire. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1987.

⁵ SER MAIS – para melhor compreensão ver o conceito de Ser Humano desse estudo – p.12.

1.3.2 - Específicos

- Vivenciar, em comunhão com as participantes, a construção e o uso de um processo dialógico que apoie o desenvolvimento da dimensão educativa da prática assistencial do enfermeiro, através de formação de Círculos de Cultura.
- Sensibilizar as Enfermeiras para a possibilidade de desenvolver atitudes e comportamentos de caráter autenticamente reflexivo em constante ato de desvelamento da realidade.

2 - REFERENCIAL TEÓRICO METODOLÓGICO

Quando se pretende realizar uma ação, qualquer que seja, é mister que se faça alguns questionamentos. Dentre os muitos que emergem às primeiras reflexões, parece fundamental partir-se de um ponto que inclui indagações tais como: O que fazer? Por que fazer? Quem irá realizar? Quando? Para quê ou quem? De que forma? Independentemente da ação a ser executada fazemos um arranjo intelectual, que envolve as questões já colocadas, e seguimos em frente, ao encontro da realização da ação.

A certa altura de nossas vidas, nos damos conta de que, nossas ações, inclusive as de reflexão, acontecem e se desenrolam por caminhos que configuram a nossa própria forma de caminhar. Cambaleantes ou firmes, nossos passos se caracterizam por uma cadência, cujo compasso é embalado por uma música, que traz a marca das crenças e valores, da cultura que nos influencia, ao mesmo tempo que somos por ela influenciados, dos nossos sonhos, das nossas realizações, do potencial que temos para fazer acontecer, da estrutura social, política e ideológica na qual nos vemos entranhados.

Nestes termos, concluo que o modo de sermos e de vivermos, os quais são peculiares, acabam por marcar nossos atos e comportamentos, a nossa própria forma de ser e de fazer.

Estes (atos e comportamentos), sem sombra de dúvida, são concebidos e materializados em função das abstrações daquilo que entendemos importante, necessário à realização do que pretendemos alcançar, das marcas que desejamos conseguir. Tais marcas e/ou realizações não surgem do nada, ao contrário, nascem de construções, as quais por sua vez emergem da organização de percepções de experiências e que acabam por corroborar ou transformar as mesmas marcas ou realizações que deram origem às construções primeiras.

As dúvidas que me envolveram corroeram-me a alma; o caminho que decidi tomar, não. Talvez porque este seja o meu próprio e, por estar em comunhão comigo, seja na verdade eu mesma.

Este caminho que aponto vem sendo construído, dia após dia, pelas crenças e valores da mulher, da cidadã, da trabalhadora enfermeira que sou e tenho sido. Esta mesma que, sendo única, inconclusa, é constituída de várias faces e que, ao se definir, se transforma; que assim continua na caminhada com passos ora trôpegos, ora firmes, mas cadenciados por uma música cujos acordes trazem a marca da esperança, da alegria, dos sonhos, da criticidade, da realidade, e do desejo do amor e da liberdade.

Não posso deixar de colocar ainda uma de minhas maiores utopias, a que busco com mais ou menos vigor, mas da qual nunca desisto - a Felicidade -, que, imagino, concretiza-se predominantemente no encontro autêntico com o Outro, o Ser Humano, que assim como eu acredita na possibilidade de Ser Feliz, quanto mais humanizar-se, quanto mais humanizado.

Convido-o (a), então, a um mergulho ao ser humano delineado pelo Educador Paulo Freire, não sem antes esclarecer que, para este trabalho, utilizei as idéias deste educador como referencial teórico. Faz-se mister a colocação dos motivos que me levaram a trazer para esta experiência alguns conceitos deste autor.

Originariamente, o referencial pedagógico proposto por Freire é utilizado para alfabetização de adultos (Gadotti, 1991). No entanto, por suas concepções e conceitos fundamentados em uma proposta reflexiva, os quais têm vindo ao encontro das aspirações dos mestrandos dos últimos anos deste Curso. Tal referencial tem se revelado excelente subsídio para as dissertações que buscam dar conta da abordagem de questões educativas como componentes do papel do enfermeiro, enquanto educador (Saupe et al, 1998).

Convicta da relevância do processo educativo na assistência de enfermagem, bem como da possibilidade de uma educação humanista/problematizadora/libertadora, como propõe Paulo Freire, reitero o convite de realizarmos este breve mergulho, com olhos, coração e mente bem abertos.

2.1 - Os Conceitos

Para o desenvolvimento deste estudo, selecionei apenas dois conceitos, por considerá-los suficientes para dar conta da sustentação deste trabalho. Muito embora a princípio possa parecer por demais abrangente, e na verdade o é, a escolha foi feita com base na própria metodologia.

Com base no pensamento de Paulo Freire para sustentação da escolha dos conceitos desta dissertação, faço uma longa, mas oportuna citação deste autor:

Ademais, é o homem, e somente ele capaz de transcender... O homem existe – *existire* – no tempo. Está dentro. Está fora. Herda. Incorpora. Modifica. Porque não está preso a um tempo reduzido a um hoje permanente que o esmaga, emerge dele. Banha-se nele. Temporaliza-se. Não se reduzindo tão-somente a uma das dimensões de que participa – a natural e a cultural – da primeira, pelo seu aspecto biológico, da segunda, pelo seu poder criador, o homem pode ser eminentemente interferidor. Herdando a experiência adquirida, criando e recriando, integrando-se às condições de seu contexto, respondendo a seus desafios, objetivando-se a si próprio, discernindo, transcendendo, lança-se o homem num domínio que lhe é exclusivo – o da História e o da Cultura (Freire, 1994,p.48-49).

Homem ou mulher. Sapateiro, costureiro, médico ou enfermeiro, educador, educando, não é o que mais importa. Importa mais a capacidade de perceberem a significação de sua passagem pelo mundo e, por conta disto, marcarem sua presença com eticidade. Obrigo-me a reforçar, mais do que destinação, este Ser que, indubitavelmente, se descobre, se reconhece como um Ser de relações, que ao existenciá-las tem a possibilidade de tornar-se

cada vez mais humano e portanto humanizar mais o mundo. Eis o motivo da minha opção por apenas dois conceitos, quais sejam : SER HUMANO e MUNDO.

E esta construção que se dá em mim, por mim, e que só se concretiza no outro e com o outro, no mundo em que vivemos, me leva a delinear, alicerçada pelas concepções de Freire, o que neste agora mesmo entendo por NÓS, ou seja, SERES HUMANOS.

2.1.1 – Ser Humano

Este Ser, que agora é nosso, segundo o autor, é o “Ser de relações *no* mundo e *com* o mundo” (FREIRE, 1994, p.47). Relações que puramente humanas são melhor compreendidas através dos conceitos de: singularidade, pluralidade, transcendência, criticidade, temporalidade e consequência.



Mesmo em face da abrangência humana, o Ser Humano é singular, por alterar-se e ajustar-se, para novamente alterar-se, ao mundo, que é a realidade objetiva mesma, a qual só poderá ser transformada, se conhecida.



Em oposição a singularidade, surge a pluralidade, em função dos desafios impostos pela realidade objetiva; pluralidade de respostas e de formas de responder. Este Ser enfrenta e responde a tais desafios organizando-se, escolhendo a melhor resposta, testando-a, agindo enfim.



Baseia-se na crítica, para responder aos desafios, mais conscientemente.

Vive uma criticidade que só pode ser reflexiva, pois guarda a capacidade da



transcendência, a qual permite objetivar-se, e a partir daí, distinguir então, um “eu” de um “não eu” (grifos do autor).

A transcendência por sua vez funda-se na consciência da finitude, no ato de discernir entre o *existir* e o *viver* (grifos do autor). Aquele ultrapassa este, visto que existir “É essa capacidade ou possibilidade de ligação comunicativa existente com o mundo objetivo, contida na etimologia da palavra, que incorpora ao sentido de existir o sentido de criticidade que não há no simples viver. O existir é individual, contudo só se realiza em relação com outros existires” (FREIRE, 1994, p47.)



Ao sentir-se existindo o Ser Humano, descobre sua **temporalidade**, quando ao atingir o ontem, reconhece o hoje e vislumbra um amanhã. Ao dimensionar e discernir o tempo, atinge a consciência da temporalidade. Emerge dele (o tempo), libertando-se da sua



unidimensionalidade. Esta consciência de temporalidade impregna-se de um **sentido** **conseqüente**. Faz com que se torne interferidor, portanto histórico e cultural - integrado.

Se assim, integrado ao seu contexto, existindo, sendo, através de relações, aperfeiçoa esta integração, quanto mais crítica for sua consciência.

A capacidade de ajustar-se à realidade, transformá-la, fazer opções, fazem deste SER, o SUJEITO que existindo busca na dialogação eterna com os homens e com o mundo, a construção da sua cultura, da sua história. (FREIRE, 1994).

2.1.2 - Mundo

Ao discorrer acerca do Ser Humano, entendo necessário localizá-lo, inseri-lo, integrá-lo.

- *Onde?*

A resposta pode ser rapidamente construída :

No mundo, que é a própria realidade objetiva, que ele (Ser Humano) vai humanizando. É o espaço geográfico que, por temporalizar, faz história e cultura; onde, por ser desafiado, responde apropriando-se de seus problemas/temas fundamentais e, por assim ser, reconhece suas tarefas concretas. (Freire, 1994).

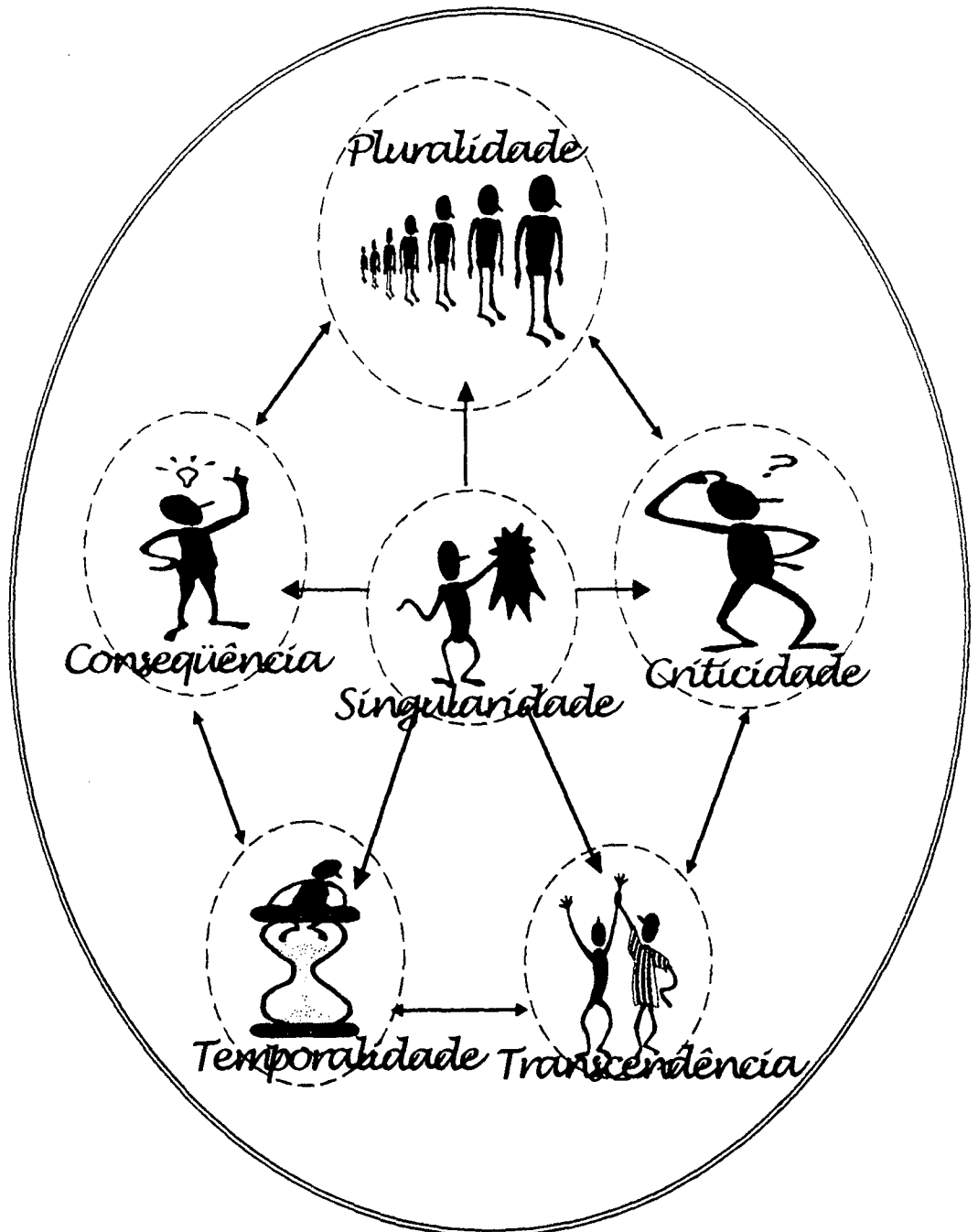
O mundo, reforça Freire (1994), criação dos seres humanos, origem dos desafios a que precisam responder, é o mundo histórico cultural, produto da práxis humana, que volta sobre os seres humanos, condicionando-os. “Esta é a razão pela qual não há mundo humano isento desta contradição” (1994, p.47) : é mudança e estabilidade.

Acerca do mundo histórico-cultural, Freire (1994, p.46-47) argumenta que este é: “o mundo de acontecimentos, de valores, de idéias, de instituições. Mundo da linguagem, dos sinais, dos significados, dos símbolos... Mundo da opinião e mundo do saber. Mundo da ciência, da religião, das artes, mundo das relações de produção. Mundo finalmente humano.”

“Pensar o mundo”, afirmou Fiori (1987, p. 13) “ é julgá-lo”. Mais adiante, na mesma obra nos incita : “ O mundo é espetáculo, mas sobretudo convocação” (1987, p.14).

Fig. 1 : Representação gráfica dos conceitos que constituem o Ser Humano/SER MAIS

O Ser Humano / Ser Mais



2.2 – Método Freireano Ou Itinerário De Pesquisa

Assim como me baseei nas concepções do educador Paulo Freire para alicerçar os conceitos já colocados, no desenvolvimento das ações deste trabalho, tomei de empréstimo o Método Freireano ou Itinerário de Pesquisa.

Durante o curso de mestrado, encantei-me com a metodologia de Freire, a qual tem como base o processo de humanização que se concretiza no desvelamento do SER MAIS, capacidade intrínseca dos que podem criar, corroborar, vivenciar, transformar e, sobretudo, radicalizar a sua própria cultura. Quando faço essas relações, reporto-me às minhas décadas de vida, sobretudo à última, intimamente ligada à atitude de cuidar profissional e humanamente de outros seres que, quero crer, devem estar, cada um ao seu modo, em busca de SER MAIS.

Como toda iniciante, após alguma leitura apaixonei-me pelo método, pelo próprio Paulo e sua história. Um menino que, alfabetizado à sombra de uma mangueira, "ganhou" o mundo e, ao reportar-se à sua vida em um de seus livros, teve a sensibilidade de perceber os prazeres originados à luz clara do dia, produzidos por esta e outras árvores, curiosamente, as mesmas que o assustavam no fundo da noite (Freire, 1997). "Sombra e luz, céu azul, horizonte fundo e amplo dizem respeito a mim. Sem eles apenas sobrevivo, menos que existo."(Freire, 1995, p. 16).

Existir, mais que sobreviver, aí está o meu compromisso, minha utopia, às vezes individual, às vezes coletiva, mas firme, verdadeira e por isso mesmo infindavelmente esperançosa.

Em seu referencial pedagógico Freire propõe a formação do que ele define como Círculo de Cultura, originariamente uma "unidade de ensino que substitui a escola tradicional e reúne um coordenador com algumas dezenas de homens do povo, num trabalho

de conquista da linguagem” (Freire, 1980, p.50). O método de alfabetização de Freire teve origem no MCP - Movimento de Cultura Popular da cidade do Recife/PE, no final da década de 50. As primeiras experiências no entanto tiveram início em 1962, em Angicos/RN, oportunidade em que foram alfabetizados 300 trabalhadores em 45 dias (Gadotti, 1991).

Gadotti (1991) chama a atenção para o fato de que, mais do que simplesmente um método de ensino, a forma de alfabetização proposta por Freire remete-nos a uma teoria do conhecimento, a uma filosofia de educação. A afirmação de Araújo Freire (1996) corrobora a idéia de Gadotti; para esta, Freire convida o alfabetizando a sair de um estado de apatia, de conformismo, de “demitido da vida”, desafiando-o a compreender que todos nós, inclusive ele (o alfabetizando) é um fazedor de cultura. Mais adiante a autora conclui : “ Quando o homem e a mulher se percebem como fazedores de cultura, está vencido, ou quase vencido, o primeiro passo para sentirem a importância, a necessidade e a possibilidade de se apropriarem da leitura e da escrita” (Araújo Freire, 1996, p.37). Ainda segundo Gadotti (1991), faz-se imprescindível que os participantes deste círculo tomem parte dele de maneira livre e crítica, que assumam a liberdade como uma maneira de ser, que nas discussões sejam seres individuais concretos e reconheçam-se a si mesmos como criadores de cultura.

Vale reafirmar que, nas interpretações deste pensador, cultura é tudo aquilo criado pelo Ser Humano e nas relações deste com outros, no mundo e com o mundo. Ela (a cultura) “aparece no nosso dia-a-dia, nos encontros das diferenças e semelhanças dos homens” (Saupe et al, 1998, p.254). Além de criação do homem, é também aquisição que se dá de forma crítica e criadora, através da experiência humana. Conclui Freire (1980, p.38): “Neste sentido é lícito dizer que o homem se cultiva e cria cultura no ato de estabelecer relações, no ato de responder aos desafios que lhe apresenta a natureza, como também, ao mesmo tempo,

de criticar, de incorporar a seu próprio ser e de traduzir por sua ação criadora a aquisição da experiência humana feita pelos homens que o rodeiam ou que o procederam”.

Sobre o processo metodológico, é o próprio Freire (1980) quem comenta que a idéia sempre fora levar a termo uma alfabetização ligada à democratização da cultura e que fosse uma experiência na qual o conteúdo da aprendizagem fosse compatível com o cotidiano do trabalhador, com a sua existência, ou seja, que fosse instrumento também do educando, não apenas do educador. Um ato de criação capaz de gerar outros atos criadores.

Num Círculo de Cultura do Recife/PE, durante uma discussão acerca do produto do trabalho sobre a matéria da natureza em que se projetou o desenho de um jarro feito de barro, com flores no seu interior, uma mulher comentou: “*Faço cultura. Sei fazer isto*”. Outros afirmaram, referindo-se às flores que estavam no vaso: “*São natureza, enquanto flores. São cultura, enquanto adorno*” (Freire, 1994, p. 144).

Para melhor compreensão do método de Freire utilizarei, especialmente no que diz respeito às etapas ou passos, as denominações de Gadotti (1991). Este autor distingue no método, três etapas basicamente. Num primeiro momento acontece a investigação, através do levantamento de palavras ou temas geradores. A seguir, a etapa de tematização, que compreende a codificação e descodificação dos temas geradores; é a fase da tomada de consciência. Finalmente a terceira - etapa de problematização - em que os limites e as possibilidades das situações existenciais concretas, captadas na primeira etapa, são desvelados – desvelamento crítico - visando à superação das “situações-limites”, tidas como obstáculos à assunção do “corpo consciente”, próprio dos homens.

Antes de iniciar um Círculo de Cultura, o alfabetizador ou coordenador realiza uma pesquisa para levantar as palavras geradoras do grupo – etapa de investigação - com o qual ele irá trabalhar. Segundo Freire (1980), 15 ou 18 vocábulos parecem suficientes para o

processo de alfabetização pela conscientização. Para o autor (Freire, 1979), esta fase, também chamada de levantamento do universo vocabular, se configura por uma investigação cujos resultados ou apreensões, por si sós, se relevam de uma riqueza extraordinária, principalmente pela descoberta da exuberância da linguagem do povo. E é o próprio Freire quem nos presenteia com estas “jóias”: “Quero aprender a ler e a escrever – disse um analfabeto de Recife - para deixar de ser a *sombra dos outros*”. Já no Sul do país, aqui mesmo onde foi realizado este trabalho, um analfabeto afirmou: “*Minha escola é o mundo*”. Tal afirmativa levou um professor e estudioso do método a perguntar-se: “Que se pode oferecer a um adulto que afirma que sua escola é o mundo?” (Freire, 1980, p. 42-43).

As palavras geradoras que fazem parte do programa são escolhidas também pela sua riqueza fonêmica, e serão trabalhadas em ordem crescente, das menores para as maiores dificuldades fonéticas (Araújo Freire, 1996). Essas palavras devem ainda codificar, ou melhor, representar (como vimos nos exemplos acima) o modo de vida das pessoas; posteriormente, elas são descodificadas, ou seja, associadas a um núcleo de questões existenciais e políticas – etapa de tematização (Gadotti, 1991, p.35). Em suma, como nos afirma Freire (1987, p. 97), “a codificação de uma situação existencial é a representação desta com alguns de seus elementos constitutivos em interação. A descodificação é a análise crítica da situação codificada.” Nessa passagem da situação concreta (codificação) à abstrata (descodificação), e desta para aquela, chega-se a níveis críticos de percepção e conhecimentos. Assim, os homens exteriorizam sua visão de mundo e, em comunhão, tendem a avançar rumo à superação dos desafios, com percepção crítica da situação concreta, representada pela tomada de consciência da situação existencial compartilhada, que desencadeia ação, a qual por ser reflexiva é a própria práxis que, por sua vez, sendo transformadora da realidade, é fonte de conhecimento reflexivo e criação (Freire, 1987).

Os participantes do Círculo dialogam sobre o objeto a ser conhecido e sobre a representação da realidade, respondendo às questões do coordenador do grupo, oportunidade em que vão aprofundando a leitura do mundo – fase da problematização. A partir daí surge o debate que possibilita a releitura da realidade, podendo resultar no engajamento do alfabetizando em práticas políticas que dêem conta de transformar a sociedade (Araújo Freire, 1996). A tomada de consciência da situação existencial compartilhada, a qual traz embutida a possibilidade de ações não mais de adaptação, mas que tragam à luz a busca de suas superações, é o desvelamento crítico, último dos passos do Itinerário de Pesquisa de Paulo Freire (Saupe et al, 1998).

“Quê? Por quê? Para quê? Por quem? Contra quê? Contra quem? A favor de quê? A favor de quem? – são perguntas que provocam os alfabetizados em torno da substantividade das coisas, da razão de ser delas, de suas finalidades, do modo como se fazem, etc”. (Araújo Freire, 1996, p.38). Esses questionamentos, que na verdade acabam por representar a forma como homens e mulheres, como corpos conscientes lidam com seus condicionamentos e sua liberdade, trazem à tona, às vezes de maneira velada, às vezes de maneira clara, os obstáculos, as barreiras que precisam ser vencidas em suas vidas pessoal e social – é o que Freire (1994) denomina de “situações-limites” (Araújo Freire, 1994, p.205). Diante dessas “situações-limites”, esclarece a autora, homens e mulheres podem assumir atitude distintas: “ou a percebem como um obstáculo que *não podem* transpor, ou como algo que *não querem* transpor ou ainda como algo que sabem que existe e que precisa ser rompido e então se empenham na sua superação” (Araújo Freire, 1994, p.205). Nesse sentido, o próprio Paulo Freire (1994) é quem dá exemplos, através de recortes de debates entre alfabetizados, em Círculo de Cultura:

“*Faço sapatos*”, declarou um homem num dos Círculos de Cultura, “*e descobro agora que tenho o mesmo valor do doutor que faz livros*” (Freire, 1994, p. 118).

Essas “situações” nos dão conta da trama que envolve as relações entre opressores e oprimidos, visto que implicam a existência dos que se “servem” (grifo do autor) delas – os opressores – e daqueles que precisam “freá-las” – os oprimidos (Freire, 1987, p.94).

Aos primeiros, as “situações-limites” se apresentam como determinantes históricas, frente às quais cabe aos homens e mulheres apenas adaptarem-se. Já para os oprimidos, faz-se mister perceber a necessidade de superá-las e se lançarem numa ação cada vez mais consciente e crítica que os leve à superação da fronteira, não mais entre o ser e o nada, mas da fronteira entre o ser e o “ser mais” (Freire, 1987). “*Amanhã vou começar meu trabalho com a cabeça bem alta*”. É o depoimento de um varredor de rua que descobrira, após as discussões num Círculo de Cultura, o seu valor enquanto pessoa e a dignidade do seu trabalho (Freire, 1980, p.56).

Vencer a opressão desumanizante, única forma de alcançar um estado de humanização (Freire, 1987), é tarefa nossa, meus caros leitor e leitora, “letrados” ou não. E nesse sonho possível, consideremos as falas e reações dos integrantes dos Círculos de Cultura: o sapateiro, a mulher que faz jarros, o varredor de rua; o analfabeto que já não queria mais ser *sombra* dos outros, o outro analfabeto, que compreendia ser o mundo a sua escola, enfim, inclusive os exemplos que o nosso cotidiano nos mostra, e que nos dão conta da atitude esperançosa que devemos assumir, como nos orienta Freire (1994,): “Enquanto necessidade ontológica a esperança precisa da prática para tornar-se concretude histórica. É por isto que não há esperança na pura espera, nem tampouco se alcança o que se espera na espera pura, que vira, assim, espera vã” (Freire, 1994, p.11).

Para além das “situações-limites”, estas mesmas que significam as barreiras, os obstáculos que precisam ser superados na busca do “ser mais” e que envolvem ao mesmo tempo em que são envolvidas pelos Temas Geradores, existe *algo* que só será alcançado/conseguido pelo sonho possível, isto é, pela práxis libertadora, que se traduz pelo que Freire denomina de “inédito-viável” (Araújo Freire, 1996), ou seja, não é mais um sonho, mas algo definido, muito embora não claramente conhecido e vivido porque inédito, “a cuja concretização, se dirigirá sua ação” (Freire, 1987,p.94). Uma mulher moradora de um cortiço, em Santiago no Chile, referindo-se à uma situação representada num dos Círculos de Cultura, colocou: “*Gosto de discutir sobre isto porque vivo assim. Enquanto vivo, porém não vejo. Agora sim, observo como vivo*” (Freire, 1994, p.158).

“Ao se separarem do mundo que objetivam, ao separarem sua atividade de si mesmos, ao terem o ponto de decisão de sua atividade em si, em suas relações com o mundo e com os outros, os homens ultrapassam as ‘situações-limites’ ” (Freire,1987,p.90). E se assim o é, as ações que levam à superação destas é o que Freire denomina de “atos-limites”, que se caracterizam por uma postura não mais dócil e passiva, mas decisória, frente a uma situação que deseja realmente transformar através de sua ação (Freire, 1987,p. 90-91).

Finalmente, como um último dado a ser acrescentado às situações que envolvem todo o processo do desenvolvimento de um Círculo de Cultura, podemos nos deparar com o “tema do silêncio”, fato que Saupe e colaboradoras (1998) consideram como dramático, pois que, frente a determinadas situações, os membros do grupo não conseguem expressar de forma concreta seus temas geradores, sugerindo a inexistência dos mesmos.

Com objetivo de tornar mais claro o Método Freireano, aproveito para citar Gadotti (1996), que menciona os dois elementos fundamentais do que este autor considera como filosofia educacional de Freire: conscientização e diálogo. O primeiro desses elementos

– a conscientização – tem como ponto de partida a tomada de consciência. E partindo exatamente deste ponto, através da análise crítica, há o desvelamento das razões de ser desta situação, constituindo-se então, em ação transformadora da realidade. Já o diálogo se configura como um fenômeno humano, alicerçado pela palavra, cujos elementos constitutivos remetem a duas dimensões : ação e reflexão. “Não há palavra que não seja práxis” (Freire,1987,p.77). Daí o fato de o próprio Freire (1987,p.78) enfatizar “que os homens se fazem nas palavras, no trabalho, na ação-reflexão, por isso que o diálogo é o caminho pelo qual os homens ganham significação enquanto homens” (Freire, 1987,p.79), e conclui : “ o diálogo é uma exigência existencial já que a conquista que se faz através dele é do mundo, por sujeitos que só podem ser dialógicos”.

Como estamos tendo a oportunidade de verificar, o Método de Paulo Freire comporta um conjunto de passos (levantamento de temas ou palavras geradoras, codificação, descodificação e desvelamento crítico) que por sua vez trazem *miances* (situações e atos-limites, inédito-viável e tema do silêncio) que vão caracterizando, ao mesmo tempo em que apontam avanços e retrocessos, anúncios e denúncias de homens e mulheres que, através da experiência de compartilhar seus Temas Geradores para muito além da descoberta da leitura da palavra, acabam por descobrir a leitura também do mundo, mundo do qual fazem parte e, portanto, aprendem a “ler” a si mesmos.

Esta tomada de consciência é o próprio desvelamento crítico, o qual leva os participantes a ações na busca de sua superação, com vistas às transformações possíveis (Saupe et al, 1998).

Estas “situações-limites”, ao mesmo tempo em que envolvem temas geradores são envolvidas por eles e, quando em interação, constituem o “universo temático” (Freire, 1987). No dizer de Freire, chamam-se geradores porque, independentemente da sua natureza,

compreensão, ou ação por eles provocada, originam desdobramentos de outros temas, gerando assim novas tarefas a serem cumpridas (Freire, 1987). Quando os participantes do círculo não conseguem expressar a temática geradora, diferente da inexistência de temas, pode-se constatar a existência do “tema do silêncio” (Saupe et al, 1998).

Estes Círculos de Cultura exigem a participação de uma figura denominada “animador”, “que vai se colocar ou ser colocado como organizador das questões básicas para o encontro e os encaminhamentos que surgem das relações e convívio dos componentes do Círculo de Cultura” (Saupe et al, 1998, p. 257).

2.3 – Aspectos Éticos

“A ética é a teoria, investigação ou explicação de um tipo de experiência humana ou forma de comportamento dos homens, ou da moral, considerado porém na sua totalidade, diversidade e variedade” (Padilha, 1992, p.118). A abrangência da definição feita pela autora levou-me a utilizar na íntegra sua idéia já no início deste capítulo, em que tratarei os aspectos relevantes no que se refere aos encaminhamentos que fiz a princípio, e que fizemos (as enfermeiras do Círculo), para o bom desenvolvimento do nosso trabalho, com respeito às normas utilizadas e/ou estabelecidas para a sua organização.

Cumpru-me reforçar que, além de autora deste estudo, pude também participar das discussões. Coloquei-me, então, como observadora-participante; situação a qual em determinados momentos causou-me algum desconforto – ao mesmo tempo em que desejava o andamento do trabalho, encontrava dificuldades, às vezes individual, às vezes coletiva, em tratar alguns pontos dos temas geradores, bem como seus desdobramentos. O “tema do silêncio”, que presenciamos e vivenciamos em alguns momentos das discussões, foi exemplo

evidente de tal situação. Prossegui, na condição de autora, prosseguimos na condição de integrantes de um Círculo de Cultura.

“O mundo da cultura que se alonga em mundo da história é um mundo de liberdade, de opção, de decisão, mundo de possibilidade em que a decência pode ser negada, a liberdade ofendida e recusada” (Freire, 1997, p.62). Cultura e história as quais somente homens e mulheres podem fazer e refazer, criar e recriar, nas relações entre si no mundo e com o mundo, as quais levam a um movimento permanentemente dinâmico de busca que só se justifica na medida em que se dirige à vocação ontológica dos homens e mulheres (Freire,1987).

Somente os seres humanos têm consciência do seu inacabamento, da sua inconclusão. Foram eles que, descobrindo a linguagem e a postura ereta, permitiram a liberação das mãos. Assim sendo, à medida que mãos e mente se afinavam, tornavam-se solidárias, mais o espaço foi virando mundo, e a vida, existência. Ademais, à “proporção que o corpo humano vira corpo consciente, captador, apreendedor, transformador, criador de beleza e não de ‘espaço’ vazio a ser enchido por conteúdos” (Freire, 1997, p.57), vamos nos tornando éticos. “Capazes de intervir no mundo, de comparar, de ajuizar, de decidir, de romper, de escolher, capazes de grandes ações, de dignificantes testemunhos, mas capazes também de impensáveis exemplos de baixeza e de indignidade” (Freire, 1997, p.57).

Neste nosso Círculo de Cultura em que a proposta foi desvelarmo-nos em comunhão, não poderíamos fazê-lo sem nos assumirmos como seres em busca do SER MAIS, como também nos responsabilizarmos pelos encaminhamentos, pela ações, pelas denúncias e anúncios dessa busca.

Desta feita, àquela altura, quando partiríamos para formação/construção do Círculo proposto, com base nas concepções Ser Humano e Mundo de Paulo Freire, fez-se

mister que, na condição de autora deste trabalho, reforçasse para as colegas alguns aspectos que, a princípio, deveriam ser observados para um encaminhamento satisfatório sob o ponto de vista da ética esta mesma que, no dizer de Germano (1993), cabe à reflexão do comportamento humano e que, na concepção de Padilha (1992, p.120), como ciência, abrange “um conjunto de enunciados a respeito de um objeto específico. Deste objeto fazem parte as normas e os atos morais . Neste sentido, em nosso primeiro encontro, expus detalhadamente o que àquele momento, configurava-se como projeto deste estudo. Reforcei os objetivos, cada passo da metodologia, e as possíveis implicações a que estaríamos sujeitas, afinal trataríamos da nossa situação existencial, fato que certamente traria à tona questões éticas relevantes. A este respeito Verginia (integrante do Círculo de Cultura), alertou :

“Eh! Mas não é tão fácil assim. Acho que a gente vai mexer em coisas que nem imagina. Pode até ser que em alguns momentos a gente se machuque.”

Ainda assim, decidimos prosseguir. O passo seguinte foi esclarecer às participantes que o Conselho Nacional de Saúde, através da Resolução 196/96, sobre Pesquisa envolvendo Seres Humanos (Ministério da Saúde, 1996, p.02), dá a esta, a seguinte definição: “ é a que individual e coletivamente, envolva o Ser Humano, de forma direta e indireta, em sua totalidade ou em partes dele, incluindo o manejo de informações ou materiais.” Assim sendo, com o intuito de atender às exigências éticas e científicas que prevê a mesma Resolução, foi elaborado um documento – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo I) - lido e assinado por todas as integrantes, no qual, entre outros aspectos, formalizamos a citação dos nossos nomes reais no corpo do trabalho, fato acordado no início de nossas atividades e reiterado no seu término. Outro aspecto bastante ressaltado

foi a participação livre, o que incluiu assegurar às participantes o abandono da participação do estudo, se isto lhes conviesse. Esse fato se viu consumado na oportunidade em que, no primeiro encontro, após a exposição do projeto de trabalho, uma colega decidiu por não participar do grupo. Também por motivo particular, outra colega, não participou dos dois últimos encontros.

As mulheres, enfermeiras deste Círculo (posso responsabilizar-me por esta afirmação), deram, a partir de seus próprios exemplos, um testemunho de atitude ética irrefutável quando aceitaram o desafio de participar do estudo, e assumiram a responsabilidade de concretizá-lo, através de suas presenças vivas, marcantes, durante os 08 (oito) encontros em que deixamos registrado, para quem interessar possa, o exercício que desenvolvemos em comunhão, na busca do SER MAIS. SER MAIS Gente, mais Mulher, mais Enfermeira.

3 - DESCRIÇÃO DO PROCESSO DE FORMAÇÃO/CONSTRUÇÃO DO CÍRCULO DE CULTURA

Neste capítulo descreverei todo o processo de formação/construção do Círculo de Cultura. Na primeira parte me estenderei um pouco, pois pretendo que seja esclarecedora sob o ponto de vista da aplicação da metodologia proposta, visto que percebo claramente que se faz mister elucidar o quão difícil e instigador foi utilizar um método, sobre o qual não tinha nenhuma experiência, ao mesmo tempo em que sentia, no seu desenvolvimento, participação cada vez mais ativa das integrantes nas discussões, na captação cada vez mais crítica dos desafios a serem vencidos, na dialogação que nos levava à compreensão da possibilidade de que a superação desses obstáculos como tarefa de cada uma de nós, ao mesmo tempo, que de todo o grupo. Descobríamos nossa *gentitude* a cada encontro, percebíamos o quanto estávamos isoladas e o quanto podíamos ser solidárias umas com as outras, sentíamos, algumas vezes o quanto a “cultura do silêncio” nos impedia de SER MAIS, bem como a necessidade de vencer tal situação. Podíamos ver claramente as contradições que cercavam o nosso cotidiano, não mais como algo paralisante, esmagador, mas como um desafio possível de ser vencido.

A existência me levou ao encontro de mais seis mulheres, trabalhadoras, enfermeiras. Com estas, em alguns encontros, dispusemo-nos a experimentar o Círculo de Cultura proposto por Paulo Freire. Eu, iniciante, tinha tão somente a idéia de pôr em prática um método. As colegas talvez tivessem o intuito de colaborar e, por que não, usufruir também de mais uma experiência em suas vidas. Sendo assim, partimos para uma ação individual e coletiva que a mim, especialmente, trouxe a esta dissertação.

No princípio, como já afirmei anteriormente, era o método e a partir daí

apresentou-se um conteúdo sem fim: mulheres, enfermeiras com as mais diversificadas histórias, na medida do possível, expunham pontos de suas existências. Estes, hora se convergiam, hora se distanciavam. Trabalharemos aqui com apenas dois desses aspectos, os quais incluem implicações que em suma nos aproximavam: o fato de sermos do gênero feminino e mais - enfermeiras.

Para que se possa dar a você, leitor ou leitora, a idéia de todo este processo, farei um breve relato acerca de como organizamos os encontros para a formação/construção deste Circulo de Cultura de mulheres e enfermeiras; a seguir encontraremos algumas informações sobre as integrantes do grupo e, finalmente, apresentarei de uma forma mais abrangente o desenvolvimento dos encontros.

Aconteceram um total de oito encontros. O primeiro destinou-se à exposição do que, àquela altura, era apenas o projeto deste trabalho. Nas reuniões trabalhamos com sete mulheres, enfermeiras, na discussão do primeiro tema gerador e seis, no segundo tema.

Os encontros foram aprazados conforme a disponibilidade das participantes. A cada encontro marcávamos a data do encontro seguinte. Com relação às técnicas utilizadas para os trabalhos, fizemos uso da formação em círculo e lançamos mão do diálogo, da conversa franca, das discussões. Realizaram-se no período compreendido entre a última semana de abril, e a primeira semana do mês de junho, do ano de 1997, ou seja, num espaço de seis semanas. A necessidade deles foi definida a partir do nosso interesse/disponibilidade em discutir os temas geradores. Todos aconteceram em horário noturno, visto que as participantes, durante o dia, tinham compromissos profissionais; por volta de 19:30h íamos chegando e às 20:00h começávamos nosso trabalho, depois de termos cumprido jornada de 10 a 12 horas de trabalho, às vezes, até mais.

O papel de “animador” foi assumido por mim em todos os encontros. Acredito que esta situação tenha se dado naturalmente, pois em nenhum momento houve qualquer tipo de reação a esse fato.

Para registro das discussões utilizamos, inicialmente, uma câmara de vídeo, mas devido à da participação de uma integrante como “câmara-woman”, o que a colocaria fora das discussões, optamos pelo uso de um gravador portátil. As fitas gravadas foram posteriormente transcritas para um caderno, designado de “Caderno de Notas”.

Eu, “animadora” deste Círculo, percorria cerca de 110Km para chegar até o local dos encontros, visto que resido em outro município. As colegas, na sua quase totalidade, à época tinham cargo de chefia, ministravam aulas nos cursos de formação de auxiliar de enfermagem, participavam de comissões em seus respectivos serviços, algumas eram alunas em cursos de pós-graduação e, ainda donas-de-casa, mães, esposas, namoradas... Não desistimos... Durante quase dois meses, em 08 (oito) encontros, estivemos lá, construindo o nosso trabalho : *Mulheres, Enfermeiras Desvelando-se em Comunhão no e com o Mundo, Num Círculo de Cultura.*

3.1 - Do Processo De Atuação

Levantamos, em nosso segundo encontro, já que o primeiro destinou-se à apresentação do projeto, quatro temas geradores. No entanto, desenvolvemos apenas os dois primeiros - a) O Ser Mulher e Enfermeira; b) Ética e Enfermagem - visto que estes dois temas tomaram todo o tempo que tínhamos disponível para a realização deste estudo.

3.2 - Das Participantes

Mas que mulheres e enfermeiras são estas? Para que o leitor ou a leitora possa relacionar as colocações feitas, com o grupo que as produziu, darei, através de dados mais genéricos, um perfil do grupo.

Das 07(sete) integrantes todas exceto uma, possuem título de pós-graduação; o tempo de formação variou de 06(seis) a 11(onze) anos (considerando que o Círculo aconteceu nos meses de abril a junho de 1997). Das atividades na área de Enfermagem, todas têm experiência nos campos assistencial, administrativo, de ensino e pesquisa. Pode-se, então, concluir que se trata de um grupo com relativo amadurecimento nas diversas área da profissão. Muito provavelmente, por esta razão as codificações, descodificações e desvelamentos se deram com fluência significativa, no que se refere à problematização das situações vividas individual ou coletivamente.

Todas nós, com certeza, mereceríamos mais do que apenas algumas frases, mas páginas. Mas, sabido que a esta altura é imperioso dar continuidade ao trabalho, que não pretendo extenso, optei por utilizar uma síntese da apresentação, que fizemos no início das atividades, oportunidade em que solicitei às participantes que se apresentassem ao grupo da maneira como melhor lhes conviesse. Eis a síntese:

- Andréa - graduada há quase 10 (dez) anos. Fez curso de pós-graduação em Enfermagem Obstétrica. Há 7 (sete) anos trabalha em uma maternidade pública, de pequeno porte, na qual exerce a função de chefe de serviço. Atualmente ministra aulas em um Curso de formação de Auxiliar de Enfermagem. *“Sou solteira e tenho uma filha”*, complementou.

- Luana – graduada, em 1991, pela Universidade do Vale do Itajaí : *“Iniciei meus trabalhos em unidade de hemodiálise, em 1993. Após fui designada para comandar a*

unidade de hemodiálise na cidade de Jaraguá do Sul - Santa Catarina, onde permaneci por 1 ano e 4 meses, quando então pedi transferência para a unidade de hemodiálise aqui em Mafra, em novembro de 1995". Atualmente ministra aulas no Curso de Formação de Auxiliar de Enfermagem em Rio Negro – Paraná, frequenta curso de pós-graduação em Ecologia Aplicada, através do ensino a distância, está cursando outra especialização - Enfermagem em Nefrologia.

- Kleyde - autora desta dissertação. Enfermeira há quase 13 (treze) anos Habilitada em Saúde - Pública, especialista em Enfermagem Obstétrica. Atualmente mestranda em Assistência de Enfermagem.

- Elis - graduada há 10 (dez) anos pela Universidade Federal do Paraná. Fez pós-graduação em Saúde Pública. Atualmente é a Enfermeira-Chefe da Secretária Municipal de Saúde de Rio Negro - Paraná. Coordena o Curso de Formação de Auxiliares, no mesmo município. Também trabalha em uma maternidade de pequeno porte, no município de Mafra - Santa Catarina.

- Denise - graduada há 11 (onze) anos, mas apenas há 4 (quatro) exerce a profissão. Tem especialização em Administração Hospitalar. É a enfermeira responsável pela equipe de enfermagem da Secretaria de Saúde do Município de Mafra - Santa Catarina. Atua também na Comissão de Controle de Infecção Hospitalar de um hospital de médio porte, em Mafra, e ainda ministra aulas no Curso de Formação de Auxiliar de Enfermagem, no mesmo município.

- Vergínia - enfermeira há 7 (sete) anos, graduada pelo Centro de Estudos Superiores de Londrina - CESULON. É Chefe do Serviço de Enfermagem de um hospital de médio porte no município de Mafra - Santa Catarina. Foi atendente de enfermagem entre 1968

e 1969. Concluiu o curso de auxiliar de enfermagem em 1972, e graduou-se em enfermagem e obstetrícia, em 1989.

- Ana - graduada há 11 (onze) anos, mas somente há 5 (cinco) exerce a profissão. Fez pós-graduação em Enfermagem Obstétrica. Atualmente trabalha em uma maternidade de pequeno porte em Mafra - Santa Catarina e ministra aulas no curso de Formação de Auxiliar de Enfermagem no mesmo município.

Essas mulheres, enfermeiras desenvolvem suas atividades profissionais em municípios pequenos. Trata-se de duas cidades limítrofes dos Estados do Paraná e Santa Catarina, Rio Negro e Mafra, respectivamente, separadas apenas por uma pequena ponte. À época do desenvolvimento do nosso trabalho, estas duas cidades contavam com 09 (nove) enfermeiras, o que quer dizer que trabalhamos com a quase totalidade destas profissionais, já que nosso Círculo foi composto por 07 (sete) enfermeiras. Ademais, podemos perceber um outro dado bastante interessante: o fato de todas, exceto uma, terem curso de pós-graduação; levando-se em conta que tais cursos só podem ser realizados em locais a pelo menos 100Km de distância de suas residências, podemos perceber o esforço que essas mulheres enfermeiras fizeram (fazem) para manterem-se atualizadas profissionalmente.

3.3 - Dos Encontros

Após esta rápida apresentação, voltemos ao Círculo propriamente dito. O primeiro encontro, no qual houve a exposição do projeto, foi realizado na sala da chefia de enfermagem, da maternidade D. Catarina Kuss, os dois seguintes, na sala de palestras da Unidade Sanitária; os cinco últimos, na sala de reuniões do Hospital São Vicente de Paulo,

todos situados no município de Mafra - Santa Catarina. Vale ressaltar que utilizávamos esses locais a convite da enfermeira do próprio serviço. Os encontros tiveram duração de 70 a 120 minutos.

Tendo em vista as dificuldades da presença das componentes, em todos eles, em função de compromissos profissionais e pessoais, não houve participação integral em todos os encontros dos nossos Círculos de Cultura. Éramos sete enfermeiras nos seis primeiros encontros, e seis nos dois últimos, já que uma de nossos colegas entrou em férias e ausentou-se da cidade.

No primeiro encontro, tivemos por objetivo conhecer a proposta e decidirmos sobre como participaríamos. No segundo encontro o principal objetivo foi o levantamento dos Temas Geradores, oportunidade em que selecionamos 04 (quatro) temas, dos quais conseguimos discutir 02 (dois), apenas. Para esta dissertação, como venho afirmando, será apresentado somente o primeiro tema apontado pelo grupo: O Ser Mulher e Enfermeira.

Antes de iniciarmos cada um dos encontros, observei que as participantes traziam algum fato, alguma passagem do seu próprio cotidiano, na maioria das vezes ocorrido no ambiente de trabalho, o qual era colocado e compartilhado com as demais integrantes. Tal fato fez com que nossos encontros se estendessem. Mas, se por um lado essa situação por vezes nos incomodava, já que no final do dia o cansaço era evidente, por outro o teor das conversas, invariavelmente, apareciam no desdobramento do tema gerador, o que nos levou a crer o quão importante era o desenvolvimento dos temas escolhidos. Colocou no quinto encontro, uma participante: *“O nosso tempo é precioso...a gente precisa aprender a ser mais objetiva...até prá aproveitar mais”*.

Cada um desses encontros se desenvolveu de forma bem peculiar. Os humores, os ânimos, as colocações, enfim a participação de cada um dos membros influenciava o desenvolvimento das discussões.

Isto posto, fazem-se necessárias algumas considerações acerca dos encontros no Círculo que formamos e constituímos com o passar do tempo, não sem antes afirmar que este relato não pretende esgotar as situações apreendidas, visto que estas se apresentam em quase todo o corpo desta dissertação. Assim sendo, vejamos:

I ENCONTRO INSTALAÇÃO DO CÍRCULO DE CULTURA

Não há para mim, na diferença e na “distância” entre a ingenuidade e a criticidade, entre o saber de pura experiência feito e o que resulta dos procedimentos metodicamente rigorosos, uma ruptura, mas uma superação. A superação e não a ruptura se dá na medida em que a curiosidade ingênua, sem deixar de ser curiosidade, pelo contrário, continuando a ser curiosidade, se criticiza (Freire, 1997, p.34).

No primeiro encontro todo o projeto foi apresentado. Ainda naquela oportunidade, reafirmei o meu desejo em tê-las como companheiras. Já, durante minha apresentação, as colegas demonstraram interesse. Fizeram perguntas e várias colocações que apontavam para o desejo de participação.

“Nossa, Kleyde... quanto orgulho eu sinto de ti”! Afirmou uma das colegas, quando terminei minha exposição.

“Eh! Mas não é tão fácil assim. Acho que a gente vai mexer, em coisas que nem imagina. Pode até ser que em alguns momentos a gente a se machuque”.

Afirmou outra.

“*Tentar a gente pode*”. Ana, fez a ressalva.

Neste momento, vários aspectos foram levantados; alguns, reafirmei especialmente:

a) os objetivos do estudo.

b) os aspectos éticos relevantes: participação espontânea e livre, o compromisso da participação, o respeito mútuo; o registro formal do consentimento livre e esclarecido e ainda a escolha de codinomes, caso não quiséssemos ver nossos verdadeiros nomes registrado no corpo do trabalho;

c) o papel do “animador” e sobre a possibilidade de determinarmos previamente sobre quem o assumiria ou, ainda que ele fosse definido nos encontros;

d) O registro dos encontros.

Ao final daquela reunião estávamos tomadas de ânimo.

Uma das colegas colocou o seu desejo em participar, porém em função de problemas particulares, viu-se impossibilitada. Desta forma, o grupo definiu-se com sete membros, incluindo a autora. Marcamos um novo encontro para a semana seguinte, oportunidade em que definiríamos os temas geradores.

II ENCONTRO – OS TEMAS GERADORES

“Enquanto necessidade ontológica a esperança precisa da prática para tornar-se concretude histórica. É por isso que não há esperança na pura espera, nem tampouco se alcança o que se espera na espera pura, que vira assim, espera vã” (Freire, 1994, p.11).

Com esperança dirigi-me a este segundo encontro, sabedora de que ele inauguraria um novo experimentar: “**Mulheres, Enfermeiras desvelando-se em Comunhão no mundo com o Mundo, num Círculo de Cultura.**” Será que toda aquela gama de sentimentos que trazia: - esperança, ânimo, alegria, desejo de acertar... - realmente brotaria no seio daquele Círculo? Será??? E assim... Em meio a certezas e incertezas, prossegui.

Nosso (e agora posso dizer nosso) Círculo de Cultura teve início com meia hora de atraso. Eu, receosa diante do novo, permaneci firme. Minhas colegas agitadas, algumas com faces bem cansadas; outra, triste - um paciente de seu serviço fora a óbito. A agitação, que tomava conta de algumas componentes, não se dava em função do início deste trabalho, mas por uma ocorrência perturbadora que havia acontecido no hospital, com uma paciente psiquiátrica e que envolveu a chefe e mais duas enfermeiras que estavam nesta instituição, acompanhando os alunos do curso de Auxiliar de Enfermagem. Cada qual com sua própria razão.

Percebi que o problema era muito significativo e não poderia ser negado, pois estava impedindo o andamento do trabalho. A hora se passava, estávamos ali reunidas, precisávamos dar início às atividades.

Iniciei os trabalhos, colocando-me como “animadora”, todas concordaram. Indaguei se alguém queria manifestar-se sobre o ocorrido. As envolvidas se manifestaram, as outras emitiram suas opiniões, encerramos o assunto.

A proposta daquele encontro foi fazer o levantamento dos Temas Geradores.

Propus que todas se apresentassem, da forma que melhor lhes conviesse. Cada participante apresentou-se para os outros membros do Círculo de Cultura, colocando seu nome, local de trabalho, tempo de formação, cursos de especialização e algumas se manifestaram positivamente com relação à participação no trabalho.

Na condição de “animadora” solicitei sugestões para encaminhamento do trabalho daquele dia, já que não havia roteiros prévios a seguir. Decidimos ficar em silêncio durante cerca de 10 (dez) minutos, com o objetivo de refletirmos sobre os Temas Geradores que gostaríamos que fossem discutidos. “No método original os temas geradores, ou palavras geradoras deviam codificar (representar o nível de vida das pessoas que participavam do círculo); mais tarde elas (as palavras) seriam associadas a um núcleo de questões de ordem existencial, ou ligadas à vida e ainda de ordem política, ou relacionadas aos determinantes sociais das condições de vida” (Gadotti, 1991, p.35).

Passados os 10 (dez) minutos destinados à reflexão, passamos a expor às demais participantes os temas, explicando o motivo da escolha. Após a apresentação e argumentação acerca dos motivos que levaram as participantes a escolherem seus temas, optamos por colocar alguns pontos que cada um dos membros fixou em suas mentes. Nesta fase do encontro utilizamos a técnica denominada “tempestade cerebral”, para marcar as idéias que mais nos sensibilizaram individualmente.

Eis, as idéias colocadas:

- Valorização profissional;
- Mudança de comportamento;
- Mais oportunidades;
- Ética;
- Postura profissional;
- Recursos humanos e materiais;
- Condições de trabalho;
- Respeito entre os profissionais;
- Trabalhar com toda a emoção;
- Sentir prazer naquilo que você faz;
- Trabalhar com alegria.

Após colocação das idéias que sensibilizaram as participantes, registramos em um quadro, para facilitar a visualização, e passamos a relacioná-las umas com as outras. Feito isto, através da dialogação, identificamos os Temas Geradores, que seriam trabalhados nos encontros subsequentes, quais sejam:

1. Ser mulher e enfermeira.
2. Ética e enfermagem.
3. Contexto (realidade) da atuação profissional.
4. Como Ser Mais?

Encerramos o encontro, que teve a duração de 110 minutos. Um outro foi marcado para o dia 29/04/97, às 19:30h, no mesmo local, ou seja, nas dependências da Unidade Sanitária de Mafra/SC, o qual teve como tema gerador : O Ser Mulher e Enfermeira.

Como dinâmica para orientação das atividades, decidimos pela técnica de dramatização.

III ENCONTRO – AS “SITUAÇÕES-LIMITES”

“Quem observa o faz de um certo ponto de vista o que não situa o observador em erro. O erro na verdade não é ter um certo ponto de vista, mas absolutizá-lo e desconhecer que mesmo do acerto de seu ponto de vista é possível que a razão ética nem sempre esteja com ele” (Freire, 1997, p.15).

Novamente assumi o papel de “animadora”. Não foi possível desenvolver a técnica de dramatização, visto que as participantes não prepararam nenhum “drama” para apresentar. Eu levei um artigo¹ e propus a leitura do mesmo, já que no meu entendimento, este poderia contribuir para a discussão daquele tema.

Notadamente, naquele encontro as participantes pareciam bem cansadas. Foi uma das nossas mais longas reuniões (passou um pouco de 2 horas). As colocações feitas demonstraram que este grupo de mulheres enfermeiras, tinham muito a desvelar, ao mesmo tempo que sentiam dificuldades para fazê-lo.

As falas, aqui e acolá, traziam fatores obstaculizantes. Pareceu-me mesmo, como registra Freire (1987, p.94) que por vezes os “temas geradores se encontram encobertos pelas “*situações – limites*” aos homens como se fossem determinantes históricas, esmagadoras, em face das quais não lhes cabe outra alternativa senão adaptar-se”.

Neste encontro vimos evidenciar-se o tema do silêncio, ou senão, experimentamos momentos em que o silêncio da nossa voz era pura presença. Freire (1987) afirma que quando ele se instaura, vive-se na verdade um tema dramático, em que a estrutura

¹ O Mito da Abnegação e do Sacrifício no Trabalho da Enfermagem. REZENDE, A. L. M. de Alcance, Itajaí, 9.2, n. 1, p. 49-61, jan. - jul., 1995.

constituente do mutismo se confronta com a força brutal da “situação - limite”, surgindo como consequência a adaptação.

Ao final percebemos que o tema gerador proposto para discussão nesta reunião, não havia sido suficientemente esgotado e decidimos dar continuidade ao mesmo no encontro seguinte.

*IV ENCONTRO - INAUGURANDO UMA NOVA FORMA DE SER, DE
FAZER , DE SENTIR...*

Na percepção dialética, o futuro com que sonhamos não é inexorável. Temos de fazê-lo, de produzi-lo, ou não virá da forma como mais ou menos queríamos. É bem verdade que temos de fazê-lo não arbitrariamente, mas com os materiais, com o concreto de que dispomos e mais com o projeto, com o *sonho* por que lutamos (Freire, 1994, p.102).

A citação de Freire remeteu-me a uma frase que a Prof. Rosita Saupe¹ escreveu num bilhete, em meu caderno de notas². Este bilhete, no seu conteúdo, nos incentivava a continuar as discussões no nosso Círculo, e em dado momento a professora coloca: *“Anunciar antes de denunciar. Um pé na realidade e outro na possibilidade, no sonho, na utopia”*.

¹ Dra. Rosita Saupe. Professora visitante da UFPR e minha orientadora nesta dissertação

² Caderno comum, tipo espiral, que utilizei para registrar as transcrições das fitas k-7 dos encontros do Círculo de Cultura.

Embuída de que o importante era procurar caminhos que nos levassem a nos afastar da crueza pura de nossas realidades, com intuito de apreendê-las melhor, tomei a iniciativa de, no início desta reunião, tecer alguns comentários acerca do encontro passado.

Concordamos que havíamos nos colocado de forma negativa, até porque, na maioria das vezes, reforçamos somente as dificuldades encontradas no nosso cotidiano, sem vislumbrar possibilidades melhores, a partir de uma nova construção no presente.

Em seguida, uma das enfermeiras do grupo trouxe para reunião uma poesia gravada em fita K - 7, recitada por um homem de voz mansa e firme com uma música suave ao fundo.

“*Quero dedicar esta poesia ao educador Paulo Freire*”, disse esta mulher. Paulo havia falecido uns dias antes deste encontro. Ouvimos atentamente e, em silêncio, aquela fala, cujo teor trazia uma pessoa, um ser humano que, ao conversar com Deus, solicitava ajuda no sentido de humanizar-se cada vez mais.

Vejamos um pequeno trecho:

Eu preciso de tua graça, Deus,
Porque preciso de um adjetivo que me qualifique.
Só, nu, eu mesmo não sou tão forte,
Nem tão precioso.

Tua graça, porém,
Me qualifica, me adjetiva, me purifica.
Dá-me pois, o teu charme, a tua graça,
O teu poder qualificante, santificante;

Aqueles valores que me fazem ser mais eu,
Mais humano,
Para que eu possa ser mais, para os outros.*¹

*¹ - Autor desconhecido.

A quebra do silêncio, após o término da poesia, foi feita por uma das integrantes, que fez colocações sobre Freire. Tais considerações nos remeteram imediatamente à educação proposta por ele, o que, nos enviou à educadora que somos enquanto enfermeiras. Vários exemplos foram colocados e tranqüilamente discutidos.

“Enquanto enfermeiras, guardamos uma capacidade enorme de educar. A gente trabalha com educação com a clientela, com os familiares, com os auxiliares de enfermagem e com as outras categorias que compõem a nossa equipe. A gente trabalha também com educação, com outros profissionais...A gente também educa as nossas chefias. A gente passa todo o tempo educando e não percebe”!

Uma outra enfermeira, em um dado momento de discussão, segue enfatizando seu código:

“Quando estamos agindo ‘pensando’ que estamos educando, não refletimos sobre o que os nossos clientes estão realmente entendendo. Esquecemos de compreender a realidade deles, impondo somente o que imaginamos ser o ideal”.

E, a mesma colega se pergunta, num exercício claro de descodificação:

“Qual é o caminho que devo tomar para tornar mais efetivas minhas ações enquanto educadora em saúde?”

Num misto de codificação e descodificação, no desenrolar do nosso diálogo, uma outra participante ressalta:

“O problema é que a gente quer resultados imediatos. Mudar valores, conceitos, não acontece de um dia para o outro...A gente precisa aprender a trabalhar com as nossas angústias, para que elas não interfiram nas nossas vidas, a ponto de ficarmos paralisadas diante dos problemas”.

Pareceu-me tácito que nos movimentávamos num ir e vir, do concreto ao abstrato e deste para aquele.

Os recortes da realidade que trouxemos para o nosso Círculo não eram apenas quadros, nos quais éramos meras espectadoras passivas. Eram sim, recortes de passagens das quais fazíamos parte, mas que nem por isso precisavam perpetuar-se. Conseguimos vislumbrar outros quadros que, por sua vez, comportavam outras imagens, num exercício de reflexão e criticidade. Nos reconhecemos e talvez por isso, nos sentimos tão solidárias naquele momento.

Parecíamos mais felizes, talvez estivéssemos inaugurando uma nova forma de ser, de fazer, de sentir...

Ao final do encontro tiramos fotografias, nos abraçamos, nos beijamos e marcamos um novo dia para nos reencontrarmos.

Nesta reunião do círculo de cultura não tivemos a participação de duas colegas, impedidas de comparecer por compromissos particulares.

V ENCONTRO – RESGATANDO O MÉTODO FREIREANO

É atuando que posso transformar meu anteprojetado em projeto... (e) Além disto, entre o anteprojetado e o movimento da realização ou da concretização, há um tempo histórico que devemos criar com nossas mãos e que devemos fazer; é o tempo das transformações que devemos realizar; é o tempo do meu compromisso (Freire, 1980, p.28).

Este encontro se deu no dia 19 de maio, trago este aspecto em função de estarmos num dos dias que compreendem a comemoração da semana da Enfermagem*, e nenhuma de nós mencionou este fato.

* A semana da enfermagem é comemorada anualmente entre os dias 12 e 20 de maio; sendo o dia 12

Mais uma vez, como nos encontros precedentes, assumi o papel de “animadora”. Teci comentários sobre o fato de, ao transcrever as fitas e analisá-las, ter percebido que a nossa situação de mulher quase não se evidenciou nas falas. E que nossa situação de profissionais enfermeiras, no meu entendimento, carecia de maior clareza.

Indaguei às participantes se estas não gostariam de rediscutir a proposta do educador Paulo Freire acerca do desenvolvimento de Círculos de Cultura. Em face da resposta positiva do grupo, expus minhas apreensões do método. A participação das integrantes foi surpreendente. Perguntavam, respondiam, exemplificavam. Estávamos novamente tomadas de ânimo.

Pareceu-me que o processo educativo de fato, esboçava-se instaurava-se. E quanto a ele (o processo educativo), Faundez (1993) argumenta que deve responder às questões essenciais das pessoas envolvidas e afirma: “Assim, a programação do processo educativo consiste, pois, em permitir a participação ativa de todos os envolvidos em todas as etapas do processo, quer se trate da preparação do material ou da organização crítica permanente desse processo ele-próprio” (Faundez, 1993, p. 24).

Neste momento em que posso refletir acerca da experiência que vivenciamos, não posso deixar de ressaltar este momento da discussão do método Freireano. Seguimos colocando recortes do nosso cotidiano profissional. O ser enfermeira foi a tônica da discussão. Os papéis que assumimos no dia-a-dia vieram à baila: cuidadoras, educadoras, gerentes bem como o nosso papel enquanto líderes, articuladoras do processo de trabalho da enfermagem. A nossa formação acadêmica e a nossa atuação enquanto profissionais também foram aí ressaltadas. Evidentemente, os nossos sonhos e as nossas frustrações emergiram, como também nossas potencialidades *versus* nossos limites.

Embalada pela discussão, propus uma “brincadeira”:

“Vamos tentar construir uma “teia” ou uma “rede” de palavras?”

Tal jogo teve como objetivo encontrarmos palavras que dessem conta do Ser Enfermeira. Combinamos não fazer nenhum comentário (evidentemente, isso não aconteceu). As palavras foram registradas em um quadro-negro. Não determinamos uma ordem, todas se manifestaram livremente. Nossa rede foi composta pelas seguintes palavras:

Solidária, humanizadora, humana, transformadora, competente, estimuladora, atarefada, facilitadora, sonhadora, gerenciadora, mal-remunerada, mal-reconhecida, frustrada, acomodada.

Diante das palavras elencadas, decidimos anotá-las, e a partir delas, também esboçaríamos um conceito, que seria exposto na próxima reunião do Círculo de Cultura.

Neste encontro, ao seu final, fizemos uma rápida avaliação:

“Penso que este trabalho está tomando corpo”, referiu-se uma integrante.

“O processo de trabalho em si, tá mais claro prá mim”, referiu-se outra.

Concordamos, marcamos um novo encontro para a semana seguinte, nos despedimos calorosamente e fomos embora.

VI ENCONTRO – O SER ENFERMEIRA

Reconhecer a quase tragicidade do nosso tempo, não significa para mim, porém, a rendição. A luta de mulheres e de homens pode ser obstaculizada, a vitória retardada, mas não suprimida” (Freire 1995 p. 43).

Este foi um dos mais curtos encontros, durou cerca de 70 (setenta) minutos.

Antes de colocarmos os conceitos, já previamente elaborados, uma das participantes, estimulada por outra, relatou que havia conversado com outras enfermeiras de municípios vizinhos sobre o nosso Círculo de Cultura, e que estas manifestaram-se positivamente com relação à proposta por nós desenvolvida, “*O que mais me chamou a atenção*”, continuou, esta participante, “*foi o que disse uma das colegas: - Estou num município onde trabalho sozinha, como enfermeira, ...Não tenho oportunidade de poder crescer, assim ...como vocês estão fazendo*”. Embalada pela situação que havia vivido, esta mulher, enfermeira de nosso Círculo, propôs que ao final deste trabalho pudéssemos levá-lo a outras colegas. Concordamos e seguimos à concretização do objetivo proposto para aquele encontro.

Apresentamos, um a um, nossos conceitos. Ao final de cada exposição, discutimos os aspectos que consideramos relevantes, enquanto uma das integrantes os anotou. No término desta fase, fizemos uma síntese. Vale ressaltar que em nenhum momento encontramos pontos de divergência, muito pelo contrário. Durante as falas, que ouvimos com muita atenção, nos identificamos com afirmações que foram feitas, bem como a argumentação para alicerçá-las.

A promoção da qualidade vida, a educação em saúde, a assistência prestada a humanos por humanos, e nossa atuação enquanto agentes de transformação foram aspectos apontados na maioria dos conceitos.

Chegamos ao ponto objetivado. O perfil ou o significado de SER ENFERMEIRA emergiu do nosso Círculo. Continuamos aquele encontro, nos reportamos a nossa experiência mesma, em face do trabalho até aquele momento desenvolvido. Fizemos colocações que afirmavam a satisfação pelo trabalho realizado. Pela primeira vez algumas participantes se manifestaram efetivamente com relação à possibilidade de formarem Círculos

de Cultura em seus respectivos ambientes de trabalho. Em se tratando do nosso Círculo de Cultura propriamente dito, uma de nossas colegas fez uma afirmação que, no meu entendimento, traduziu a experiência:

- *“A gente não está mais isolada, imersa, num trabalho enooooorme! A coisa parece que ficou grande, a gente, lá ... perdida no meio, né? Agora, parece que a gente se cercou ... Isto é uma força prq gente!”*.

Terminamos então esta etapa, marcamos o próximo encontro, que teve como tema gerador a Ética e a Enfermagem.

VII ENCONTRO · ÉTICA, O SEGUNDO TEMA GERADOR

Acho que uma das melhores coisas que podemos experimentar na vida, homem ou mulher, é a boniteza das nossas relações mesmo que, de vez em quando, salpicadas de descompassos que simplesmente comprovam a nossa gentitude (Freire, 1994, p.64).

Farei o relato deste encontro, muito embora precise ressaltar que a análise deste estudo compreendeu apenas os registros feitos a partir das reuniões que trataram do Ser Mulher e enfermeira, especialmente. Desta feita, este encontro faz parte do corpo deste trabalho para que o leitor ou a leitora possam acompanhar, através desta leitura, todas as discussões, em todos os encontros.

Chegamos à primeira semana de junho, data em que estabelecemos o término do nosso trabalho. *“Podíamos parar por ali”*, coloquei ao grupo. *“Mas ainda temos que falar sobre ética”*, alguém exclamou. *“Esta semana teremos então que nos reunir duas vezes”*, levantei a possibilidade. *“Então, vamos nos reunir, ora!”*, uma outra propôs. Aceitamos, e assim fizemos.

Neste encontro, como nos outros, entendi que seria a “animadora”.

Após indicar dois livros que tratavam do assunto Ética e um livro destinado ao público infantil, demos prosseguimento ao trabalho daquela reunião.

A tônica da discussão deste encontro foi o significado, a representação da palavra ética. Discutimos sobre os conceitos de ética e moral. Colocamos nossas dúvidas, demos exemplos de situações cotidianas, com o intuito de clarificar nossa visão acerca do assunto. Recorremos ao livro que havia levado, e mais exemplos surgiram. Um ponto, no entanto, evidenciou-se: a questão central - ser ou não ser ético -deslocou-se, foi ultrapassada pela idéia de que talvez o mais importante seja fazer-se, tornar-se ético. Para tanto, nos disse uma integrante:

“É preciso considerar a realidade vivida, o contexto, a nossa história pois, com o passar dos tempos, as conjunturas se modificam. É o que é ético num momento, numa determinada situação, pode não ser numa outra situação, se analisarmos sobre pontos de vista diferentes”.

Uma outra afirmou, ainda: *“... de nós, depende semear. É como aquele passarinho que vai buscar água com o bico para apagar o incêndio”.*

Demos seqüência à discussão, quando retomamos o livro infantil acima citado. Partindo de uma leitura em voz alta. Em tal obra, a autora coloca situações cotidianas, contraditórias. Alguns exemplos: à beira das raízes de uma grande árvore, ao olharmos para cima, esta pode parecer enorme, no entanto, se olhada do alto de uma montanha, parecerá pequenininha. Ainda encontramos referência ao dia de domingo que, muito embora tenha as mesmas horas que os outros dias, passa rapidamente: “a diferença deve estar naquilo que a gente faz” (Mansur, 1997, p. 19). Desta forma a autora vai concluindo, após colocadas várias situações, que tudo depende do jeito de a gente ver. Ao final propõe, com a ilustração de uma

criança diante de sua própria imagem na frente de um espelho, que as coisas podem ser vista de um jeito agora e de outro depois; e conclui: “Ou, melhor ainda, ver os dois na mesma hora”(Mansur, 1997, p.32).

Tecemos comentários acerca da idéia principal deste livro.

Assim sendo, encerramos nossas atividades daquele encontro que agora não contava mais com a presença de uma colega que, por encontrar-se em férias, havia viajado.

Éramos, agora, seis participantes.

VIII ENCONTRO - A POSSIBILIDADE / DESAFIO DE SER MAIS NO E COM O MUNDO

Eu gosto de ser gente precisamente por causa de minha responsabilidade ética e política em face do mundo e dos outros. Não posso ser se os outros não são; sobretudo não posso ser, se proíbo que os outros sejam. Sou um ser humano (Freire, 1995, p.44).

No último encontro desta etapa de nossas vidas, assumi novamente o papel de “animadora”.

Muito embora este tenha sido o nosso último encontro (reafirmo, desta etapa), não apresentamos “ares” de nostalgia. Comportamo-nos alegremente. Eu particularmente encontrava-me cansada, mas tão logo nos pusemos em círculo, como de costume, voltou-me a animação. Não era para menos; assim que sentamos, ouvi: “*Termina este, mas nós podemos fazer outros círculos!*”. Combinamos, então, que assim que passasse esta fase, na qual me dedicaria ao relatório, este mesmo, faríamos um outro círculo, quinzenal, talvez.

Agradei a compreensão e empenho das colegas, convidei-as para assistir à apresentação deste relatório e dei a cada uma um cartão em que registrei algumas pequenas considerações pessoais.

Nesta oportunidade, de posse do projeto, li para elas os objetivos geral e específicos. Chegamos então à conclusão de que todos tinham sido atingidos.

Fiz ainda colocações sobre alguns aspectos que percebi no decorrer do trabalho, tais como: dificuldades encontradas, a participação das integrantes, o desenvolvimento do itinerário de pesquisa, os nossos avanços e sobre o nosso próprio empenho em *Ser Mais*.

Ouvi e percebi manifestações extremamente positivas, as quais também me deram conta do envolvimento das participantes no processo vivenciado:

-“**Estou aprendendo** (grifo da participante) *a ser mais profissional, mais humana, mais ética, mais mulher. Quero viver sem sofrer muito. Ser menos impulsiva, emocional. Quero refletir para transformar* (grifo dela) *em equilíbrio com o meio onde vivo”*.

Este relato foi feito por uma mulher, enfermeira do nosso Círculo, através de um bilhete que ela própria entregou-me, naquele dia.

As palavras da colega me remeteram às considerações de Freire (1994) acerca da conscientização, baseadas na relação consciência mundo. O autor explica que o homem se aproxima espontaneamente do seu mundo, e que nesta movimentação assume uma posição ingênua, experiencia a realidade em que se encontra e, por isto mesmo, busca-a. É a tomada de consciência, que se desenvolvida criticamente, implica conscientização que, por sua vez, “se apresenta como um processo num determinado momento, deve continuar sendo no momento seguinte, durante o qual a realidade transformada mostra um novo perfil” (Freire, 1980, p.27). Talvez seja esse novo perfil que a integrante pareceu desvelar.

Vale dizer que este encontro foi um dos mais longos. Tratamos do Tema Gerador Ética e o embriamos com o significado de ser Enfermeira, com situações vividas no

nosso ambiente de trabalho, com passagens de nossas vidas enquanto seres humanos e cidadãos, com o nosso próprio Círculo enfim, com recortes do nosso mundo.

Chegamos ao fim deste encontro, não sem antes fazermos uma avaliação pessoal da experiência vivida. As avaliações foram todas positivas, haja vista a possibilidade levantada pela maioria das participantes de continuar a desenvolvê-la.

Antes, porém, de encerrarmos nosso encontro, solicitei às participantes que utilizassem uma palavra que desse significado ao processo por nós experienciado. A cada palavra dita reagíamos com “ares” de contentamento, acho até, de orgulho.

Eí-las:

- Possibilidades;
- Desafio;
- Aventura;
- Vínculo;
- Consciência;
- Transcendência.

4 – CODIFICAÇÃO, DESCODIFICAÇÃO E DESVELAMENTO - RECORTES DOS ENCONTROS

Aqui trataremos basicamente do desenvolvimento do Círculo de Cultura, o que quer dizer, o tratamento do Tema Gerador selecionado para ilustrar o itinerário percorrido. Nesta fase do trabalho, transcreverei grande parte das afirmações, indagações, indignações, anúncios, denúncias, enfim, as colocações feitas pelas integrantes do grupo. A intenção é fazer com que você, leitor ou leitora, possa, através da leitura, compartilhar conosco o desenvolvimento deste Tema e apreender o desenvolvimento do método proposto por Freire, aplicado não a alfabetizando(as), mas às mulheres com uma profissão definida, já colocadas profissionalmente no que diz respeito ao mercado de trabalho e ao espaço que conseguiram conquistar, através da construção de suas respectivas histórias também enquanto profissionais.

Quando utilizo, no título deste capítulo, a expressão recortes dos encontros, refiro-me a partes, pedaços, momentos das discussões, que traduzem o teor do encaminhamento durante todo o trabalho do Tema Gerador. Esses recortes não se apresentam no texto numa seqüência cronológica; são trazidos, pinçados, a partir das transcrições feitas das gravações das reuniões em fitas K-7, conforme ima sinalizando, na minha visão, a compreensão da idéia que individualmente ou em grupo queríamos colocar. Dessa forma, para dar um exemplo, uma afirmação feita num encontro poderia ser corroborada ou contraditada numa outra situação, na mesma reunião ou numa outra, fato facilmente compreensível, visto que durante todos os encontros tratamos na verdade da mesma temática.

Creio que melhor seria se fizéssemos este trabalho a “sete mãos”. Mas, diante de tal impossibilidade, me empenharei em cumprir esta empreitada da melhor forma possível,

colocando-me como participante/animadora, educadora/educanda, mulher/enfermeira, autora deste relatório.

Nestes oito encontros, trabalhamos com dois temas geradores: “O Ser Mulher e Enfermeira” e “Ética e Enfermagem”; no entanto proponho-me a discorrer apenas sobre o primeiro tema, por duas razões principais: a primeira delas, e talvez a mais importante, é que no desenvolvimento da temática emergiram questões que nos remeteram também à discussão acerca da ética, como não poderia deixar de ser. E a segunda razão é que, na minha percepção, o número de encontros destinados ao desenvolvimento do segundo tema gerador foi insuficiente para esmiuçá-lo de forma mais consistente.

Entendo ainda ser importante ressaltar o aspecto – Tema Gerador - não sem antes referir o que Freire (1987, p.92-93) define como unidade epocal : “se caracteriza pelo conjunto de idéias, de concepções, esperanças, dúvidas, valores, desafios em interação dialética com seus contrários, buscando plenitude”, e conclui: “A representação concreta de muitas destas idéias, destes valores, destas concepções e esperanças, como também os obstáculos ao *ser mais* dos homens constituem os temas da época” (Freire, 1987, p.92-93). Neste sentido, vale reafirmar que o tema gerador é um fato concreto a que chegamos, através da experiência existencial e também de uma reflexão crítica sobre as relações homens-mundo, homens-homens, em que estas estão implícitas naquela (Freire, 1987).

Ora, assim sendo, chamo a atenção para o fato de chegarmos ao tema Ser Mulher e Enfermeira, exatamente, logo no primeiro momento em que procuramos identificar nossos desafios, o que aponta para o desvelamento das contradições muito peculiares do sistema em que vivemos, e que inclui a questão da própria atenção à saúde. Como se isto só não bastasse, parece mister focalizar o próprio profissional enfermeiro, que no dizer de Nakamae (1987) tem relação com o lugar ocupado e a função desempenhada por ele

(enfermeiro) nas instituições de saúde e no interior do conjunto dos agentes que executam o trabalho da enfermagem, tendo como consequências crise de identidade no que se refere a si mesmo e sua prática, indefinição de papéis e a circunscrição do seu espaço.

Dito assim, avancemos rumo ao tema.

Ao iniciarmos a discussão deste tema, pode ser observado o grande número de indagações que fizemos. Isso demonstra a importância de realmente esmiuçarmos o tema proposto. Ao chegarmos ao quinto encontro conseguimos compor uma síntese do tema gerador, somente no que diz respeito ao Ser Enfermeira. Vale ressaltar que, muito embora o fato *ser mulher* seja um ponto relevante, ele foi poucas vezes apontado pelas participantes. Nestas poucas falas, temos:

Vergínia afirmou que o fato de termos decidido por este tema é reflexo da realidade da nossa sociedade, em que o homem é considerado um ser superior, enquanto a mulher é tida como submissa; apenas nos últimos tempos, vem ocupando lugar no mercado de trabalho. Esta participante levantou ainda o fato de, historicamente, a enfermagem ter sido marcada pela submissão:

“Uma história tão distante, mas muito arraigada em nós”.

E concluiu que o fato de sermos mulheres e enfermeiras nos coloca duplamente em posição de submissão, e argumenta:

“E se a gente tentar quebrar isto, a gente é considerada uma profissional rebelde”.

Andréa pareceu querer dar seqüência à colocação feita pela colega, afirmando:

“Vivemos querendo satisfazer as expectativas dos outros, né?”. E pergunta: “Será que como enfermeiras temos que saber tudo?”.

E fez a mesma relação com o fato de ser mulher:

“Você é uma mulher, é casada, tem filhos e não sabe cozinhar. Como?”

Perguntam as pessoas!

E continuou indagando:

“Quem colocou que eu tenho que saber cozinhar pra ser mulher? Isso é uma coisa que os nossos antepassados colocam. Mas não é assim!”

Andréa, fazendo uma pergunta/afirmação, codificou sua idéia. Quando fez a segunda pergunta, questionou-se realmente, iniciou a descodificação. Em sua última afirmação, ressaltou que o fato de não saber cozinhar não deixa de caracterizá-la como mulher, ou seja, ela ultrapassou esta idéia, superou-a enfim.

Esta mesma participante, num outro momento deste mesmo encontro, trouxe a questão da jornada dupla da mulher (no trabalho e em casa) como um fator de desgaste. Reforçou que houve avanços, mas que ainda existem grandes dificuldades. Sendo assim, fez um movimento ao contrário, quero dizer, partiu da ótica do fato de ser mulher, para o de ser enfermeira, e perguntou:

“Será que a gente vai conseguir chegar na enfermagem e dizer: não, isto eu não vou... ((fazer))?”

E prosseguiu:

- “Eu posso fazer mais, o que será que posso fazer?”

Estas reflexões apontam para a busca de um caminho, ato claro de descodificação.

Dirigi-me a Elis questionando-a sobre o exposto, e esta numa fala longa, levantou vários aspectos de sua situação existencial. Relatou sentir-se “afogada” pelo sistema e sua incapacidade em encontrar soluções práticas. O sonho de uma sociedade mais justa, mais

humana, desmorona-se diante da percepção desta participante ao constatar que os seres humanos querem *ter mais*, ao invés de *ser mais*.

O fato de ser mulher e enfermeira, na visão de Elis, potencializa suas dificuldades com relação aos seus problemas existenciais. As frustrações vividas no seu trabalho somavam-se ao fato de ver seus filhos, sua família, enfim, receberem menos atenção do que deveria dar-lhes.

A situação acima é de clara codificação. Dando seguimento à sua explanação, fez uma colocação contundente acerca do dilema que tem vivido, originado do fato de que as pessoas (aqui, refere-se a outros profissionais que detêm algum tipo de poder no seu ambiente de trabalho) quererem que ela assuma posturas que não se coadunam com o seu modo de existir:

“A maneira como eles querem que eu seja mais não é a maneira como eu quero Ser Mais; só que eu não consigo ser esse Mais que eu quero ser.”

Ana interferiu, afirmando que o nosso grande problema é que vamos cedendo sempre, no que Elis complementa:

- “Eu sei o que quero, só não sei como lutar”...

Ana novamente tomou a palavra, relatando que tem percebido que no seu local de trabalho há diferença no tratamento dos profissionais para com os membros da equipe de enfermagem do sexo masculino. E afirmou:

“A equipe (multiprofissional) se sente mais segura com eles”.

Diante do exposto, perguntei a Ana:

“Será que temos que nos colocar numa postura passiva diante desta realidade?”.

Não obtivemos nenhuma resposta que nos incitasse ao desdobramento da idéia

colocada; então, prosseguimos numa outra discussão.

As referências mais claras acerca do significado de ser mulher quase se esgotaram no que foi até aqui exposto, o que quer dizer, nos dois primeiros encontros do Círculo de Cultura. Na quinta reunião participei às colegas que, ao rever as transcrições, percebi o fato acima mencionado. Todas concordaram, mas, ainda assim, o significado de *ser mulher*, continuou sendo pouco questionado.

Destaquei duas colocações que não se referem ao fato específico de *ser mulher*, mas que, pelo seu conteúdo, denotam que, muito embora a questão profissional tivesse sido a tônica das nossas discussões (talvez pela sua própria emergência), as situações existenciais enquanto ser humano encontram-se aí, latentes.

No fluxo e refluxo dos diálogos (segundo encontro), voltamos à visão do grupo acerca da condição da mulher, profissional de enfermagem, que no entendimento de Andréa faz com que tenhamos uma postura maternal frente às situações. Segundo esta mesma componente, a idéia de que somos responsáveis por todas as ações da equipe, técnica e moralmente, nos lança tão profundamente no trabalho, nos envolve de tal forma, que não conseguimos analisá-lo friamente, refletir sobre ele. Em seguida, Luana fez um relato sobre a forma como trabalha. Afirmou que, além da assistência direta à clientela e da organização do trabalho da equipe (divisão de tarefas, ações de caráter administrativo, etc.), assume funções como o conserto das máquinas de hemodiálise, por exemplo. Mencionou ainda que é reconhecida no seu ambiente de trabalho como a enfermeira “bombril - mil e uma atividades”, e desabafou:

“Eu não tenho tempo pra mim, estou sempre ligada nos problemas da Unidade”.

“E o que você acha que pode fazer pra mudar esta situação?” Perguntei.

“Impor limites”, respondeu Luana.

Ana reforçou a colocação de Luana com exemplos de seu cotidiano profissional, quando Denise, que até o momento se mantivera ouvindo, deu um depoimento pessoal. Contou que alguns fatos novos acontecidos na sua vida pessoal levaram-na a rever sua situação profissional.

“Eu não vou fazer nada mais além do que estou fazendo”.

Esta participante referiu-se ao fato de, perceber que - após cinco anos de trabalho em sua instituição, a qual se dedicou todo tempo com zelo, carinho, responsabilidade e competência - não lhe é dada a devida valorização.

Com relação às colocações destacadas acima, ressalto a afirmação da Andréa quando reforçou a responsabilidade do enfermeiro. Ao nos reportarmos ao Código de Ética dos Profissionais da Enfermagem (1993) do Conselho Federal de Enfermagem, podemos perceber através dos seus artigos tal fato:

CAPÍTULO III

Das Responsabilidades

Art. 19 - Promover e/ou facilitar o aperfeiçoamento técnico, científico e cultural do pessoal sob sua orientação e supervisão.

Art. 20 - Responsabilizar-se por falta cometida em suas atividades profissionais independentemente de ter sido praticada individualmente de um grupo.

CAPÍTULO IV

Dos Deveres

Art. 21 - Cumprir e fazer cumprir os preceitos éticos e legais da profissão.

Art. 39 - Alertar o profissional, quando diante de falta cometida por imperícia, imprudência ou negligência.

Art. 40 - Comunicar ao Conselho Regional de Enfermagem fatos que infrinjam preceitos do presente Código e da Lei de Exercício Profissional.

Além da observância do Código é importante apontar que todas as participantes, exceto a autora e Ana, exercem cargo de Chefia de Serviço.

O fator responsabilidade emergiu das falas das integrantes diversas vezes, em diferentes aspectos. No entender de Ana, a enfermagem - em particular a enfermeira - acaba sendo designada e sentindo-se responsável por problemas tais como falta de roupa, manutenção de equipamentos, falta de medicamentos ou materiais, etc..., e resume:

“Esse é o nosso dia-a-dia!”

Num outro encontro, quando a discussão girou em torno da importância do cuidado de enfermagem feito pelo próprio enfermeiro *versus* o nosso cotidiano, segundo a visão de Ana, ela mesma codificou novamente:

“Quando a gente entra na instituição, vê que tem tanta coisa pra fazer... A gente não consegue fazer um plano de cuidado pra cada paciente. Vejam só!... um plano de cuidados, uma coisa básica... É a gente não faz!”

“Mas será que não dá prá fazer nada mesmo?”

Perguntei, referindo-me à realização de cuidados, enquanto enfermeiras.

“Será que não é por isso que o cuidado, propriamente dito, está tão longe da gente?”

“Mas a gente faz... Só não registra”.

Perguntei novamente:

“Quando o seu colega não registra o que faz, o que você diz a ele?”

“Digo a ele que o trabalho não está completo”.

“Talvez nós tenhamos que ouvir mais as coisas que a gente fala”.

Insisti na pergunta primeira:

“Por que a gente não faz?” (cuidados de enfermagem).

Ao que Andréa responde:

Porque somos enfermeiras e nos colocam como chefes. E como chefes temos que tomar conta disso, tomar conta daquilo... Se há um problema na lavanderia, temos que resolver, se há um problema na farmácia e falta medicamento, temos que resolver...E por aí vai.

“Acho”, disse, “que a gente se responsabiliza por tantas coisas, que a essência da nossa existência - o desenvolvimento do cuidado - fica pra segundo plano”. “Acho ainda mais... que a Elis desvelou isto pra nós no nosso primeiro encontro. A resposta pra isso tudo está em nós.

Ana reforçou o fato de que o gerenciamento, uma das atividades do enfermeiro, é muito importante para o desenvolvimento de todo o trabalho.

“Nós estamos num momento de construção, gente!”. Ressalta Ana.

“Mas essa construção tem que ser crítica”, lembra Verginia.

Um outro recorte interessante da discussão deste tema gerador se deu no nosso quarto encontro.

No início da reunião coloquei que o significado de Ser Enfermeira no meu entendimento, ainda não tinha se apresentado com muita clareza. Segui minha fala, afirmando que o fato de buscarmos o significado de ser Enfermeira parecia-me ser ponto de partida para as transformações desejadas. Elis prosseguiu, concordando com a minha afirmação, argumentando que não conseguimos definir claramente o Ser Enfermeira, em função da forma como trabalhamos, na maioria das vezes, condicionadas às chefias, ao sistema como um todo.

E ratificou:

“Pra mim o ser enfermeiro é um ser inovador... Estar na frente, ser criador de coisas, atitudes novas. Esse ‘apagador de incêndio’ que querem que a gente seja não

preenche as nossas expectativas... Dá um vazio muito grande". "Esse enfermeiro mais, mais consciente, mais valorizado, é a minha busca. Às vezes eu sinto que estou um pouco mais perto, às vezes um pouco mais distante..."

Particpei, então, ao grupo uma observação pessoal. Disse-lhes que, ao analisar as transcrições das fitas dos nossos encontros, notei que as colocações feitas com relação à enfermagem estavam muito negativas, já que parecíamos estar presas a questões que nos diminuam a auto-estima como, por exemplo, desvalorização profissional, incapacidade em superar problemas, salários injustos etc... Nesta oportunidade, mencionei a importância de buscarmos caminhos que nos levassem à superação desses obstáculos e que a proposta, deste nosso trabalho em especial, era exatamente esta.

Lembrei às participantes que, num dos nossos encontros, Verginia havia dito que todo o trabalho compreende a "semeadura, o plantio e a colheita", mas que nem sempre podemos viver todas essas fases em uma situação específica. Ora, se concordamos com tal assertiva, cabe-nos também entender que estas fases tanto podem se dar por inteiro, como podem desenrolar-se separadamente e em várias situações diferentes. Com o intuito de corroborar a idéia trazida por Verginia, argumentei:

"A enfermagem comporta várias frentes: a assistência propriamente dita, a administração de serviços de saúde, a docência e outras mais. Cada uma dessas frentes comporta, por sua vez, um sem-número de particularidades, de situações. Se tudo não vai bem, por outro lado, é obvio, que nem tudo vai mal. Se numa determinada ação, ou num tempo-espaço, a gente semeia e pode plantar e até colher, numa outra situação pode encontrar tudo já plantado e, então, colher e semear novamente. É um processo, vai num caminhar..."

Denise concordou e relatou que se sente como uma profissional que tem a responsabilidade de transformar as situações postas:

“Mesmo que o trabalho seja uma rotina, essa necessidade de mudar algo tá sempre dentro da gente”. E continua:

Seja a prática do dia-a-dia uma técnica que precisa ser ajustada... É um programa (de saúde) que você tem que instituir...”.

Concluiu que os resultados não são imediatos e alertou:

O que não pode acontecer é a gente entrar no comodismo, porque aí, a gente perde aquela vontade de crescer, de inovar.”

Esta participante continuou sua fala, discorrendo acerca das dificuldades que encontra no seu ambiente de trabalho, visto que é a única enfermeira da Secretária da Saúde de um município, e comentou:

Acabo tendo que trabalhar só prá dar conta da demanda... Eu sei o que gosto de fazer e o que sei fazer melhor... Mas pra estas coisas sobra pouco tempo, porque é muito trabalho que temos pela frente.

A sobrecarga de trabalho foi sempre muito reforçada nas colocações da Denise. Num encontro anterior, codificou sua situação da seguinte forma:

“Eu não consigo chegar aonde quero chegar. Parece assim... o trabalho, a gente vai fazendo, fazendo e não termina nunca. É como se o nosso trabalho desse voltas”.

Em detrimento de todas as suas atividades, a colega retomou a questão da responsabilidade da enfermeira enquanto articuladora do processo de trabalho da enfermagem.

“Estamos, de uma forma ou de outra, sempre à frente da equipe. Isso nos confere uma liderança, e esta faz com que a gente tenha sempre que mudar”.

Verginia trouxe uma passagem acontecida naquela manhã, entre ela e os alunos que estavam sob sua supervisão, em estágio. Relatou-nos que conversavam sobre assistência de enfermagem, e foi enfática:

“Se tem alguém que sabe como está o paciente é a enfermeira... Se ele está angustiado, se está melhorando, como está reagindo ao tratamento, do que ele precisa... Então, nós sabemos qual é o nosso papel. Talvez a gente não assuma, mas a gente sabe... o cuidado... o nosso ‘fio condutor.’”

Ana discordou, colocando que em nenhum momento percebeu que o problema do enfermeiro se encontra na incapacidade de realizar técnicas, e enfatizou:

“Os problemas dos enfermeiros são existenciais!” Interferi:

“O nosso existir está muito relacionado ao ato, à atitude de cuidar.

Acho que ainda não nos demos conta disso e aí, nos perdemos”.

Quando fiz essa afirmação estava me referindo ao valor que precisamos atribuir às nossas ações e atitudes no campo do cuidado. É bem verdade que temos que analisar com prudência as questões que se relacionam ao exercício da enfermagem. Nesse ponto se faz mister remetê-lo aos determinantes histórico-sociais que o envolvem.

Pires (1989), caracterizando as transformações que resultaram no processo de trabalho em saúde, ressaltando a existência de uma divisão técnica e parcelar, dirigindo-as especificamente ao processo de institucionalização da enfermagem, nos leva a considerar vários aspectos que precisam ser observados quando refletimos e agimos sobre o nosso ser/fazer, ideologicamente marcado pela submissão, seja quando nos reportamos à nossa origem, seja quando nos percebemos submetidas a determinantes político-econômicos-sociais, como nos tempos atuais.

É fato também que a divisão técnica e social, em função da divisão de categorias (enfermeiros, técnicos e auxiliares) na enfermagem, assim como a forma da estruturação dos serviços de saúde, trazem repercussões que se refletem na forma como nos colocamos enquanto profissionais. Pires (1989) aponta para a divisão do trabalho na enfermagem como sendo estruturada no bojo da organização da sociedade sob o modo de produção capitalista. “A enfermagem, reconhecida como profissão organizada, sempre exerceu suas atividades assistenciais dividindo tarefas com outros trabalhadores de enfermagem aos quais coube o trabalho manual realizado sob controle e supervisão do enfermeiro” (Pires, 1989, p.137). E mais, que este (o enfermeiro) controla a assistência, deliberando tarefas específicas aos demais, “que executam um trabalho alienado, sem qualquer controle do processo e do produto final deste trabalho” (Pires, 1989, p.138). Em contrapartida, a mesma autora (1989) registra que o enfermeiro é um trabalhador assalariado, que executa um trabalho do tipo intelectual e de gerenciamento, mas que no âmbito da área de saúde, o trabalho é desenvolvido com autonomia relativa em relação aos demais profissionais de nível superior.

Essa afirmativa lança-me a alguns momentos da discussão, em que as participantes levantaram esse aspecto.

Andréa, ocupante de cargo de chefia, ao colocar sua temática geradora, referiu-se à importância de discutirmos o posicionamento da enfermeira frente à equipe de enfermagem e aos outros profissionais. Com relação à autonomia relatou, com uma expressão fácil e corporal de desânimo, o seguinte:

“Me sinto com as mãos amarradas... sem poder fazer nada”.

Elis, na mesma ocasião, com relação ao apontado por Andréa, desabafou:

- “É uma luta que se trava dentro da gente. Acho que é uma falha na formação da gente... É toda uma coisa que vai sendo colocada... culturalmente. E a gente se sente

presa, e vai repetindo as mesmas coisas... colaborando com o sistema e vai reclamando um monte de tudo, né? não entendendo que é da gente que parte a mudança”.

Ainda, no mesmo encontro, referindo-se à equipe de enfermagem, Ana, numa descodificação clara, indagou:

“Como eles (auxiliares, técnicos) não se aproximam da gente... Ou é a gente que não consegue se aproximar deles?”... “como é que a gente pode trabalhar com pessoas que estão cada vez mais afastadas?”

E concluiu:

- “Deve haver um meio!”

Luana, no encontro seguinte, muito embora ressaltasse com alguma frequência a sobrecarga de trabalho, pareceu satisfeita com sua equipe de trabalho.

Perguntei:

“Qual o seu papel, Luana, lá na sua unidade?”

Relatou-no que tem desempenhado um trabalho importante no que diz respeito à promoção da capacitação técnica do grupo, bem como no incentivo de atitudes e comportamentos voltados à humanização do trabalho - companheirismo, divisão de responsabilidades frente aos problemas que surgem, enfatizando:

“Sozinhos, a gente não chega a lugar algum”

Ainda com relação à força de trabalho do enfermeiro - que imagino ter estreita relação com a assunção de um posicionamento mais autônomo - farei colocações mais adiante, visto que este ponto emergiu algumas vezes mais em nosso Círculo. Faço aqui um parêntese para discorrer um pouco mais acerca desta última afirmação de Luana.

Esta integrante demonstrou, no desenrolar dos encontros, formas de superação, através do trabalho em comunhão. Ressaltarei dois aspectos: o primeiro deles relacionado à

sua participação em nosso Círculo de Cultura; o segundo, voltado à sua postura pessoal e profissional no interior do seu ambiente de trabalho.

Com relação aos aspectos mencionados, quando num dado momento nos dispomos a avaliar o Círculo que construímos, Luana nos confidenciou que se sentia um “bichinho do mato”; que tinha sempre muita dificuldade de expressar-se, falar abertamente o que pensava, e que para ela, especialmente, o fato de poder expor suas opiniões e ouvir as colegas foi uma oportunidade de trabalhar suas dificuldades e perceber que não estava sozinha.

- *“De repente eu ser convidada a participar de um grupo e poder falar, expressar meus pensamentos... abriu muito”.*

Em seguida, Luana comentou:

“Depois que a gente conversou sobre o que significa ser enfermeira, eu chequei e falei pra minha chefe... Puxa! Eu não me sinto enfermeira... estou me sentindo assim... só fazendo a parte técnica das coisas... E aí, ela me disse - nós vamos mudar isso!”

Esta participante parece ter percebido as várias dimensões do *seu fazer* enfermagem. Vale ressaltar que no encontro, cuja proposta foi fazer o levantamento dos temas geradores, Luana colocou a necessidade de considerarmos as condições sociais, econômicas e culturais dos pacientes, como um norteador imprescindível para a prestação de assistência com qualidade. Nesse sentido, tendo sua chefe como aliada, estão trabalhando com a perspectiva de implantarem, ao menos por um período do dia, uma vez por semana, a consulta de enfermagem aos clientes e familiares de seu serviço.

Fechado o parêntese, voltemos ao aspecto autonomia.

Lunardi (1995, p. 73), citando Foucault, num ensaio em que se propôs a realizar um exercício filosófico sobre a enfermagem, coloca: “há momentos na vida onde a questão de saber se, se pode pensar diferentemente do que se pensa e perceber diferentemente o que se vê,

é indispensável para continuar a olhar ou a refletir”. Entre outras situações, a convivência neste Círculo apontou para essa possibilidade. O fato de trazermos para as discussões nossas questões existenciais fez com que partilhássemos momentos de reflexões, que aqui e acolá, nos levaram a perceber novas perspectivas ou resgatar algumas outras que o tempo e a realidade se haviam encarregado de diluir, ocultar.

Nesse sentido, exatamente no quarto encontro, Ana relatou uma conversa que tivera com uma colega que havia recentemente participado de um Congresso de Enfermagem nos Estados Unidos da América. No congresso, a colega fora surpreendida com fatos que a levaram a acreditar que a enfermagem, e em particular a enfermeira, tem naquele país, seu trabalho, seu saber valorizado; parece ser um profissional realmente autônomo. Ana completou que, após a conversa com a colega, se deu conta de que, enquanto era acadêmica, imaginava que poderia desenvolver com autonomia, a profissão: fazer diagnósticos, prescrições, avaliações, através da implementação do processo de enfermagem, de estudos de casos e outros instrumentos. Pensando assim, percebeu que existem situações muito próximas, aqui mesmo no Brasil, que comportam uma enfermagem mais consistente, mais capaz de dar conta das suas reais funções. Após a exposição de Ana, perguntei:

“Mas o que nos impede de buscarmos esse caminho?”

“A gente se esquece de muita coisa que aprendeu, lá na faculdade”.

Diante de tal argumentação, num exercício individual, remeto-me à perspectiva cruel da dicotomia que vivemos entre a teoria e prática. Quando nos afastamos daquela, estamos na verdade nos afastando também da prática que um dia sonhamos, e nos lançamos numa outra, que nos submete a uma grande crise de identidade. Tal assertiva remeteu-me à pergunta feita por uma componente:

“Que rosto eu tenho?”, indagou Elis, quando fez uma argumentação acerca do dilema que experimenta, na descodificação, do que diagnosticou ser um duelo entre o seu existir técnico *versus* o político, num sinal claro da importância de buscarmos a compreensão da nossa existência.

Em um outro momento, Ana fez uma análise de como nos comportamos frente ao aspecto valorização profissional, e aí, especialmente com relação ao mercado de trabalho, “visto os baixos salários, os honorários parcos que o mercado nos oferece pelo nosso serviço” argumentou:

“É verdade!... em nome do idealismo nós aceitamos trabalhar por qualquer coisa. Nós não nos valorizamos... Por uma boa causa, nos atiramos no trabalho”.

“Parece que o trabalho do dia-a-dia, ao invés de nos situar melhor, coloca a gente numa situação de imobilismo, de descrença... A gente perde ‘a graça’... ‘Mas a possibilidade de modificar isso, tá aí... Esse trabalho árduo, difícil, mal-remunerado é a gente que faz. Essa cultura é nossa mesma. Tá passado da hora de mudar este ‘jogo’. Tem que ser de um jeito, que seja o nosso próprio... não cai do céu... a gente tem que construir.”

Um outro ponto, ao qual dedicamos um tempo considerável nos encontros, foi a importância da prática educativa nas ações do enfermeiro. Fato facilmente explicável, haja vista as atividades das componentes. Com relação à educação formal, todas as integrantes, exceto a autora, ministravam aulas em cursos para formação de auxiliar de enfermagem. Duas, por trabalharem na Secretária de Saúde dos respectivos municípios, Mafra - Santa Catarina e Rio Negro - Paraná, eram responsáveis pela implantação e implementação de programas de saúde para a população. Outras duas componentes desenvolviam atividades em uma maternidade de pequeno porte, com clientela de baixo risco, o que as levava a considerar a educação em saúde como uma função básica. Uma outra é a única enfermeira de um hospital geral, de médio

porte, e ainda uma, que também é a única profissional de enfermagem de nível superior numa unidade de hemodiálise e finalmente a autora, que sempre trabalhou com a prática da educação em saúde e, por isso mesmo, propôs esta experiência.

No campo das codificações levantadas, inicio com as considerações feitas pelas participantes. Elis referiu-se ao trabalho, na área da educação como um ideal seu. No entanto, ao olhar em volta percebe-se sozinha e argumentou:

- A população, de uma forma geral, não assume uma postura consciente... crítica do sistema. E por não entender ou acreditar, assim... que as mudanças surgem da base, fica assim mesmo... paralisada... Acho a situação muito difícil..."

Esta assertiva foi colocada no primeiro encontro do Circulo de Cultura. Esta mesma componente fez outras afirmações que deram conta de corroborar a sua preocupação com a dimensão educativa da prática do enfermeiro, gerando algumas discussões. Na terceira reunião do Circulo de Cultura, abordamos novamente esta questão. Eu mesma argumentei que, na faculdade, durante o curso de graduação, percebi a dimensão educativa como fator preponderante da nossa prática e que, através dela, podíamos vislumbrar uma “nova” forma de exercer a enfermagem.

- Nesta trilha (acho que ainda temos muito que desenvolver), fui, fui, até chegar aqui, neste Circulo de Cultura... Acho que vou ser melhor, a partir disso!"

E Elis, num encontro com “seus” códigos, colocou:

“Tenho a impressão de que o trabalho que a gente faz não modifica a realidade... Qual é o caminho que devo tomar pra tornar mais efetivas minhas ações enquanto educadora em saúde? ... Talvez a gente tenha que se reeducar, pra então poder educar realmente”.

Após este misto de codificação/descodificação/desvelamento, exemplificou relatando um caso:

Uma mulher engravidou, deu à luz um bebê e não o quis, já que optou por acompanhar o marido que era (é) aidético. Esta mulher foi orientada (também por Elis) sobre todos os riscos e implicações da situação que a envolvia. Persistiu na decisão - continuar a viver com seu companheiro e abandonar o bebê.

“Ela” (a mulher), nos contou Elis, “passou por situações delicadas... sofreu um monte de preconceitos. E, meses depois, estava ela lá, grávida novamente”.

Com “ar” de perplexidade esta componente afirmou, indagando:

“Eu me escandalizo por ela! Como é que pode uma coisa assim...?”, continuou Elis, num exercício de reflexão na busca da superação de seus desafios, afirmando que a enfermagem deve investir sua força de trabalho no campo da educação e afirma, indagando:

“Eu vejo assim... que eu não sei fazer educação em saúde... Ou será que sei e não percebo?”

Andréa interferiu, trazendo à baila que devemos tomar atitudes mais flexíveis diante das situações. Citou algumas passagens que ocorreram no seu ambiente de trabalho, que a fizeram modificar sua prática:

“A gente precisa se renovar todo dia, porque as pessoas e nós também, mudamos a todo instante... precisamos rever e avaliar nossa prática”

Interferi:

“Acho que o que a Andréa está falando diz respeito a esse cuidar profissional que a gente precisa aprofundar. Esses encontros (referia-me ao Círculo de Cultura)... acho que é uma forma. Acho que a autonomia de que a gente fala é bem isso... Saber trabalhar. Ao mesmo tempo que a gente se sente mais firme, fica até mais humilde... assim, mais

humano e pode se aproximar mais das pessoas, sem se escandalizar tanto”. - “Eh”... fala Elis, “de repente a gente não pode ser assim tão negativa.”

E nos relata outro caso, cuja síntese descrevo abaixo:

“Uma mulher, múltipara (13 filhos), dirigiu-se ao posto de saúde para vacinar seu filho, uma criança com cerca de dois meses de idade, e que se encontrava em precário estado de higiene. Elis já conhecia esta mulher assim como as péssimas condições de vida desta família, através do trabalho desenvolvido pelos agentes comunitários de saúde. No momento em que esta mulher ainda se encontrava no posto de saúde, uma agente comunitária indagou a Elis como poderia abordar questões de educação em saúde com a referida mulher, visto as condições adversas que pontuavam sua vida - uma família numerosa, residindo em uma casa com apenas dois cômodos pequenos e malconservados. Ainda para completar o quadro, o marido da tal mulher, desempregado, havia sofrido um acidente vascular cerebral, fora internado e ao receber alta e ser levado de volta para o domicílio, os agentes comunitários, assim como a família, perceberam que este - o marido - não teria condições de recuperar-se. Neste momento a equipe de saúde e a mulher iniciaram uma movimentação no sentido de reinterná-lo, ao que designaram de “internação social”. Procuraram o médico assistente, expuseram a situação e este - o médico - sensibilizado, decidiu interná-lo. Como se apenas isso não bastasse, esse profissional passou a doar à família uma quantia equivalente a um salário mínimo, mensalmente, para a compra de gêneros alimentícios. Neste ínterim, a mulher procurou e conseguiu emprego, numa pequena indústria, para o filho mais velho - um adolescente - e a situação que parecia irremediável, começou a ajustar-se”.

Ao terminar o relato Elis colocou ainda que, normalmente, recria atitudes de assistencialismo. Mas que neste caso, em particular, percebera que a atitude do médico

“funcionou” como um impulso para que a família procurasse alternativas à situação vivida. Na oportunidade, comentei:

“De repente alguém se importou com eles. Tinham que fazer a sua parte também”

Na seqüência, utilizei o caso relatado como exemplo de um núcleo familiar diante de uma “situação-limite”, que teve o seu despertar evidenciado através de atitudes de solidariedade, através do compromisso ético entre seres humanos, este sim, capaz de “remover, desde pequenos montes, até grandes montanhas”.

Prosegui argumentando que, na busca do SER ENFERMEIRA, tenho percebido o quanto a atitude de ajuda tem marcado profundamente o nosso fazer enfermagem.

“As pessoas que estão recebendo os nossos cuidados, quando os fazemos com compromisso ético, acabam percebendo que a gente pode ajudar e que elas podem se ajudar, também...Ai fica claro que a gente tem um conhecimento específico, nosso... que tem um preço, um valor.”

Continuei:

“E quando a gente consegue se abrir e juntar este conhecimento, à disposição de ofertá-lo assim, ... de forma humana, comprometida, autêntica, ética... as pessoas em volta se movimentam... e não falo só dos pacientes, falo das nossas colegas também...”

Elis, mais uma vez, se reportou a um outro caso - este ocorrido na maternidade, - que envolveu outras duas enfermeiras deste Círculo. Na verdade esta situação, para a participante, configurou-se num grande “dilema” (termo utilizado por Elis):

“Às vezes a gente tem que invocar o Espírito Santo... nossa! Quanta coisa a gente vê... até violação dos Direitos Humanos”.

Andréa, que imediatamente se lembrou da passagem a que a colega se referiu, prosseguiu relatando o ocorrido : “uma mulher teve seu bebê em casa. Os vizinhos levaram, então, mãe e filho para a maternidade e resolveram também comunicar o fato ao Conselho Tutelar. Ao ser internada foi conduzida à unidade de Alojamento Conjunto, onde permaneceu até que o Conselho Tutelar procurou o serviço e apresentou fatos que se relacionavam àquela mulher. Esta (a mãe) já tivera cerca de 6 (seis) a 8 (oito) gestações; algumas culminaram em abortamento, um dos quais foi, inclusive, comido por cachorros. Os filhos que nasceram a termo (dois) foram adotados. Nesta situação atual o Conselho Tutelar indicou que o filho fosse separado da mãe. Esta mulher, que tinha tido o filho ao seu lado por um dia, não se conformava em separar-se dele e passava todo o tempo insistindo em amamentá-lo. As colegas colocaram o fato para o pessoal do Conselho e se mantiveram dispostas a manter o recém-nascido no berçário, mas com a mãe tendo liberdade (sob vigilância) de cuidar do bebê. A situação, que durou cerca de cinco dias, gerou uma grande polêmica, mas as colegas mantiveram a sua decisão. A mulher, que antes se mantinha agitada, acalmou-se e finalmente aceitou a idéia da adoção. Dias depois, foi submetida a uma laqueadura tubária e recebeu alta. A criança ficou na maternidade até ser adotada”.

Ao final do relato de Andréa, Elis manifestou-se:

“Eu acho que isso é ser ético, a favor da vida!”

Andréa concordou afirmando:

“Uma mulher rotulada de incapaz... a gente foi lá, insistiu e proporcionou momento de proximidade entre os dois (mãe e filho). Até o momento da alta ela pode ficar mais tranqüila... até o ponto de concordar, de forma mais serena, com a adoção do bebê”.

Interferi:

“Ai vale o nosso conhecimento da situação... o nosso poder de fazer acontecer.

O cuidado é nosso espaço... a gente não pode abrir mão dele”

As colegas envolvidas no recorte apresentado demonstraram ter percorrido, através de suas atitudes e comportamentos, o caminho do nosso “itinerário de pesquisa”, este mesmo proposto por Freire (1987). Perceberam os ‘códigos’ da situação existencial vivenciada, trazendo à baila o “velho” dilema — oprimido *versus* opressor; no qual o primeiro se coloca como o “senhor” da razão e o segundo tem apenas o direito encerrado no dever de resignar-se.

Quando decidiram questionar os tais códigos, seguiram a trilha da descodificação. Estava posta a polêmica ao que antes era fato consumado. Enquanto profissionais, mulheres, seres humanos, as colegas insistiram na visão/atitude problematizadora. Colocaram-se numa posição em que, paulatinamente, desvelaram o potencial de fazer acontecer, de intervenção mesmo.

Não cabe aqui propor uma discussão acerca das atitudes destas enfermeiras, ao mesmo tempo que se faz imperioso perceber a negação, por parte delas, de um comportamento marcado pela adaptação, pura e simples. O que ocorreu foi o próprio ajustamento, que, por mostrar-se conscientemente crítico, desvelou por si só, outros temas geradores, entre os quais a respeito da dignidade do Ser Humano, que só pode ser vislumbrado a partir de outros Seres Humanos que se colocam como sujeitos, como “fazedores” de sua própria cultura.

Poderia continuar esta e, certamente, muitas outras conjecturas poderiam ser feitas; no entanto decido parar por aqui, por considerar que temos material suficiente para fazer tantos desdobramentos quantos queiramos e imaginamos conseguir e alcançar — por isso mesmo chamados de geradores (Freire, 1987).

Antes de encerrá-lo, porém, trarei a síntese do conceito que construímos acerca do — Ser Enfermeira.

Evidentemente, o conceito construído não se esgotou através das nossas palavras. Ele é apenas ponto de sustentação da representação buscada, longe de traduzir nossas potencialidades, limites, sonhos, mágoas, etc, etc, etc., mas que, sem sombra de dúvidas, gerará infinitos desdobramentos. O cotidiano será sempre o cotidiano, origem dos desafios e das buscas de superações.

Elis, a “ contadora de casos”, colocou:

“Assim... acho que meio filosofando... meio viajando, acho que o enfermeiro assim, um ser ecológico, que precisa agir ecologicamente... No cuidado pra preservação desse homem. Não só desse homem biológico, mas também desse homem emocional, psicológico, social... E com isso você tá resgatando você mesma... esse ser humano que é você”.

Ficamos todas muito bem impressionadas com as palavras da Elis.

“Por isso que temos que continuar esses Círculos, nós mesmas, com as nossas questões”. (Andréa).

Após todas as colocações, Denise apresentou a síntese das considerações feitas pelo grupo:

“Ser enfermeira para nós significa cuidar da vida, dos seres humanos de forma ética. Ser um agente de transformação através do bem-cuidar, ser facilitador do desenvolvimento das potencialidades dos seres a serem cuidados e do próprio cuidador. Uma pessoa com capacidade e limitações, que exerce suas atividades no campo da saúde . Significa ainda estar comprometida com a melhoria da qualidade de vida das pessoas, através de ações de cunho educativo, nas diversas áreas em que atue”.

5 – REFLEXÕES ANALÍTICAS

Agora sou eu; os registros dos encontros do Círculo de Cultura, o Itinerário da Pesquisa proposto por Paulo Freire com as codificações, decodificações, desvelamentos, superações, enfim, todos os passos que nos levem a captações dos temas geradores, na busca tão-somente da posse da realidade, da assunção de uma posição utópica, traduzida pela dialetização dos atos de anunciar e denunciar, tendo em vista o compromisso histórico que urge que assumamos enquanto profissionais da área da saúde, na condição de enfermeiras.

Agora, mais distante das discussões do nosso Círculo de Cultura, inquieta-me uma indagação: como responder aos desafios postos no exercício desta profissão? E para resposta utilizarei a vivência neste Círculo, ressaltando as situações que traduzem cada passo, que constituem a metodologia proposta por Freire, com base também na literatura, com o intuito de sustentar, ou mesmo questionar os aspectos relacionados à temática geradora.

Estas reflexões não têm como proposta apresentar "verdades" absolutas; experimentarei tão-somente apresentar aos interessados a forma como um grupo de enfermeiras, utilizando um método da área da educação, identificou alguns de seus desafios e, a partir daí, procurou desvelá-los.

Além de autora deste trabalho, também pude participar das discussões. Coloquei-me como uma observadora-participante e como afirma o próprio Freire (1997 p. 15-16): "Quem observa o faz de um certo ponto de vista, o que não situa o observador em erro. O erro na verdade não é ter um certo ponto de vista, mas absolutizá-lo e desconhecer que, mesmo do acerto do ponto de vista, é possível que a razão ética nem sempre esteja com ele".

Convido-os, então, leitor e leitora, a compartilharem a experiência de uma mulher (trabalhadora da área da saúde, enfermeira) que no exercício deste trabalho comungou

com outras mulheres (trabalhadoras, enfermeiras) inquietações, prazeres e desprazeres, certezas e dúvidas, anúncios e denúncias, mas principalmente esperanças, com base na crença de que a dinâmica das nossas construções cotidianas precisará inundar-se de marcas que possam traduzir a importância para a sociedade do nosso papel enquanto profissionais.

Entre as várias apreensões que pude fazer enquanto participante daquele Círculo de Cultura e autora deste trabalho, a condição de mulher e enfermeira esteve presente na origem das denúncias e anúncios que conseguimos compartilhar e que talvez estejam presentes também no cotidiano de outras e até mesmo de outros enfermeiros. Cabe salientar que, em nosso segundo encontro, oportunidade em que definimos os Temas Geradores, o primeiro a ser claramente explicitado foi: *Ser Mulher e Enfermeira*.

A esta temática dedicamos quatro encontros. Cabe aqui mais uma indagação: Que motivo leva um grupo de profissionais com alguns anos de exercício profissional a questionar, em primeira instância o seu papel? Mais: por que profissionais relativamente experientes, tendo empregos garantidos, a maioria com cargos de chefia, buscam junto ao significado de serem enfermeiras, o de serem mulheres? Com base na metodologia deste trabalho, surge-me uma resposta: - É a própria encarnação de uma “situação-limite” que, segundo Pinto, citado por Freire (1987, p.90): não são “o contorno infraqueável onde terminam as possibilidades, mas a margem real onde começam todas as possibilidades”; não são “a fronteira entre o ser e o nada, mas a fronteira entre o ser e o ser mais”. E como afirma o próprio Freire (1997, p. 91): “No momento em que a percepção crítica se instaura na ação mesma, se desenvolve um clima de esperança e confiança que leva os homens a se empenharem na superação das situações limites” .

A busca de SER MAIS nos pareceu uma atitude existencial tão premente que, neste mesmo encontro, o último Tema Gerador a ser levantado foi exatamente uma pergunta: “Como Ser Mais?”

5.1 – O Significado Dos Papeis De Gênero Em Busca Do Ser Mais Mulher

Como parte das reflexões analíticas, realizo neste subtítulo uma correlação entre a profissão enfermagem e as falas das participantes do Círculo de Cultura proposto, no sentido de encontrar eco aos anúncios e denúncias, demonstrando que suas preocupações são históricas.

Em meio às minhas leituras, destaco que Nightingale (1989) acrescentou na edição de seu livro *Notas Sobre Enfermagem*, de 1861, um capítulo intitulado “O que significa ser enfermeira”. Quase um século e meio depois, Elis, uma integrante do nosso Círculo, enfermeira responsável pelo trabalho na área de enfermagem de um município de quase 50.000 habitantes, pergunta: “*Que rosto eu tenho?*”

Florence Nightingale, a precursora da Enfermagem Moderna, prescreveu ~~mas~~ não esgotou a questão. Entre o tempo que separa estas duas mulheres um bom número de diferenças se impõem: suas realidades determinadas por uma história, cada uma no seu respectivo tempo, o qual com certeza influenciou nos seus compromissos enquanto mulheres, cidadãs e profissionais; o paradigma que norteia suas vidas, suas próprias diferenças pessoais, o seu papel no mundo, enfim tudo quanto possa ser considerado. Mas, em detrimento de tudo isso um aspecto não foi modificado: a enfermagem na sua destinação feminina. A literatura tem corroborado tal fato; não fosse suficiente, basta-nos verificar os serviços de saúde e

percebermos o quanto as “saias” estão predominantemente presentes quando se trata do cuidado humano.

Afinal qual de nós não reconhece como sendo enfermeira o rosto de mulher (estampado em cartazes nos hospitais) com o dedo indicador sobre os lábios, no que entendemos ser um pedido de silêncio? E o que dizer de fotografias e desenhos em que vemos um homem (geralmente) com um estetoscópio ao pescoço e uma figura feminina com fisionomia cordial e atenta com uma prancheta nas mãos? Não titubeamos; o homem é o médico e a mulher, óbvio, a enfermeira. Qual de nós já não ouviu as pessoas de uma maneira geral, inclusive profissionais da saúde e até da enfermagem, denominarem de enfermeira qualquer pessoa do sexo feminino (que não seja médica) simplesmente pelo fato de desenvolver suas atividades profissionais no interior de um hospital? “O povo aumenta mas não inventa”, afirma o dito popular. É este ideário que perpassa a mente, principalmente dos leigos. Pires (1989, p.131) relata que para implantação da Escola de Enfermeiras Ana Neri, em 1923, foi realizado um trabalho de divulgação e recrutamento de moças (o grifo é meu) brasileiras, digo, boas moças, visto que os requisitos incluíam: “ ser mulher, ser diplomada por uma Escola Normal ou ter estudos equivalentes; apresentar atestado firmado por médico de Saúde Pública avaliando as condições de saúde física e mental e ausência de defeitos físicos da candidata...”

É fácil constatar, diante de tais requisitos, que a Enfermagem brasileira seguiria uma linha de profissionalização pretendendo romper com o estigma social da profissão já existente. Fato que também se sucedeu com outros países. Muito embora a preocupação fosse “profissionalizar as atividades de cuidados aos doentes, de forma independente como campo específico da prática e do saber de saúde... todos os seus princípios reafirmam sua organização para submissão aos homens, aos médicos e ao Estado (Pires, 1989).

Insisto nas afirmações colocadas pela autora citada (Pires, 1989) e permito-me uma reflexão: a “perfeição” era condição importantíssima para as candidatas a futuras enfermeiras, vide os requisitos propostos. Talvez essa “perfeição” ou a manutenção desse perfil tenha tido como consequência a aquisição de uma outra atitude, qual seja, a de bem-servir.

É fato que a história acontece num tempo determinado por realidades específicas também determinadas. Não cabe julgar se certo ou errado. Vale contextualizar os fatos para melhor compreendê-los, apreendê-los, relacioná-los, entendermos suas consequências e, a partir daí, nos movimentarmos com chances maiores de darmos saltos de qualidade na história que construímos.

Vergínea, a nossa freira-enfermeira, foi bastante clara e objetiva ao trazer na oportunidade do primeiro encontro o motivo pelo qual, na sua opinião pessoal, este Tema Gerador fora escolhido: *“é o reflexo da realidade da nossa sociedade, em que o homem é considerado superior, enquanto a mulher é tida como submissa.”* A afirmação feita pela colega é fato historicamente “cantado e decantado”, é um exemplo bastante interessante de como o Tema Gerador pode ser desenvolvido. O exemplo apresentado é o que, no Itinerário de Pesquisa, corresponde à primeira etapa, ou seja, a codificação, caracterizada por “uma situação existencial com alguns de seus elementos constitutivos em interação” (Freire, 1987, p. 97). Se assim, se código, se problema existencial, se desafio, se faz mister que reconheçamos seus elementos, as tramas que os engendram e finalmente que nos lancemos na busca de uma consciência cada vez mais crítica. Nesse sentido, trago algumas considerações feitas por estudiosas da codificação feita por Vergínea.

Para Sardenberg e Costa (1994), a subordinação da mulher na sociedade é um fenômeno milenar e universal, bem como primeira forma de opressão da história da

humanidade. Badinter (1985) ilustra bem tal situação, ao afirmar que no século XVII havia predominância do poderio do marido e do pai, ou seja, a encarnação do sistema patriarcal, e que três tipos de discursos sustentavam o princípio de autoridade que repousava sobre toda a sociedade: 1º) o de Aristóteles, que foi quem inicialmente justificou a autoridade do marido e do pai do ponto de vista filosófico, considerando-o natural; 2º) o da teologia, que afirma ser a autoridade divina e 3º) o dos políticos, que a entenderam como natural e política simultaneamente. A propósito Aristóteles, um dos primeiros filósofos a escrever sobre mulheres, descrevia-as como inferiores, pouco dignas de confiança, já que de inteligência escassa (Strey et al, 1997).

Muraro (1995), ao fazer considerações sobre a relação entre homens e mulheres e dos primeiros entre si, enfatiza que estas são reflexos das relações do grupo com o meio ambiente e da maneira como o grupo produz a sua subsistência, ou seja, à medida que as relações com o meio ambiente vão se tornando mais hostis e a competitividade se acirra, “começa a haver dominação do homem sobre a mulher e do mais forte sobre o grupo” (Muraro, 1995, p.186-187). Defende, ainda, a mesma autora que quando se inicia o patriarcado as relações de dominação e escravização finalmente se solidificaram a ponto de estarem cristalizadas até os dias de hoje.

Essas considerações iniciais me remetem à lembrança da face quase indignada de Andréa ao nos relatar a postura de espanto que muitas pessoas assumem quando constatarem que uma parte das mulheres pode não saber cozinhar, já que este é um atributo que dá conta de um dos aspectos que constitui o papel da mulher na esfera familiar. É a mesma integrante que faz a contrapartida: “*Isto é uma coisa que os nossos antepassados colocam*”, concluiu. Talvez o que Andréa, com esse exemplo simples, estivesse apenas considerando ou denunciando a grande carga de discriminação a que pode estar sujeita uma parcela significativa de mulheres

que por opção ou qualquer outra contingência se diferenciam do estereótipo, que século após século, nas mais variadas organizações sociais, solidificaram a posição da mulher como detentora de saberes e/ou poderes apenas ou principalmente na esfera do mundo privado. Um bom exemplo é o que Muraro (1995) denomina de domesticidade, situação em que a família capitalista se torna a unidade de reprodução da força de trabalho, e a produção econômica fica a cargo das fábricas. O mercado – a força que move o mundo – mal dava para absorver toda a mão-de-obra masculina; às mulheres resta ficar em casa, dedicando-se aos filhos e à família, sendo excluídas do domínio público. “Surge então a figura da dona-de-casa e da mãe dedicada e sofredora” (Muraro, 1995, p.123).

Estamos falando de séculos de história de segregação, de dominação, de humilhação até. É preciso ter em mente, como registra a autora citada, que em fins do século XVIII, período em que ainda se verificava a caça às bruxas, as mulheres já haviam assumido a postura reprimida e inorgástica, podendo, por assim ser, transmitir às suas crias regras de submissão, que viriam a transformá-las em trabalhadores também submissos e dóceis do século seguinte em diante (Muraro, 1995).

Trata-se pois, leitor e leitora, de uma trama vasta e longínqua. As mulheres, enfermeiras deste Círculo de Cultura, trouxeram à tona a questão do poderio masculino, da submissão das mulheres, da expectativa e do tratamento diferenciado que a sociedade dá e espera de ambos os sexos, e assim o faz porque assim os criou, de forma desigual e sobretudo discriminatória; com certeza, não por obra do acaso, mas reflexo das situações que se concretizam e que têm marcado cotidianamente a vida e as relações de homens e mulheres e de ambos entre si. Neste sentido, Beauvoir (1980, p.09) enfatiza: “Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o

conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam o feminino.”

5.2 – As Relações De Dominação À Mulher-Enfermeira

O período de nossa existência diante deste mundo abrange aproximadamente dois milhões de anos; já a história, que tem início com o patriarcado, tem cerca de dez mil anos, e a industrialização, duzentos anos (Muraro, 1995). Ora, há pelo menos dez milênios, com as sociedades agrárias, quando os seres humanos deixam de ser nômades, criam -se técnicas de coletas, avançando sempre nas conquistas tecnológicas, chegando à aquisição da palavra escrita, com toda a mudança na forma de comunicação e controle entre os homens; daí à criação dos Estados, do comércio, dos impérios há uma lenta evolução através dos tempos. Na Renascença, inicia-se o anúncio da ciência como hoje é conhecida e da industrialização. No século XVIII James Watt inventa a energia mecânica – é o caminho da civilização industrial. Já agora mais recentemente, no século XIX, as cidades são construídas, a população mundial chega à marca do seu primeiro bilhão de habitantes. Vêm as melhorias: estradas de ferro, telefone, telégrafo, etc. Um pouco mais tarde, a invenção do automóvel e do avião aceleram cada vez mais a história. No século XX, finalmente temos a lâmpada elétrica, o rádio e a televisão. Duas guerras em menos de três décadas e meia matam dezenas de milhões de pessoas. A energia nuclear, a engenharia genética, a cibernética com seu mundo de computadores fazem com que, na década de cinquenta, o mundo comece a se transformar numa grande aldeia. Mas, em detrimento de tudo isso, ainda hoje, sentimos as conseqüências do sistema patriarcal. E ao patriarcado Muraro (1995, p. 61) dedicou um capítulo em sua obra *A Mulher no Terceiro Milênio*, oportunidade em que discorre de maneira elucidativa como

este teve início. Vejamos : “ No princípio era a mãe. O verbo veio depois e iniciou-se uma nova era: o patriarcado.”

As sociedades no início do sistema patriarcal apresentavam traços fracos de dominação. Os homens eram elementos periféricos dos grupos, mantinham relações mais estreitas com os outros homens e com os filhos do mesmo sexo, ao mesmo tempo em que as mulheres desenvolviam laços fortes com seus filhos, especialmente com as filhas. A elas – as mulheres – eram atribuídas a maior parte dos trabalhos, pois se responsabilizavam por seus filhos e pelo grupo inteiro, proviam o alimento, enquanto os homens se dedicavam a tarefas mais pesadas como a caça, a pesca e a limpeza de terras aráveis; por isso tinham mais tempo livre e podiam desenvolver armas e inventar cultos específicos para o seu sexo, excluindo as mulheres. Estava aberto então o distanciamento entre os humanos. Iniciaram-se as primeiras culturas; a divisão do trabalho entre os sexos e o crescente controle que se instaurava do homem sobre a natureza originam o rompimento da harmonia entre humanos e o meio ambiente. A esta altura, instala-se um sentimento que a autora denomina de transcendência, o qual deve ter nascido da descoberta do papel do homem na procriação, que significou ao macho assumir também o controle da sexualidade das fêmeas, portanto o poder sobre elas, juntamente com a natureza. Daí, da aquisição de poder sobre a natureza e da mulher surge um novo conceito, o da superioridade/transcendência.

As culturas se solidificam, surgiram mitos e crenças que davam conta de *um* (note-se o artigo indefinido, masculino) deus todo poderoso. A mulher ficou relegada apenas ao reino da natureza, enquanto o homem assumiu o reino da cultura. As novas religiões passaram a dirigir-se mais aos homens. No dizer de Muraro (1995, p.64) : “A eles o domínio do sagrado, a centralidade do poder; às mulheres, a marginalidade dos cultos e no âmbito do poder e do público.”

A noção de moralidade aparece de maneira dúbia: controladora para as mulheres e sem controle para os homens.

Não obstante a tudo isso, a sociedade patriarcal nos seus primórdios (e quiçá nos dias de hoje) tinha/tem medo da mulher. Um bom exemplo são os fortes tabus referentes à menstruação, à nudez e ao parto, que por isso passaram a controlar a reprodução e o trabalho das mulheres. Esse medo da força genésica da mulher, no transcorrer dos séculos e milênios, levou à formação de uma identidade masculina tendo como base a idéia de superioridade intelectual do homem em relação à da mulher no que diz respeito ao controle da natureza, à invenção de novas tecnologias, à maior força física para prover a alimentação e defender o grupo e à maior agressividade para guerrear. Em suma, definitivamente, o domínio público foi alocado ao homem, ao mesmo tempo em que o domínio da casa, do privado, da reprodução foi alocado ao princípio feminino.

O núcleo das primeiras sociedades teve como elemento fixo, muito provavelmente, a mulher -a mãe, seus filhos, acompanhada de outras mães-, já que o homem, como referido anteriormente, era o elemento periférico. Portanto, conclui Muraro (1995), os primeiros grupos de seres humanos foram matrilocais e matrilineares, isto é, seguiam a linhagem feminina.

Com o início e assunção do patriarcado, uma série de modificações acontecem na organização das sociedades:

“...rompem-se os laços de afeição que uniam mulheres às outras mulheres. Ao contrário das culturas matricêntricas, agora quem vai para a casa do consorte é a mulher... instala-se no mundo feminino a impossibilidade de aliança entre as mulheres, uma vez que todas competem por casamentos mais ricos... Enquanto as mulheres se dividem entre si, os homens continuam capazes de fazer alianças e muitas vezes de viver em grupos solidários, o

que reforça então sua superioridade construída sobre a divisão das mulheres” (Muraro, 1995, p.67).

A dominação econômica exercida sobre a mulher, pelo marido e sua família, acarreta um sentimento de inferioridade, introjetando a dependência psicológica das mulheres em relação aos homens. O aparecimento de tendências masoquistas (sentimento de prazer em humilhações e sofrimento), o narcisismo ferido, a carência sexual, a friidez, passam a ser compensadas na relação com a prole, sobretudo com os filhos do sexo masculino. Daí para diante o que vimos foi a instalação plena do patriarcado (Muraro, 1995).

A beira do terceiro milênio precisamos ouvir com muita atenção a pergunta de Andréa: - “*Quem colocou que eu tenho que saber cozinhar para ser mulher?*” Quando a participante de nosso Círculo utiliza em sua pergunta o pronome *quem*, unido à postura de quase indignação ao expressar-se, percebo um exercício de exorcização de uma idéia que não se ajusta mais aos seus anseios, expectativas e realidade, que podem perfeitamente ser estendidos a outras e outras mulheres. Naquele Círculo de Cultura, através da reflexão e do uso da palavra, distanciando-se do seu mundo, problematizando-o, esta mulher, concomitantemente, realiza o que, na metodologia proposta por Freire, é a descodificação mesma, a abertura de *possibilidades* concretas ao desvelamento crítico.

Permito-me uma interpretação: a pergunta/denúncia da colega anuncia o desejo de nos distanciarmos do estereótipo feminino que reduz a mulher apenas ao mundo da casa, da família, do privado. Este mundo que, século após século, tem sido o nosso legado, não nos satisfaz inteiramente. Existe um outro – o mundo público, que precisamos e devemos conquistar. Neste sentido, Muraro(1995, p.191) aponta: “Neste limiar do terceiro milênio, por sua vez, está acontecendo uma revolução fantástica: pelo fato de o capitalismo ter fabricado mais máquinas do que machos, as mulheres invadem o mundo masculino e, tecnicamente,

acabam com a separação entre o mundo privado e o público. Podemos, assim, falar num embrião de superação do patriarcado.”

É fato inegável, temos sido expectadores de grande transformações. O que Muraro (1995) denominou de revolução fantástica é na verdade um conjunto de acontecimentos, descobertas, que de uma forma ou de outra, temos que dar conta de compreender porque, queiramos ou não, têm a ver conosco. A aldeia global em que se percebe o mundo nos convoca, a todo momento. Nesse sentido, Marodin (1997) argumenta que as relações homem/mulher precisam ser compreendidas à luz destas transformações, nos contextos socio-cultural, econômico, religioso, jurídico e psicológico, que vêm ocorrendo, principalmente a partir da última metade deste século. E complementa que a estrutura social prescreve funções para ambos os sexos, como se estas fossem “naturais” (grifo da autora) de seus respectivos gêneros, muito embora sofram modificações e variem conforme as culturas, classes sociais e períodos da história. Ressalto que, na visão da autora, para além da estrutura social, considerada um fator externo, que engloba grupos mais amplos como a escola, a comunidade, o Estado, o país, por exemplo, precisa-se considerar o poder da família – constituída a partir do casal, abrangendo as gerações descendentes e ascendentes – que funciona como fator interno, configurando-se como um meio de transmissão de normas e valores culturais, entre estes o significado do masculino e do feminino. É pois a família com suas estruturas próprias -regras, ideologias, papéis, entre outros- que formam a identidade familiar, a qual, por sua vez, assemelha-se à identidade do indivíduo. Sendo geralmente o casal o núcleo desta organização, o sistema de crenças e expectativas de suas respectivas experiências familiares, somadas a outras experiências matrimoniais e, ainda, à cultura específica acabam por formar valores que permeiam, sustentam o modo de ser marido e mulher. Dependendo das interações que se estabelecem entre os casais, estes podem ser

classificados em: casal tradicional patriarcal; casal competitivo; casal matriarcal e casal moderno ideal. Em cada um destes tipos de casamentos, os papéis de gênero colocam homem e mulher numa determinada posição no seio da organização familiar. Vejamos:

O casal tradicional patriarcal – neste tipo de casamento os homens são colocados numa situação de dominação e a mulher, de subordinação. Os casais competitivos são caracterizados pela competitividade entre o par. A mulher geralmente de classe média, profissional liberal, enquanto o homem apresenta um sentimento de diminuição em relação a sua companheira. O relacionamento é competitivo muitas vezes no âmbito do espaço público, em que a disputa pelo poder é flagrante. Com relação ao casal matriarcal, a mulher ocupa um espaço valorizado seja pelo cargo público que ocupa ou pelo poder econômico. E, finalmente, no caso do casal moderno ideal, os papéis de gênero têm como base a valorização das diferenças entre os indivíduos, o reconhecimento delas e a consciência de sua complementariedade (Marodin, 1997).

Muito interessante que, a esta altura, façamos uma observação com base em Kergoat (1996), para quem refere que não existe homologia entre um lugar específico e uma relação social; a relação entre os sexos, por exemplo, não se esgota na relação conjugal, sendo também ativa no lugar do trabalho. A autora enfatiza a necessidade de pensarmos na complexidade e no jogo que permeia as diferentes relações sociais entre si, e no fato de que as relações sociais de sexo não se dão de forma homogênea em todas as áreas, nos diferentes níveis sociais. “Assim, na empresa, assiste-se a uma recriação das relações sociais de sexo e não a um simples reflexo do que se passa fora dela. Nada é imutável, mecanicista, tudo é histórico, periodizável” (Kergoat 1996).

“*A equipe se sente mais segura com eles*” Esta codificação de Ana, feita no IV Encontro, remete-me à afirmação feita pela autora já citada (Kergoat, 1996). Esta

integrante colocou que, no seu entendimento, a equipe médica do seu serviço, em algumas situações, parecia sentir-se mais segura quando havia, na equipe de enfermagem, profissionais do sexo masculino. À colocação feita pela colega, não houve nenhuma interferência das demais integrantes, nem concordando, nem contradizendo. Na tentativa de descodificar a situação, tanto na condição de animadora, quanto de mulher, interfeiri, perguntando ao grupo se manteríamos a postura de passividade frente ao exposto. Não obtive resposta. Aqui, um leque de conjecturas podem ser feitas: talvez esta fosse uma impressão apenas de Ana, talvez esta discussão não tivesse parecido fundamental naquele momento, talvez estivéssemos diante do “tema do silêncio”, situação em que os indivíduos não conseguem expressar de maneira concreta a temática geradora (Freire1987), talvez, talvez, talvez... A esta altura ficarei (ficaremos) com as dúvidas. Mas, a mim parece curioso que, num campo onde predomina o feminino, haja vista o que registra Fonseca (1996) citando Lopes, que no Brasil 94% das enfermeiras são mulheres, 89,5% e 91,5% são técnicas e auxiliares de enfermagem, respectivamente. Como se não bastasse o predomínio de mulheres na área da enfermagem, o universo hospitalar também apresenta este perfil. Uma pesquisa feita por Lopes (1996), constatou que mais de 70% dos trabalhadores de hospitais são do sexo feminino, muito embora no mesmo estudo tenha sido apontado que, no setor assistencial, a profissão médica concentra uma população masculina (70%) bem superior à feminina. Na minha compreensão do dizer de Ana, o sentimento de confiança que a equipe médica parece depositar nos (poucos) homens que fazem parte da enfermagem (talvez) seja reflexo do sentimento de identidade que os gêneros, independentemente de serem masculinos ou femininos, cultuam entre si.

Com relação ao conceito de gênero ou relação de gênero, nos últimos anos, pode-se perceber, claramente, a utilização freqüente tanto do conceito em si, como das idéias

que giram em torno dele, em pesquisas acadêmicas, estudos, bem como nos discursos de vários campos profissionais. Surgido no contexto anglo-saxão, nos anos 70, foi na década de 80 que, no Brasil, esse conceito passou a ser utilizado (Louro,1996). Adiante, ainda neste capítulo, tratarei da questão de gênero, visto a sua grande significação.

Mais recentemente, dos anos 60 para cá, verifica-se um aumento da produção teórica acerca da condição feminina – evidente sinal dos tempos. O livro de Simone de Beauvoir intitulado “ O segundo sexo”, teve sua primeira edição na França em 1949, mas somente na década de 60 é que a obra se tornou conhecida e reconhecida como ponto de partida, não só da renovação da literatura, como também do movimento feminista, “que começa então a colocar como eixo de sua luta a relação homem-mulher e a necessidade de reformulações dos padrões sexuais vigentes...” (Toscano e Goldenberg, 1992, p.31).

Na visão das autoras citadas, as modificações que ocorreram a essa época são conseqüências dos acontecimentos do período pós-guerra, os quais se traduziram em marcos históricos mundiais, que deram conta de trazer à baila a discussão da condição da mulher e da luta de feministas em grande parte do planeta, para ruptura desta condição: ... a guerra fria dividindo a Alemanha e levando o conflito até a Coréia e mais tarde ao Vietnam, as teorias terceiro mundistas, a consolidação da revolução chinesa, a deteriorização econômica e política do continente sul-americano, o desafio proposto pela Revolução Cubana, entre outros, acabaram por criar um clima de insatisfação e crise que não apenas afetava as relações interpessoais como ao mesmo tempo criava condições para a discussão de novas idéias no plano social e político. Os acontecimentos de maio de 1968, na França e na Alemanha, foram marco importantíssimo neste panorama. A questão do “específico feminino” se insere neste clima de contestação geral. A gritante inferioridade da mulher no plano político, a falta de representatividade nas áreas de poder, a desigualdade no mercado de trabalho e no plano

educacional propiciaram um clima de inquietação que logo se traduziria em forte predisposição para uma ação política organizada (Toscano e Goldenberg, 1992, p.31-32).

5.3 – Diversidades Das Concepções Feministas

A esta altura não posso deixar de citar o movimento feminista “... ação organizada de caráter coletivo que visa mudar a situação da mulher na sociedade, eliminando as discriminações a que ela está sujeita” (Toscano e Goldenberg, 1992, p.17). Este surgiu no cenário que marcou a história da Europa Ocidental no século XVII, concomitantemente ao capitalismo, estruturando-se apenas no decorrer do século XIX. Para Sardenberg e Costa (1994, p.82), citando Barsted e Alves, o feminismo “refere-se a uma doutrina ou movimento social cujos adeptos principais ou ‘atores’ são geralmente mulheres e cuja característica é definida pelas idéias de liberdade e igualdade e, conseqüentemente, pela crítica às formas hierarquizadas de relacionamento social.” Muraro (1995) denomina de sufragistas, as primeiras feministas do século XIX, cuja característica principal era a luta pelo voto feminino. Essas mulheres achavam que alcançada a cidadania, as outras reivindicações seriam conseqüência. Sabemos, hoje, que essa relação não é tão direta assim. Silva (1992) considera difícil chegar a um consenso com relação à definição do feminismo; cita a definição de várias pesquisadoras e acaba por adotar a proposta da enfermeira norte-americana Peggy Chin: “Defendo a idéia de que o feminismo é um compromisso político, uma consciência, uma forma de pensamento e uma práxis” (1992, p.67). Prá (1997) também se refere à dificuldade de definir precisamente o feminismo; desta feita, o termo tornou-se bastante flexível, já que compreende todo o processo de transformação, que comporta uma utopia e que não tem um ponto, um marco preciso de chegada. Para essa autora, muito embora seja flagrante a

diversidade que envolve as concepções feministas, o mais importante é que se reconheça o feminismo como uma corrente cultural que tem a capacidade de modificar a lógica de gênero, que tem excluído homens e mulheres do campo do saber e do poder.

É fato que em nenhum momento neste Círculo de Cultura, o grupo utilizou o termo feminismo. Nenhuma das participantes faz parte deste ou daquele movimento que tenha o feminismo como “bandeira”, ou ponto de pauta; mas é certo, que a teoria feminista e a política decorrente dela proporcionou mudanças perceptíveis no cotidiano de homens e mulheres, do mundo enfim. De um lado apontamos claramente a questão da submissão na relação entre os sexos, o tratamento diferenciado que a sociedade dá a estes; mais... Denunciamos/anunciamos que na condição de mulheres temos que enfrentar um “mar” de desafios que se impõem dia após dia: a jornada dupla de trabalho – em casa e no espaço profissional; a diferença do tratamento no campo do trabalho dado a homens e mulheres; a opressão, às vezes velada, às vezes não, a que somos submetidas quando negamos o estereótipo feminino, que pretende encerrar apenas no mundo privado, no mundo do lar. Precisamos reconhecer, conforme ressalta Prá (1997, p.42), que “se as mulheres enquanto responsáveis por boa parte da socialização, na qualidade de pessoas inseridas que estão em um mercado de trabalho, onde a mão de obra feminina se destaca em setores da maior importância como são os da saúde e educação -possibilitarem a difusão de uma perspectiva machista, estarão trazendo graves prejuízos para ambos os sexos.”

Somos nós, as mulheres, mães, trabalhadoras, educadoras, cidadãs, também as responsáveis tanto pela manutenção quanto pelas transformações dos padrões culturais, principalmente. Findo por aqui estas breves considerações sobre o feminismo citando Beauvoir (1980, p.485): “Demais, a humanidade é coisa diferente de uma espécie: é um devir histórico; define-se pela maneira pela qual assume a facticidade natural.”

A propósito, é de Beauvoir a célebre afirmação: “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (1980, p.09). A esta idéia, acrescento a conclusão de Strey al (1997, p.87): “Dessa maneira, o lugar que uma mulher ocupa na sociedade vai depender do sentido que adquire aquilo que faz através das interações sociais concretas, que estarão carregadas de sentidos perpetuadores de seus papéis de gênero.”

5.4 – O Caráter Social Das Diferenças Entre Os Sexos

Acerca do termo gênero, utilizado por Strey et al (1997), aproveito a oportunidade para ater-me sobre ele, visto a grande importância que vem assumindo por pesquisadores e pesquisadoras em todo o mundo e também no Brasil, principalmente nas últimas duas décadas.

Até aqui tenho utilizado palavras como mulher, homem, sexo para referir-me às idéias colocadas pelas integrantes do nosso Círculo; isto porque estes termos apareceram várias vezes em nossas discussões. Porém, a esta altura, parece claro que a submissão das mulheres em relação aos homens, apontada por este grupo de enfermeiras, esta intimamente relacionada à forma ideológica como as sociedades têm compreendido as relações entre os sexos, e aí esbarramos no conceito de gênero.

Antes de tecer algumas considerações sobre o conceito de gênero ou de relações de gênero, considerarei as afirmações de Badinter (1986, p.230) acerca dos sexos. Segundo a autora, até meados de 1960 a natureza legitimava de tal forma a diferença entre homens e mulheres que era lícito que estes tivessem tarefas e direitos diferenciados, E elucida: “ Para melhor preparar cada um (homem/mulher) para seu destino, eles eram criados de forma diferente. Em todo lugar, da escola à fábrica, da cozinha ao salão, dos toaletes aos clubes,

eram reservados lugares a cada um dos sexos reforçando a separação e a diferença”. Foram os movimentos feministas da década de 70 que implementaram o fim desta divisão através tanto de militância lingüística, como ações organizadas. O “sexismo” e “discriminação sexual” eram moralmente tão graves quanto o “racismo” e a “discriminação racial”. Não obstante a esta posição, uma parte destas feministas teve a preocupação com o que consideram o perigo com relação ao modelo da semelhança, ou seja, temiam que as mulheres se ajustassem ao modelo masculino de forma a desconsiderar suas próprias especificidades enquanto sexo feminino. Nesse sentido, relata Badinter (1986) empenharam-se em reforçar e valorizar as características femininas e, desta feita, descobriu-se a existência de uma escrita, de um pensamento, enfim de uma consciência feminina, de tal forma que se honrava novamente a idéia de uma natureza feminina, aliada a uma cultura própria às mulheres, que os homens deveriam reconhecer (1986).

Assim sendo, surgiu no contexto anglo-saxão, nos idos de 1970, o termo gênero, utilizado por uma grande parte de estudiosas(os) feministas. Na língua inglesa, *gender* traz um sentido relacionado à sexualidade, à diferença sexual, bem distinto da idéia de *sex*; por esta razão as feministas americanas e inglesas passaram a utilizar o termo gênero no intuito de darem conta da luta contra as argumentações biologicistas, que entendiam as diferenças entre os sexos como explicação e justificativa para a desigualdade entre eles.

No Brasil, foi na década de 80 que o conceito de gênero passou a circular nos meios acadêmicos, disputando o espaço ocupado com estudos referentes a “mulher.” De uma expressão pouco usual, vem se tornando cada vez mais freqüente nos estudos e pesquisas acadêmicas, em discursos de vários campos profissionais e também na própria mídia, exatamente pelo fato de pretender deslocar as mulheres da posição de objeto e incorporá-las ao corpo dos trabalhos acadêmicos e das situações cotidianas como agente social e histórico,

como sujeito (Louro, 1996). Neste mesmo ensaio Louro (1996) enfatiza que gênero não significa o mesmo que sexo, já que este se reporta à identidade biológica de uma pessoa, enquanto aquele tem relação com a construção social como sujeito masculino ou feminino. A utilização deste conceito não vem substituir as questões ligadas à mulher como objeto de estudo, pura e simplesmente, mas focalizar “os processos de formação da feminilidade e da masculinidade, ou os sujeitos femininos e masculinos”, e complementa: “O conceito parece acenar também imediatamente para a idéia de relação; os sujeitos se produzem em relação e na relação” (Louro, 1996, p.9).

A distinção da linguagem, sexo e gênero, se constituiu na demonstração de que os atributos considerados, incorporados como da ordem do “natural”, pelas várias sociedades, das mais variadas formas, não passam, na verdade, de características socialmente construídas ao longo dos tempos, ocorrendo o que a autora denomina de “naturalização” do social. Para esta historiadora devemos estar atentas(os) para o fato de que é preciso enfatizar o caráter social das diferenças entre homens e mulheres, sem perder a perspectiva de que a construção dos gêneros envolve corpos, corpos sexuados. Desta feita, não se pode desconsiderar a Biologia da história e do campo social, e conclui afirmando: “Há, então, uma estreita e contínua imbricação do social e do biológico, e nossa compreensão de gênero provavelmente deve supor tal imbricação. Embora continuemos afirmando que a construção dos gêneros é, fundamentalmente, um processo social e histórico, temos de admitir que esse processo, sem dúvida, envolve os corpos dos sujeitos” (Louro, 1996, p.11).

Seguindo a mesma linha de raciocínio, Marodin (1997) considera que não apenas os constituintes biológicos, anatômicos e o ato sexual, mas também os aspectos psicológicos, sociais e culturais devem ser levados em conta quando se trata de caracterizar tanto o feminino quanto o masculino. Em suma, descreve a autora, papel de gênero é o

conjunto de expectativas que se esperam de pessoas de determinado sexo, em relação aos comportamentos sociais. É portanto a estrutura social que dita as funções próprias de seus respectivos gêneros, que se diferenciam de acordo com o período da história, com as culturas e classes sociais. Para Lopes (1996) a noção de gênero teve como consequência uma leitura social diferenciada, que implicou e implica a compreensão do sexo social como construção permanente que estabelece, em cada sociedade, a forma como se dá a organização das relações sociais entre os sexos. É Meyer (1996) quem enfatiza a necessidade de se compreender homens e mulheres, portanto masculino e feminino, como construções sociais relacionais, haja vista que tal aceção possibilita entender que o foco de análise da *mulher dominada*, a partir desta compreensão, desloca-se para os grupos e/ou sociedades determinadas, ou seja, num tempo e local específicos em que homens e mulheres se relacionam também de formas específicas e particulares. Neste âmbito é que a idéia de construção social nos remete a uma articulação que deve incluir outras categorias sociais; classe, raça/etnia, religião e outras. Passos (1996, p. 45-46) ao discorrer sobre as relações de *poder* na enfermagem, remete-nos às relações de gênero, já que esta autora utiliza o conceito de gênero, na perspectiva proposta por Joan Scott: “Assim, a palavra gênero é usada nos estudos feministas como ‘uma maneira de referir-se à organização social da relação entre os sexos’, pois ele é ‘um elemento constitutivo das relações sociais (...) e uma forma primeira de significar as relações de poder’.”

A idéia colocada me traz à lembrança a pergunta feita por Andréa ao referir-se sobre o desgaste acarretado pela jornada dupla de trabalho das mulheres em particular e partindo da ótica do fato de ser mulher, para o de ser enfermeira, e pergunta:

Será que a gente vai conseguir chegar à enfermagem, e dizer não? Isto eu não vou... (fazer).

A mesma integrante prosseguiu, indagando :

Eu posso fazer mais, o que será que posso fazer?

Além do ato claro de descodificação, esta mulher enfermeira abriu, através de suas indagações, o caminho para o desenvolvimento do Tema Gerador no que se refere ao Ser Enfermeira.

Antes, porém, de nos lançarmos na análise das discussões desta outra faceta do Tema Gerador, creio ser necessário tecer algumas considerações. A primeira delas origina-se no fato de que as reflexões, as idéias verbalizadas, as conjecturas feitas e a pesquisa de literatura, a qual utilizo para sustentar, contrapor ou relacionar estas mesmas reflexões, idéias e conjecturas, não guardam em si, como afirmei no início deste capítulo, prescrições ou verdades absolutas, configurando-se apenas num modo de ver o modo de perceber e, a partir daí, interpretar o que foi colocado. Um outro aspecto a ser considerado é que, muito embora eu tenha optado tratar a temática geradora em dois blocos distintos -1º) Ser Mulher, 2º) Ser Enfermeira- estes dois núcleos não devem ser compreendidos de maneira dicotomizada. Não porque necessariamente, para sermos enfermeiras, tenhamos que ser mulheres, mas porque para este grupo em particular, as duas condições se mostraram inter-relacionadas, principalmente no que se refere aos desafios a serem vencidos na busca do *Ser Mais*.

Feitas estas breves considerações, prossigamos!

Desenvolver um trabalho a partir de encontros num Círculo de Cultura, mediante o levantamento de problemas/temas geradores, com o intuito de desvelar a capacidade de SER MAIS dos membros deste Círculo, é o âmago deste estudo. No concernente ao fato – Ser Mulher, na minha compreensão ficaram algumas lacunas. Talvez ainda precisemos de maior coragem (por que não?) para verbalizar as opressões, as discriminações, os nossos sonhos, as nossas esperanças, muito embora o que colocamos tenha

dado conta de que não estamos alheias, que sentimos em nossa própria “carne” as forças que atuam sobre nós e a que conseguimos exercer frente as “situações-limites”. Retomo a célebre citação de Beauvoir (1980. p.9): “Ninguém nasce mulher, torna-se mulher”. Nesta medida, torna-se também imperioso percebermos, nos flagramos de que estamos dinamicamente em relação com outros, no e com o mundo. Já com relação ao fato – Ser Enfermeira, pareceu-me que conseguimos expressar melhor nossas “situações-limites”, nossos prazeres e desprazeres, nossos anúncios e denúncias. Aqui, com um olhar mais crítico, teríamos mais um Tema Gerador. Afinal, se percebemos que as duas condições se mostram ressaltadas quando nos remetemos à busca do SER MAIS, por que não conseguimos expressar, mesmo tendo passado por um processo de reflexão, os dois temas geradores com a mesma intensidade? Por que o fator gênero não se delineou da mesma forma como o Ser Enfermeira? Teria que fazer uma análise, especialmente desta questão, com certeza. Optaria por formar ou construir um outro Círculo de Cultura, se isto fosse o desejo do grupo. Eis aí a razão para chamarmos de geradores os temas da nossa época; eles se desdobram, geram outros temas fundamentais.

É Freire (1992, p.84) quem afirma: “E quanto mais se voltarem criticamente para suas experiências passadas e presentes em e com o mundo, que vêem melhor agora porque o revivem, mais se dão conta de que este não é para os homens um beco sem saída, uma condição intransponível que os esmaga.”

A pergunta feita por Andréa que, certamente, embutiu uma descodificação, retrata bem a afirmação acima :

Eu posso fazer mais, o que será que eu posso fazer?

5.5 – A Construção Do Conceito Ser Enfermeira

Para continuação desta análise, retomarei ao conceito Ser Enfermeira, elaborado, no último encontro que dedicamos a este Tema gerador. Optei por este caminho, ou seja, começar pelo fim, partindo do princípio de que vamos colocar em foco o mais geral para, a partir daí, considerar o particular.

O conceito construído :

“Ser enfermeira para nós significa cuidar da vida dos seres humanos de forma ética. Ser um agente de transformação através do bem-cuidar, ser facilitador do desenvolvimento de potencialidades dos seres a serem cuidados e do próprio cuidador. Um Ser Humano com potencialidades e limitações capacitado profissionalmente, que exerce suas atividades no campo da saúde. Significa estar comprometido com a melhoria da qualidade de vida das pessoas, através de ações de cunho educativo, nas diversas áreas em que atue.”

Chegamos a este conceito após 04(quatro) encontros consecutivos, tratando do mesmo tema gerador. Nos sentimos felizes ao elaborá-lo. Para nós a idéia verbalizada, e aí residuiu a satisfação em produzi-la, significou a validação ou valoração da nossa compreensão em relação a profissão que exercemos. Compreensão que não se deu de forma mágica, ou seja, não foi acidentalmente, por ato de pura sorte, que chegamos a este conceito. Acredito que as discussões originadas a partir dos nossos encontros tenham sido significativas no que diz respeito a forma como ele (o conceito) foi elaborado, afinal, nos sentimos fortalecidas, amparadas pelo grupo, pois falávamos com e para pessoas e profissionais, que por suas experiências pessoais e realidades muito próximas, podiam refletir, corroborar, contraditar, anunciar e denunciar intensa e mutuamente. No entanto, dou como certo que a construção do conceito foi apenas uma forma de oficializar o que na verdade vem sendo construído,

elaborado a partir, principalmente, das nossas respectivas experiências nos campos pessoal e profissional, ancoradas pelo mundo em que vivemos, pelas nossas realidades.

Ora, se sabemos o que significa Ser Enfermeira, se conseguimos conceituar a profissão, então, o que discutir, por que discutir? Fiorin (1995, p.35) citando Marx e Engels – em a “Ideologia alemã”, refere que “a realidade da consciência é a linguagem”, e para sustentar tal afirmação, argumenta que, “o discurso não é em si a expressão da consciência, mas esta é constituída pelo conjunto dos discursos que os indivíduos interiorizam por toda a sua vida, e que a partir destes discursos que assimilou, acaba por reproduzi-los em sua fala.” Desta feita, quero chamar atenção, que o conteúdo do conceito construído por este grupo, se sustentado pelo que vivenciaram e apreenderam durante suas respectivas práticas profissionais, guarda também em si, assimilações históricas, e ao mesmo tempo o que podemos chamar de pensamento utópico. Com relação a este último, Cunha (1985, p.28) revendo a definição de utopia de Paulo Freire, comenta que o que está presente nela (utopia) “é anteprojetado, que só se tornará projeto na práxis histórica, que é onde se tornará viável, real. Que entre a utopia e sua realização há um *tempo histórico*, que é o tempo da ação transformadora, da construção da realidade.”

E neste tempo, entre o anúncio e a denúncia, que Vergínea, através da codificação, o que quer dizer, da representação de uma situação existencial, em que enquanto se vive, não se admira, ou se admira, sem se dar conta das implicações da situação, afirmou:

A gente sabe o que significa ser enfermeira... A gente é que não se dá conta. Só isso.”

Quando esta participante faz a codificação e termina sua afirmação utilizando a expressão “Só isso.”, embora, a primeira vista, possa parecer um ato de resignação, creiam-me, não o é! Primeiramente, porque resignação, acomodação, ou qualquer coisa que o valha,

não me parece característica substancial desta mulher, enfermeira, haja visto sua trajetória profissional – foi atendente e auxiliar de enfermagem, antes de graduar-se. Aceitou o desafio de trabalhar como enfermeira num hospital geral, de médio porte, único na cidade em que se localiza, e que desde sua inauguração, em 1943, nunca contou com uma profissional desta categoria.

A expressão, utilizada por esta integrante, nos remete ao que Freire (1994) compreende como dialetização do ato de anunciar e denunciar, da tensão entre um presente que, tornando-se intolerável, anuncia um futuro que precisa ser construído, política, estética e eticamente, neste caso, por seres humanos que exercem a função de enfermeiras e enfermeiros.

A propósito deste movimento de dialetização, todo o pensamento, que aqui vou descrevendo, apoia-se no que Konder (1981) referiu, citando Engels. Para este, as leis gerais da dialética, aplicadas tanto à história humana como à natureza, podem ser reduzidas a três, essencialmente: 1) a lei da passagem da quantidade à qualidade e desta para aquela – as coisas não mudam no mesmo ritmo. O processo de transformação passa por períodos mais lentos (pequenas alterações quantitativas) e por períodos de maior aceleração, em que se precipitam alterações qualitativas. O exemplo mais célebre é o da água, que para passar da qualidade de estado líquido, para a qualidade de vapor, precisa de acréscimos de graus, de aumento da quantidade de calor; 2) a lei da interpenetração dos contrários – tudo tem haver com tudo. Os diversos aspectos da realidade se entrelaçam, de modo que as situações não podem ser compreendidas isoladamente. Precisamos levar em conta o contexto em que se apresentam. Prevalece um lado ou o outro da realidade. Os dois lados se opõem e, no entanto constituem uma unidade – a unidade dos contrários; 3) a lei da negação da negação – os movimentos da realidade não são absurdos, contraditoriamente irracionais, não se perdem em afirmações e negações (teses e antíteses). O sentido da realidade se sustenta numa afirmação, que, por sua

vez, incita a sua própria negação, no entanto a negação não prevalece, é superada, a partir do surgimento de uma nova afirmação (síntese) que não é nada mais, nada menos que a negação da negação.

Ainda, segundo Konder (1981) embora didáticas, estas leis possuem algumas limitações, a principal delas é que os princípios da dialética se prestam mal à codificações, como as que foram colocadas, pois códigos (neste caso, entenda-se, leis) são fixas, daí a dificuldade de articulá-las com uma concepção de mundo, que se ancora em processos de transformações. Ademais, utilizo a afirmação do autor : “a dialética parte do reconhecimento do fato de que o processo de autocriação do homem introduziu na realidade uma dimensão nova, cujos problemas exigem um enfoque também novo” (Konder, 1981,p.60).

Essa dimensão nova, num momento em particular de nossas discussões, foi trazida por Elis, após a afirmação feita por Vergínea, colocando assim:

“...Acho que meio filosofando... meio viajando, acho que o enfermeiro, assim, um ser ecológico, que precisa agir ecologicamente... No cuidado pra preservação desse homem. Não só desse homem biológico, mas também desse homem emocional, psicológico, social... E com isso você tá resgatando você mesma... Esse Ser Humano que é você.

Esta participante, ao expressar seu pensamento, mudou significativamente o rumo da discussão. Àquela altura do nosso encontro, dominava a idéia do lado duro da realidade, discutíamos e francamente colocávamos os obstáculos, as forças opressoras, que invadiam e banhavam o nosso mundo. Quanto mais nos pronunciávamos, mais obstáculos, mais desafios, portanto, a serem vencidos. E Elis a integrante que, num dos encontros, perguntou ao grupo, como se estivesse perguntando a si mesma : - *Que rosto eu tenho?* Dando conta através da sua indagação a crise de identidade que cerca a profissão, foi a mesma, que através do processo de desvelamento, retirou também nossos véus acinzentados

pelas forças esmagadoras e desumanizantes da opressão, nos conduzindo através de suas reflexões, para uma outra forma de pensar o nosso mundo profissional. Esta mulher, enfermeira com seu pensamento utópico, apontou para a possibilidade da progressiva consciência da realidade – consciência crítica, à construção do projeto – a utopia. Estávamos unidas, solidárias, e por esta razão, imediatamente nos voltamos atentamente à reflexão/convocação da colega. É o professor Fiori (1987) quem refere que o Círculo de Cultura revive a vida criticamente, através da emersão das consciências do mundo vivido, assim objetiva-o, problematiza-o, e mais compreende-o como projeto humano. Retomo às palavras de Elis :

“...com isso você tá resgatando você mesma... Esse Ser humano que é você.”

A reflexão da participante é o reconhecimento do SER MAIS, e neste sentido, Fiori (1987) refere :

Testemunhando objetivamente sua história, mesmo a consciência ingênua acaba por despertar criticamente, e para identificar-se como personagem que se ignorava e é chamada a assumir seu papel. A consciência do mundo e a consciência de si crescem juntas e em razão direta; uma é luz interior da outra. Evidencia-se a intrínseca correlação entre conquistar-se, fazer-se mais a si mesmo, e conquistar o mundo, fazê-lo mais humano (Fiori, 1987,p.09-21).

Muitas pessoas, segundo Saupe et al (1998) questionam a validade do Método Freireano. A utilização deste método se configura numa alternativa para os que não se conformam com a realidade dada. Ao contrário do que seria a busca de fórmulas “mágicas”, a metodologia proposta procura libertar os integrantes do Círculo, através de desvelamentos da realidade vivida, dando conta que certezas permanentes não existem.

Ainda, Saupe et al (1998, p.262), acerca dos resultados dos encontros em Círculo de Cultura, relata: As transformações acontecem de diferentes maneiras : muitas vezes elas são evidentes, rápidas e concretas. Outras vezes são abstratas, permanecem em cada

consciência e o que acontece é a sensibilização dos membros do grupo para um novo olhar à realidade. Mudanças ocorrem mais ou menos perceptíveis, breves ou longas, mas acontecem e vão do compromisso e do envolvimento de cada um, que somado a outros membros do Círculo de Cultura irão buscar a transformação possível.

5.6 – O Processo Pessoal De Superação Das Participantes

Com relação as transformações ocorridas, imagino que o leitor ou a leitora devem estar curiosos. As palavras de Saupe et al (1998,p.262) dão conta do ocorrido: “Mudanças, correm mais ou menos perceptíveis.” A este propósito, a título de dar um exemplo, citarei uma breve passagem, de um de nossos encontros, que envolveu Luana. Esta participante era (é) a mais jovem do grupo. Falava pouco, mas sempre manifestava-se com muita firmeza. Desde 1993 vem trabalhando em Unidades de hemodiálise, há 02(dois) estava trabalhando em Mafra/SC, também desenvolvendo suas atividades profissionais com doentes renais crônicos. À época, freqüentava curso de pós-graduação em Ecologia Aplicada e através de ensino a distância, fazia um curso de especialização na área de nefrologia. Luana confidenciou ao grupo que sentia como se fora um “bichinho do mato”, tal sua dificuldade em expor suas opiniões, mas que ao ouvir e poder falar ao grupo, percebeu que não estava isolada, como pensava anteriormente, e afirmou:

“De repente eu ser convidada a participar de um grupo e poder falar, expressar meus pensamentos... abriu muito.”

Aqui o processo de superação foi flagrante. Por si só, se este fato tivesse sido o único, no que se refere à transformações percebidas, já teria sido o suficiente. Luana foi

convidada a participar do grupo e aceitou, relatou que venceu um obstáculo – o de colocar-se, de manifestar-se.

O momento vivido através do depoimento desta integrante/integrada me remete ao Ser Humano que venho delineando no corpo deste trabalho, que nas palavras de Freire (1987,p.101), posso mais uma vez sustentar : “Sendo os homens seres em ‘situação’ , se encontram enraizados em condições tempo-espaciais, que os marcam e que a eles igualmente marcam (...) *são* porque *estão em situação*. E serão tanto mais quanto não só pensem criticamente sobre sua forma de *estar*, mas criticamente atuem sobre a situação em que estão.”

Na compreensão de Freire (1994), o homem integrado é o homem sujeito. Esta integração é consequência de sua capacidade de ajustar-se à realidade, para então poder transformá-la; fazer opções cuja nota fundamental seja a criticidade. Assim, a partir das relações com a realidade, através de atos de criação e recriação, o homem vai dinamizando seu mundo, dominando a realidade. Acrescentando a este mundo suas marcas, algo que é seu, faz cultura, e a fará melhor quanto mais se aproprie dos sistemas fundamentais, quanto mais reconheça as tarefas a serem cumpridas. E Luana, assim o fez:

“Depois que a gente conversou sobre o que significa ser enfermeira, eu cheguei e falei prá minha chefe.... Poxa! Eu não me sinto enfermeira... Estou me sentindo assim... só fazendo a parte técnica das coisas... E aí ela me disse – Nós vamos mudar isso!”

As colocações dessa participante abrem um leque de reflexões. Costumo dizer que no ideário das pessoas em geral, enfermeira é aquela que sabe aplicar injeção e verificar pressão arterial. Os profissionais da área (enfermagem) e os da saúde, e até outros que tenham necessitado dos nossos serviços ou que por alguma contingência tenham se relacionado conosco (as enfermeiras), sabem que isto não corresponde à realidade. No entanto, o

fundamental é que NÓS reconheçamos esta situação como ponto de partida, como um desafio que temos e havemos de superar como compromisso histórico.

Foi também Luana, que num dos nossos encontros, referiu ser conhecida em seu ambiente de trabalho como a “enfermeira bombril- mil e uma atividades”. Aqui, outro sem número de reflexões argumentações e explicações podem ser dadas. Dentre estas, por exemplo, a ideologia que cerca a profissão, de modo que, a enfermagem seja compreendida como uma extensão dos trabalhos domésticos e que a enfermeira seja reconhecida como “anjo”, que deixa de lado seus interesses pessoais, concentrando-se especialmente no cumprimento de sua “missão” (Passos, 1996). Para Lopes (1996) os limites, as pressões, as forças de interiorização levaram à uma subjetivação, qual seja, a construção de um tipo ideal de enfermeira e de enfermagem. Este tipo ideal traz embutida a disponibilidade permanente, com que as mulheres se colocam em relação à seus maridos e seus filhos, desapropriando-se do seu tempo em favor dessa família. Isso é traduzido quando a referida autora coloca: “Poderíamos dizer que o tempo do trabalho de Enfermagem, mesmo se submetido hoje à relação salarial (tempo e valor de troca), é avaliado e recompensado em uma espécie de relação de serviço” (Lopes, 1996, p.91). Nas instituições menores, as de pequeno porte, este “estar à disposição”, evidencia-se ainda mais, reforça a autora.

Vejamos o desabafo de Luana:

“Eu não tenho tempo prá mim, estou sempre ligada nos problemas da unidade (de hemodiálise)”.

A codificação feita, por este membro do grupo, nos remete à alguns dos elementos que constituíram o ato de codificar sua questão: 1. poder ouvir e falar sobre sua condição profissional com outras pessoas que podiam compreendê-la; 2. o fato de ter percebido e ter manifestado claramente que estava insatisfeita com relação ao seu papel de

enfermeira – preocupava-se somente com a parte técnica e fazia atividades, que não eram próprias da profissão.

Ora, após reflexão crítica, que possibilitou a interação dos elementos constituintes do seu código, esta mulher, enfermeira, se deu conta que precisava modificar a situação. *Como?* Perguntei na tentativa de descodificar. *Impondo limites*, desvelou Luana, rapidamente.

Ao realizar esta análise destaquei alguns recortes de nossas discussões, que considerei relevantes, para que você, leitor ou leitora, compreendessem, não só a forma como desenvolvemos o trabalho, como também captassem nossos códigos, descodificações, desvelamentos e superações. Vale ressaltar, a esta altura, que as colocações feitas dão conta das minhas apreensões, tanto na condição de mulher, como de enfermeira, e que, com certeza, qualquer outra pessoa em meu lugar, apontaria ou mesmo trataria, as discussões feitas de forma diferente.

Além do que até aqui considerei para este estudo, muito mais pode e deve ser considerado. Optei então por encerrar por aqui, haja vista que, em se tratando de temas geradores, se não os encerramos em algum momento, eles continuaram gerando cada vez mais desdobramentos.

Chamo a atenção do leitor ou da leitora para um fato deveras relevante. Se conseguimos apontar muitos códigos, o que significa que as situações existenciais são inúmeras, também apontamos uma série de descodificações as quais nos levaram a dezenas de desvelamentos. Não são os números que mais importam, mas a qualidade destas descobertas, o empenho, o esforço mesmo para a retirada de muitos de nossos véus. A forma como exercemos a enfermagem, hoje não representa, não satisfaz o que permeia o nosso ideário em relação à profissão, é certo. Por outro lado, não podemos negar que é exatamente esse ideário,

que vem sustentando muito de nossa prática, principalmente no que diz respeito aos movimentos de superação. Urge, portanto, que o desvelemos no e com o mundo. De um lado, enquanto categoria, somos oprimidos, principalmente pelo processo de trabalho; por outro, também nos colocamos como opressores, também em consequência deste processo de trabalho. Muito há que ser feito. Para este grupo de mulheres e enfermeiras, o primeiro passo foi a tomada de consciência - esta mesma que poderá (pode) nos encaminhar à conscientização, incremento essencial para a busca do SER MAIS.

A experiência parece ter sido proveitosa. Andréa traduziu esta idéia ao comentar :

Por isso que temos que continuar esses Círculos, nós mesmas, com as nossas questões.

6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na verdade, seria incompreensível se a consciência de minha presença no mundo não significasse já a impossibilidade de minha ausência de construção na minha própria presença. Como presença consciente no mundo não posso escapar à responsabilidade do meu mover-me no mundo (Freire, 1997, p.20).

Assim, enquanto ser humano, em face das minhas potencialidades e limites, com o intuito, a esperança mesma de burilar as primeiras e superar cada vez mais estes últimos, no mundo e com o mundo, em comunhão com outros seres humanos, que assim também considerem o seu existir, coloquei-me nesta empreitada que, agora, supostamente, chega ao final.

Convém ressaltar que melhor seria (é) tratarmos do que neste capítulo foi escrito, com a compreensão de que, em vez de considerações finais, as percebamos como outras, ou melhor, como novas ou renovadas considerações. Mulheres ou homens, que somos sabedores de nossa inconclusão, de nosso inacabamento, *no* e *com* um mundo, igualmente inconcluso e inacabado, vamos criando e recriando, construindo e reconstruindo a nossa própria humanização e pronunciando uma realidade nova.

O leitor ou a leitora, então, devem compreender este capítulo como um convite ao “mundo” de desdobramentos que consegui perceber e destacar, originados naquele Círculo de Cultura, e alicerçado pela literatura, bem como pelas apreensões que fiz e tenho feito. Os diálogos (inclusive os invisíveis) que tenho experimentado desde que iniciei este estudo acerca de tudo que o constituiu : mulheres, homens, enfermeiras, enfermagem, gente, mundo etc., representam um outro conjunto de apreensões que agora também fazem parte da minha vida.

José Saramago(1998) no *Conto da Ilha Desconhecida* (Companhia Das Letras) trata de um homem solitário e obstinado pela idéia de lançar-se no mar e encontrar uma ilha desconhecida. O protagonista do conto recusava a geografia do mundo conhecido e tinha como objetivo de vida saber quem ele seria quando na “sua” ilha estivesse. “Se não saís de ti, não chegas a saber quem és (...) Que é necessário sair da ilha para ver a ilha, que não nos vemos se não nos saímos de nós, se não saímos de nós próprios” (p.40-41). O homem deste conto marca com suas palavras o que, segundo Freire (1994), é a capacidade que somente o ser humano tem – a transcendência – que permite auto-objetivar-se e, a partir daí, distinguir um “eu” de um “não eu”.

Percebemos, sentimos isto, fortemente nesta experiência. Entre os vários exemplos das participantes, posso citar a idéia de Ana : *Estou aprendendo a ser mais profissional, mais humana, mais ética, mais mulher (...) Quero refletir para transformar em equilíbrio com o meio onde vivo.*” Esta participante, que a princípio pareceu debater-se todo o tempo com o "seu" mundo, relatou num outro momento : *"Hoje eu estou bem assim ... Cada dia é um dia. Eu estou mais em paz.* Sua luta agora, concluo, não é mais “suicida”, sinal evidente de ajustamento, diferente da situação de adequação apenas. Já Elis argumentou: *"Eu tô sentindo que tem alguma coisa acontecendo, assim, comigo. Acho que tô pensando de forma mais clara, com relação a mim mesma. Nossa, parece até ..., não sei... Minha auto-estima, tá mais forte! Só assim, me coloco melhor e posso ver mais coisas, e conseguir fazer mais coisas também"*. Esta participante, que no segundo encontro disse não saber o que fazer para conseguir SER MAIS, parece ter encontrado o caminho. Descobriu, por desvelar, talvez. Andréa, que se sentia *"com as mão amarradas"* no início do Círculo, apontou : *"Eu também tô me sentindo assim... Ainda não posso dizer como, mas, eu tô mais forte, nas pequenas coisas, eu já tô notando."* Desvelamento puro, não restam dúvidas. Luana várias vezes enfatizou a

descoberta da vida em comunhão : *"Sozinhos a gente não chega a lugar algum."* Irmã Vergínia, nossa querida freira, que em algumas situações apontou sua rebeldia, haja vista sua inquietação frente às injustiças cotidianas, todo o tempo trouxe para o grupo sua preocupação com o resgate urgente da solidariedade. Mostrou-nos esse caminho, exemplificando-o através da estória do passarinho que levava água no bico para apagar um incêndio; enfatizou, que o momento sempre é de construção, mas que esta tem, obrigatoriamente de ser crítica. E, finalmente, a autora deste relatório, entre os inúmeros desvelamentos - esta dissertação é um exemplo - descobriu-se um pouco mais. Mais gente, mais ética, mais profissional, mais esperançosa, mais humilde, mais convicta, inclusive de que precisa continuar esta busca, que se mostra incessante. Enfim, encontro após encontro, percebíamos (percebemos), às vezes em conjunto, às vezes individualmente, as transformações que aconteciam e as que se anunciavam, todas voltadas à nossa assunção mesma, enquanto seres inconclusos e inacabados, por isso, humanos. Desta feita, **desvelamo-nos em comunhão**, como sugere o título desta dissertação. Perspectivas emergiram – **no mundo e com o mundo**. Apreendemos uma forma de tentar superar nossos desafios, através de uma metodologia marcada pelo respeito às diferenças, ao mesmo tempo em que profundamente solidária – **num Círculo de Cultura**.

Somos todas mulheres e enfermeiras, duas condições que, unidas nos proporcionaram algumas dezenas de codificações, descodificações e desvelamentos, com vistas a superações. "Carregamos conosco a memória de muitas tramas, o corpo molhado de nossa história, de nossa cultura" (Freire, 1994, p.32-33), vivenciamos esta situação em nosso Círculo. A consciência da temporalidade, impregnada de um sentido conseqüente, fez (faz) com que nos tornemos capazes de interferir, portanto de sermos históricas e culturais, integradas e, por assim ser, comprometidas com a busca incessante do SER MAIS.

Da metodologia utilizada, o estudo em si serviu para sustentar as crenças que, até a realização do trabalho, trazíamos conosco (as integrantes do grupo), ao mesmo tempo em que nos fez renovar, vislumbrar as possibilidades de descobertas e redescobertas, principalmente sobre a forma de como atuamos na condição de profissionais comprometidas com a educação em saúde. A propósito, diante do que considero ser a minha capacidade de apreensão deste mundo de Seres Humanos, e destes com o mundo, no mundo, remeto-me a mim mesma e, do encontro com meu “umbigo”, descubro, percebo, me dou conta da minha própria práxis.

Nesta ação, reflexão e ação, que só podem se dar de maneira interativa e dinâmica, optei por percorrer caminhos que pretendessem desvelar e desdobrar ações cada vez mais reflexivas, ao mesmo tempo que reflexões cada vez mais práticas, mais concretas, a partir do desencadeamento e exercício de pensar em termos de relações, destas que venho reafirmando nesta dissertação. E é nesta perspectiva que relaciono o meu Fazer Enfermagem com base em práticas educativas que se pretendam humanistas/problematizadoras/libertadoras. A grande descoberta, para mim especialmente, foi perceber que não estava sozinha, que as colegas daquele Círculo - o que significa a quase totalidade de enfermeiras de dois municípios - também pensavam assim, e isto se traduz na grande possibilidade da realização de trabalhos de cunho educativo, em comunhão, aliás, uma das perspectivas deste estudo. O Método Freireano comporta a presença do “animador”, cuja presença é indispensável, haja vista sua atuação para os encaminhamentos feitos pelo grupo. Faundez (1993, p. 39) faz uma assertiva deveras interessante e que para mim, especialmente em decorrência da experiência vivida, “caiu como uma luva” : Ele, o *animador*, “será uma espécie de animador dos animadores, na medida em que todos os membros do grupo e o próprio grupo devem se tornar também animadores.”

A partir daí, vivenciamos encontros e descobertas : 1º) a nossa crença e esperança no ser humano e no mundo, com base nas concepções de Paulo Freire, as quais ancoraram os conceitos desta dissertação; 2º) o fato de todas estarmos, naquele momento de nossa existência, diante de “situações-limites”, as quais conseguimos, ou se não, tentamos superar, não mais isoladamente, mas em comunhão; 3º) a escolha dos temas geradores - feita com tanta autenticidade e liberdade, que chegamos a nós mesmas. Àquela altura, diante dos desafios pessoais e profissionais, investimos em nós, num mergulho do qual conhecíamos somente o ponto de partida – o desejo de superar situações que, agora sabemos, eram limites ao nosso SER MAIS. O desconhecimento do ponto de chegada tornou-se cada vez menos “preocupante”, à medida que refletíamos sobre nossa *situacionalidade* e que, desafiados por ela, percebíamos que podíamos agir sobre ela. Configurou-se, pois, a tomada de consciência o primeiro passo que exigiu (exige) de nós a inserção crítica na realidade que começava a desvelar-se. Está aí, portanto, a resposta, a eficácia e eficiência do método proposto por Freire.

Ser Mulher e Enfermeira; Ética e Enfermagem; Contexto (realidade) da atuação profissional e Como SER MAIS foram temas levantados por este grupo. Nos encontros que realizamos, discutimos apenas os dois primeiros. Por considerar que o maior aprofundamento aconteceu no primeiro tema, optei por trazer para este estudo apenas esta temática.

Ao refletir acerca das colocações feitas, acerca dos dois núcleos do tema gerador – Mulher e Enfermeira – pude observar que, com relação ao primeiro, parece claro que o principal código apontado pelo grupo está, na verdade, intimamente relacionado à forma ideológica como as sociedades têm compreendido as relações entre os sexos. Aí, esbarramos no conceito de gênero, o qual compreende aquilo que, no corpo deste estudo, vimos tratando exaustivamente – a questão das relações entre seres humanos, no e com o mundo.

As mulheres deste Circulo, no exercício de pensar sobre os desafios que precisam superar, perceberam e manifestaram, através de suas colocações, que se até aqui, ao longo da história, mudanças vêm ocorrendo nas formas de percepção da realidade, muito precisa ser feito para que haja uma reestruturação nas relações quando se trata de homens e mulheres na sociedade. É inegável que, nos últimos anos, os avanços destas relações são flagrantes. Avanços que não vieram do nada, como não poderia deixar de ser, mas da luta, principalmente das mulheres que se pretenderam (e se pretendem), que se comprometeram (e se comprometem) com a assunção de seu papel na conquista da situação de sujeitos, conquista que, longe de estar terminada, urge que seja pauta fundamental na vida de ambos os sexos.

Da condição de ser enfermeira, o tema se desenvolveu efetivamente, gerando anúncios e denúncias. Chegamos inclusive a uma definição, construída através da reflexão da realidade mesma e do vislumbre de utopias. Muito do que foi apreendido do nosso cotidiano não corresponde às nossas expectativas, é verdade; em contrapartida, essa mesma realidade é que nos levou (leva) à compreensão do nosso papel, qual seja, de facilitadoras do desenvolvimento de potencialidades da gente que cuidamos e de nós mesmas, enquanto cuidadoras, comprometidas que somos com a melhoria da qualidade de vida no mundo e, particularmente, das vidas que encontramos nos nossos respectivos ambientes profissionais. Tudo isto é real, é concreto, percebe-se e destaca-se em nosso dia-a-dia, às vezes mais, às vezes menos. A utopia tem, pois, como ponto de partida, este mesmo universo, transformado e transformador. No entanto, a transformação, qualquer que seja ela, requer uma preparação, cujo embrião só pode ser o encontro de homens e mulheres, com vistas à superação da realidade opressora, da pronúnciação de um novo mundo, não de fadas, anjos ou bruxas, mas que comporte também mulheres, trabalhadoras, enfermeiras, na forma como sonhamos hoje.

Como perspectivas, a primeira delas, sem dúvidas é repetir a experiência com este mesmo grupo que, com certeza, não se dará da mesma forma, e com outros que pretendam, assim como as participantes deste estudo, SER MAIS. A possibilidade de repetirmos a experiência utilizando a metodologia e formarmos novos Círculos de Cultura, haja vista o nosso comprometimento com a educação em saúde, é bastante concreta, inaugurando assim, uma outra forma de atuar nesta área. E, finalmente, que esta busca do SER MAIS, capacidade nossa mesma, seja vislumbrada, percebida e destacada, independentemente do método ou da forma que escolhamos nas relações no e com o mundo.

Para finalizar (se isto é possível), presenteio o leitor ou a leitora, com as palavras de Giannetti (1999) que, em sua coluna no Jornal Folha de S. Paulo, ao fazer uma crítica sobre o belo livro de Saramago, *O Conto da ilha desconhecida*, argumentando sobre o sonho e a realidade, registra o seguinte : “Sonhar e apostar no sonho são o sal da vida. A ação exploratória – ousar o novo, tentar o não tentado, pensar o impensável – é a fonte de toda mudança, de todo o avanço e da ambição individual e coletiva de viver melhor.”

7 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Maria Cecília Puntel de; ROCHA, Juan Stuardo Yazlle. **O saber enfermagem e sua dimensão prática**. 2 ed. São Paulo : Cortez, 1989.
- ALMEIDA, Maria Cecília Puntel de, ROCHA, Semiramis Melani Melo. Considerações sobre a enfermagem enquanto trabalho. In : _____. **O trabalho de enfermagem**. São Paulo : Cortez, 1997. p.15-26.
- ARAÚJO FREIRE, Ana Maria. A voz da esposa: a trajetória de Paulo Freire. In : GADOTTI, Moacir. **Paulo Freire: uma biobibliografia**. São Paulo : Cortez, 1996. p. 27-67.
- BADINTER, Elizabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. 7. ed. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1985.
- _____. **Um é o outro**. 5. ed. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1986.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. 2. ed. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1980.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Resolução nº 196/96, sobre pesquisa envolvendo seres humanos**. Brasília, 1996.
- CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM. **Código de ética profissionais de enfermagem**. Rio de Janeiro : Impressão – Gráfica do COFEN, 1993.
- CUNHA, Diana A. **As utopias na educação: ensaio sobre as propostas de Paulo Freire**. 2 ed. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1985.
- DYNIWICZ, Ana Maria. **Educando-nos em grupo por ações em saúde - uma ênfase na prática assistencial do enfermeiro**. Curitiba, 1995. Dissertação (Mestrado em Assistência de Enfermagem). Rede de Pós -Graduação em Enfermagem – REPENSUL Expansão Pólo I, Universidade Federal do Paraná.
- FAUNDEZ, Antonio. **O poder da participação**. São Paulo : Cortez, 1993. V.18.

- FIORI, Ernani Maria. Aprender a dizer a sua palavra. In: FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1987. p. 9-21.
- FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia**. 4 ed. São Paulo : Ática, 1995.
- FONSECA, Tânia Mara Galle. De mulher a enfermeira : conjugando trabalho e gênero. In : LOPES, Marta Julia Marques; MEYER, Dagmar Estermann; WALDOW, Vera Regina. **Gênero & saúde**. Porto Alegre : Artes Médicas, 1996, p. 63-75.
- FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 20 ed. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1979. v. 1.
- _____. **Conscientização**. 3 ed. São Paulo : Moraes, 1980.
- _____. **Pedagogia do oprimido**. 12 ed. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1987.
- _____. **Pedagogia da esperança - um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 3 ed. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1992.
- _____. **Extensão ou comunicação**. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1992.
- _____. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1994.
- _____. **À sombra desta mangueira**. São Paulo : Olho d'Água, 1995.
- _____. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo : Paz e Terra, 1997.
- GADOTTI, Moacir. **Convite à leitura de Paulo Freire**. 2. ed. São Paulo : Scipione, 1991.
- _____. A voz do biógrafo brasileiro: a prática à altura do sonho. In : _____. **Paulo Freire: uma biobibliografia**. São Paulo : Cortez, 1996. p. 69-115.
- GERMANO, Raimunda Medeiros. **A ética e o ensino de ética na enfermagem do Brasil**. São Paulo : Cortez, 1993.

- GIANNETTI, Eduardo. *Sonhos oceânicos, senso prático anêmico. Folha de S. Paulo*. São Paulo. 28 de jan. 1999.
- KERGOAT, Danièle. *Relações sociais de sexos e divisão sexual do trabalho*. In : LOPES, Marta Julia Marques et al. **Gênero & saúde**. Porto Alegre : Artes Médicas, 1996. p. 19- 27.
- KONDER, Leandro. **O que é dialética**. 27 ed. São Paulo : brasiliense, 1981.
- LIMA, Maria José. **O que é enfermagem**. São Paulo : Brasiliense, 1993.
- LOPES, Marta Julia Marques. *O sexo do hospital*. In : LOPES, Marta Julia Marques et al. **Gênero & saúde**. Porto Alegre : Artes Médicas, 1996, p. 76- 105.
- LOURO, Guacira Lopes. *Nas redes do conceito de gênero*. In : LOPES, Marta Julia Marques; et al. _____. Porto Alegre : Artes Médicas, 1996. p.7-18.
- LUNARDI, Valéria Lerch. *Uma crítica da moral da obediência para a busca de uma moral autônoma da enfermeira*. **Texto & Contexto – Enfermagem**. Florianópolis, v. 4, n.2. p. 73-92, jul./dez. 1995.
- MANSUR, Jandira. **O frio pode ser quente?** 12 ed. São Paulo : Ática, 1997.
- MARODIN, Marilene. *As relações entre o homem e a mulher na atualidade*. In : STREY, Marlene Neves. **Mulher, estudos de gênero**. São Leopoldo : UNISINOS, 1997. p. 9- 18.
- MEYER, Dagmar Estermann. *Do poder ao gênero: uma articulação teórico-analítica*. In : LOPES, Marta Julia Marques et al. **Gênero & saúde**. Porto Alegre : Artes Médicas. 1996, p. 41-51.
- MURARO, Rose Marie. **A mulher no terceiro milênio**. 4. ed. Rio de Janeiro : Record, 1995.
- NAKAMAE, Djair Daniel. **Novos caminhos da enfermagem**. São Paulo : Cortez, 1987.
- NIGHTINGALE, Florence. **Notas sobre enfermagem**. São Paulo : Cortez, 1989.

- PADILHA, Maria Itayra Coelho de Souza. Questões éticas: cuidados Metodológicos na pesquisa de enfermagem. **Texto & Contexto – Enfermagem**, Florianópolis, v. 4, n. 2, p.118-132, jul./dez. 1995.
- PASSOS, Elizete Silva. **De anjos a mulheres: ideologias e valores na formação de enfermeiras**. Salvador : EDUFBA/EGBA, 1996.
- PIRES, Denise. **Hegemonia médica na saúde e a enfermagem**. São Paulo : Cortez, 1989.
- PRÁ, Jussara Reis. O feminismo como teoria e como prática política. In: STREY, Marlene Neves. **Mulher, estudos de gênero**. São Leopoldo : UNISINOS, 1997. p. 39-57.
- SARAMAGO, José. **O conto da ilha desconhecida**. São Paulo : Companhia das Letras, 1998.
- SARDENBERG, Cecília M.B.; COSTA, Ana Alice A. Feminismos, feministas e movimentos sociais. In: BRANDÃO, Margarida Luiza Ribeiro; BINGEMER, Maria Clara L. **Mulher e relações de gênero**. São Paulo : Edições, 1994. p. 81-114.
- SAUPE, Rosita. As concepções do educador Paulo Freire: como vêm sendo utilizadas pela enfermagem. In : SAUPE, Rosita et al. **Educação em enfermagem**. Florianópolis : ed. da UFSC, 1998. p.243-272.
- SAVIANI, Demerval. Trabalho como princípio educativo frente às novas tecnologias. In : FERRETTI et al. **Novas tecnologias, trabalho e educação: um debate multidisciplinar**. Petrópolis : Vozes, 1994.
- SILVA, Alcione Leite da. O feminismo pós-moderno e a pesquisa : implicações para a enfermagem. **Texto Contexto Enferm.** , Florianópolis, v.6, n.1, p. 66-83, jan./abr.1997.
- SILVA, Graciete Borges da. **A enfermagem profissional: análise crítica**. São Paulo : Cortez, 1986.
- STREY, Marlene Neves et al. Mulher, gênero e representação. In : _____. **Mulher, estudos de gênero**. São Leopoldo : UNISINOS, 1997. p. 59- 77.
- TOSCANO, Moema, GOLDENBERG, Mirian. **A revolução das mulheres**. Rio de Janeiro : Revan, 1992.

WALDOW, Vera Regina. Cuidar/cuidado: o domínio unificador da enfermagem. In : WALDOW, Vera Regina et al. **Maneiras de cuidar, maneiras de ensinar** : a enfermagem entre a escola e a prática profissional. Porto Alegre : Artes Médicas, 1995. p. 7- 30.

ANEXO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, Enfermeira, decidi de livre e espontânea vontade participar do *Círculo de Cultura*, proposto pela mestrandia Kleyde Ventura de Souza, em face do cumprimento do Projeto de Prática Assistencial que esta (a mestrandia) apresentará, como requisito para aprovação de uma das disciplinas do Curso de Mestrado em Assistência de enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina - REPENSUL, Expansão - Pólo I UFPR., e posteriormente, como dissertação, para aprovação, no mesmo curso, realizado em encontros, no período de 20 de abril à 07 de junho de 1997.

Concordei em participar do já referido projeto após ter recebido esclarecimentos, os quais julguei satisfatórios, acerca da natureza do projeto, bem como dos seus objetivos, métodos, benefícios previstos, possíveis riscos e incômodos, e ainda, ficou assegurada minha liberdade de desistir de participar do mesmo, a qualquer momento, sem que precisasse fazer qualquer tipo de ressalva, que julgasse desnecessária.

Outrossim, através deste, concedo, também, de livre e espontânea vontade, a utilização do meu nome, no corpo deste trabalho, reiterando que me responsabilizo inteiramente, pelas minhas colocações verbais, registradas em fita K-7, durante os encontros que participei neste *Círculo de Cultura*.

Enfermeira – participante

Data, ____/____/____.